

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CAROLINE DI DONATO

**DE TEMA A COLABORADORAS DO JORNAL: AS MULHERES NAS PÁGINAS
DO SEMANÁRIO *O COMÍCIO* (1952)**

UBERLÂNDIA

2023

CAROLINE DI DONATO

**DE TEMA A COLABORADORAS DO JORNAL: AS MULHERES NAS PÁGINAS
DO SEMANÁRIO *O COMÍCIO*.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Flávia Cernic Ramos

UBERLÂNDIA

2023

CAROLINE DI DONATO

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Flávia Cernic Ramos (orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Magalhães da Silveira

Prof^ª. Me. Maria Fernanda Ribeiro Cunha

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao CNPq, pela oportunidade de ter feito Iniciação Científica de setembro de 2021 a agosto de 2022. O trabalho desenvolvido durante essa IC foi os primeiros passos dessa monografia. Agradeço, também, ao Programa de Residência Pedagógica, e a CAPES pela oportunidade de adquirir experiências de caráter formativo para seguir com caminho da licenciatura.

Agradeço, principalmente, a minha família, por todo o apoio que recebi deles ao decidir cursar história. Em especial o meu pai, Roberto, pois todo o apoio e o suporte que recebi dele foi essencial para eu chegar até aqui, ao aceitar que eu me mudasse de cidade, e confiar que eu conseguiria voar com minhas próprias asas, mesmo que em curvas as vezes. Não poderia deixar de agradecer a minha mãe, Liliane, que sofreu muito com minha partida, mas entendeu a necessidade de eu trilhar meu próprio caminho. E ao meu padrasto, Renato, que o seu jeito de demonstrar todo seu apoio por mim foi cuidando de minha mãe enquanto eu estava distante. Agradeço imensamente meus avós paternos, Marlene e Biagio, por todo o suporte oferecido ao longo de meu trajeto, em especial para minha vó que disse que eu “tinha cara de professora” no seu discurso de apoio para eu continuar meu caminho. Agradeço ao meu avô materno, Reinaldo, por mesmo com dúvidas apoiar a minha decisão, e se alegrar toda vez que eu vou visitá-lo. Nesta parte quero deixar um agradecimento especial, para minha avó, Vera, e meu tio, Weder, que já nos deixaram, porém sei que em todos meus momentos de incertezas e aflições eles estavam presentes.

Aos meus amigos, agradeço primeiramente a Leticia, que não houve um momento, nestes quase 10 anos de amizade, que não me senti acolhida e amparada por ela, desejo a todos uma Leticia na vida, pois na minha ela fez, e faz, muita diferença, e faz parte da minha saudade diária. A meus amigos de Ribeirão Preto, deixo os agradecimentos, também, ao Murillo e a Mariana, por todo o carinho que cultivamos desde o Ensino Médio. Aos meus amigos de Uberlândia, agradeço a Giovana, que mesmo nos conhecendo a pouco tempo, que, fazendo parte de várias áreas da minha vida, me apoiou e me incentivou a continuar e finalizar esta monografia. A meus colegas de turma, agradeço a Advânia, que foi meu primeiro contato em Uberlândia e segue se fazendo presente na minha vida mesmo depois de tantos acontecimentos; agradeço também, a Esther e ao Pedro, que foram minhas companhias de aulas e trabalhos, dividimos nossas aflições ao longo dessa jornada; agradeço também a Larissa, que nos aproximamos cada vez mais, e agora colegas de apartamento, dividimos os embates da vida e

nos apoiamos. Não posso deixar de agradecer a Rosinha, a Giovanna, a Letícia, o Fabio, a Nayara, o Danton, o João Pedro, a Ana, o Tiago e tantos outros que fizeram parte de toda minha trajetória.

Ao meu namorado, Eduardo, agradeço por toda a paciência de ouvir as minhas felicidades e infelicidades ao longo da produção dessa monografia. Agradeço, também, por toda a ajuda na confecção e estruturação. Mas o mais importante, agradeço por toda parceria, todo o carinho e todo o apoio que me deu durante todo o processo, sem isso com certeza eu não teria concluído. Obrigado por fazer dos meus dias mais felizes.

Minha experiência e permanência na faculdade, com certeza, não teria sido a mesma sem participar de tantas instâncias que a universidade oferece. Primeiramente, agradeço a Bateria Predadora, por ter sido meu refúgio e minha distração, que entre ensaios e reuniões me fez apaixonar cada vez mais pelo samba. Agradeço também ao CAHIS, por ter me dado propósito dentro do curso, e no qual sou feliz por ter ajudado a construir. Agradeço ao Levante Popular da Juventude, por ter me ensinado que “Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular”. Para além das instâncias que participei, agradeço a Coordenação dos cursos de história, por todo o apoio e ajuda ao longo dessa jornada. Agradeço também a Universidade Federal de Uberlândia, por ter me ensinado o poder de uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Aos meus professores da faculdade, agradeço primeiramente a minha orientadora, Ana Flávia, por todas as aulas incríveis e cheias de aprendizado que me proporcionou, as quais me levaram a escolher ela como orientadora. Obrigado por toda a paciência, as palavras de conforto, orientação e ensinamentos que me levaram a finalizar esse projeto. Agradeço a Daniela, primeiramente por ter aceitado o convite para compor essa banca, e também, por ter me ensinado tanto em todas (e foram muitas) matérias que me deu aula, e obrigado por todo o apoio como coordenadora do curso, o final da minha graduação não poderia acontecer sem você participando dele. Agradeço a Ana Paula, por todas as palavras de conforto em várias ocasiões, por ter me introduzido ao mundo da pesquisa, e ter acendido em mim a vontade de continuar fazendo pesquisa. E por fim, agradeço a Maria Fernanda, por ter me inspirado a continuar com minha pesquisa em um momento de dúvida, obrigado por ter aceitado o convite para compor minha banca.

Por que não se entregar ao mundo, mesmo sem compreendê-lo? Individualmente é absurdo procurar a solução. Ela se encontra misturada aos séculos, a todos os homens, a toda a natureza. E até o teu maior ídolo em literatura ou em ciência nada mais fez do que acrescentar cegamente mais um dado ao problema.

Clarice Lispector, 1941.

RESUMO

O semanário *O Comício* foi um periódico independente publicado de maio a outubro de 1952 na cidade do Rio de Janeiro. Em seu corpo de diretores encontramos figuras como Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Côrrea de Oliveira, todos nomes de destaque na imprensa e na literatura brasileira da época. Ao seu lado, estavam colaboradores como Millôr Fernandes, Fernando Sabino, Clarice Lispector e Hilde Weber, responsáveis por produzir diferentes conteúdos do jornal. Este trabalho tem como objetivo analisar a presença feminina n’*O Comício*, a fim de entender os papéis que foram atribuídos às mulheres neste periódico. Se, por vezes, elas foram temas das colunas publicadas no jornal, por outras elas foram colaboradoras, produzindo seu próprio olhar sobre os papéis sociais das mulheres em 1952 no Brasil. Pretende-se também investigar as diferenças dos discursos produzidos sobre as mulheres quando os textos eram escritos por figuras masculinas ou femininas. Para isso, analisamos o jornal dando ênfase tanto às caricaturas de Millôr Fernandes, quanto à seção intitulada “A Aventura do Cotidiano”, de Fernando Sabino. Como contraponto aos olhares dos colaboradores homens do jornal, foram analisadas tanto as crônicas da coluna “Entre Mulheres”, escrita por Clarice Lispector e, posteriormente, por Elsie Lessa, quanto as ilustrações de Hilde Weber e as reportagens assinadas por colaboradoras mulheres.

Palavras-chave: Brasil, *O Comício*, Mulheres, página feminina, crônicas.

ABSTRACT

The weekly *O Comício* was an independent periodical published from May to October 1952 in the city of Rio de Janeiro. Its board of directors included figures such as Rubem Braga, Joel Silveira and Rafael Côrrea de Oliveira, all prominent names in the Brazilian press and literature at the time. Alongside them were collaborators such as Millôr Fernandes, Fernando Sabino, Clarice Lispector and Hilde Weber, who were responsible for producing different content for the newspaper. The aim of this paper is to analyze the presence of women in *O Comício*, in order to understand the roles assigned to women in this periodical. Sometimes they were the subjects of the columns published in the newspaper, but at other times they were contributors, producing their own view of the social roles of women in 1952 in Brazil. The aim is also to investigate the differences in the discourses produced about women when the texts were written by male or female figures. To this end, we analyzed the newspaper, emphasizing both Millôr Fernandes' caricatures and the section entitled "A Aventura do Cotidiano" by Fernando Sabino. As a counterpoint to the views of the newspaper's male contributors, we analyzed the chronicles in the "Entre Mulheres" column, written by Clarice Lispector and later by Elsie Lessa, as well as the illustrations by Hilde Weber and the articles written by female contributors.

Keywords: Brazil, *O Comício*, Women, Women's Page, chronicles.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: apresentação d'O Comício. _____	17
Imagem 2: Há um público _____	20
Imagem 3: Capa d'O Comício _____	25
Imagem 4: Charge de Millôr Fernandes "Senhoras e senhoritas aqui estou eu!" _____	31
Imagem 5: Charge "Oh! Que saudades que eu tenho!" _____	34
Imagem 6: Taiz Zeide Garcia, a bonitona. _____	37
Imagem 7: Hildinha Assunção Lêmos, o coração de ouro. _____	37
Imagem 8: A mulher _____	38
Imagem 9: Um teste para a sua estupidez. _____	40
Imagem 10: Dona Madalena ilustrada por Hilde Weber. _____	46
Imagem 11: Tem mil motivos e causa mil embaraços a proliferação _____	53
Imagem 12: Reportagem "Em São Paulo as mulheres trabalham em todas as profissões" _____	60
Imagem 13: Charge de Hilde "Ele disse..." _____	66
Imagem 14: Charge de Hilde "Ele disse..." _____	67
Imagem 15: Charge de Hilde "Ele Disse..." _____	68
Imagem 16: Ilustração de Hilde Weber sobre a falta de água. _____	70
Imagem 17: Ilustração de Hilde Weber sobre o passeio na praia _____	71
Imagem 18: Ilustração de Hilde Weber sobre a festa para Dean Acheson. _____	72
Imagem 19: Ilustração de Hilde Weber do encontro de Fernando Sabino com sua leitora. _____	73
Imagem 20: Coluna "Entre Mulheres" _____	77
Imagem 21: coluna "Entre Mulheres" _____	81
Imagem 22: A coluna de Elsie Lessa _____	89
Imagem 23: Coluna "O leitor escreve" _____	101
Imagem 24: Coluna "A aventura do cotidiano" _____	102

Imagem 25: Coluna “Entre mulheres” _____	103
Imagem 26: Coluna “Por esse mundo de Deus” _____	104
Imagem 27: Coluna “A semana da Cidade” _____	105
Imagem 28: Coluna “Os dias do presidido” _____	106
Imagem 29: Coluna “A semana em São Paulo” _____	107
Imagem 30: Capa O Comício _____	107
Imagem 31: Terceira página d’O Comício _____	108
Imagem 32: As colunas “A semana do senado” e “O leitor escreve” _____	109

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – Um jornal ou uma revista? Um semanário independente.	15
1.1 Os colaboradores do <i>Comício</i>	23
Capítulo 2 – As figuras femininas sob os olhares masculinos d’<i>O Comício</i>.	29
2.1. Mulheres aos olhos de Fernando Sabino e Millôr Fernandes	29
2.1.1. Senhoras e Senhoritas aqui estou eu! – Millôr Fernandes	30
2.1.2. As mulheres do Cotidiano nas colunas de Fernando Sabino	41
2.2. Mulheres nas outras páginas d’<i>O Comício</i>	48
2.2.1. As mulheres na política	56
Capítulo 3 – As vozes femininas d’<i>O Comício</i>.	63
3.1. Hilde Weber	64
3.2. Clarice Lispector e Tereza Quadros	74
3.3. Elsie Lessa	87
3.4. Outras colaboradoras	92
Considerações finais	97
Bibliografia	99
Fonte	99
Referências Bibliográficas	99
Anexo	101

Introdução

O semanário independente *O Comício* começou a ser publicado em maio de 1952, com a intenção discutir com o público “a marcha dramática e pitoresca” do país, sem se ligar a nenhum partido, esses que, de acordo com os diretores, estariam cheios de personalismos, ao fazer isso, pretendia atrair para si, um público de gosto variado.¹ Em seu corpo de diretores encontram-se Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Côrrea de Oliveira, jornalistas e escritores reconhecidos no país. Além disso, entre seus colaboradores também estavam Clarice Lispector, Hilde Weber, Fernando Sabino, Millôr Fernandes e Elsie Lessa, escritores e ilustradores reconhecidos por suas obras. Porém, a vida de *O Comício* foi curta, já que, por ser um semanário independente, a renda das vendas e anúncios não supriam suas necessidades. E em outubro do mesmo ano, 1952, o semanário deixa de circular. Entretanto, a vida curta de *O Comício* foi o suficiente para englobar publicações das mais diversas. Durante a década de 1950 a imprensa brasileira estava passando por uma transição, sendo influenciada pelo modelo estadunidense de se fazer jornal. Porém, de acordo com Samantha dos Santos Gaspar, o semanário continuava com o modelo de imprensa nacionalista, este que nasceu durante o governo de Getúlio Vargas, e a ele tecia críticas.²

Outro ponto a se destacar é que entre os colaboradores do semanário estavam mulheres, entre elas Clarice Lispector, que utilizava o pseudônimo Tereza Quadros, Hilde Weber e Elsie Lessa e a jornalista Yvonne Jean. Clarice Lispector, ou Tereza Quadros, assinou a coluna feminina “Entre Mulheres” até agosto de 1952, após esse período a página foi assumida por Elsie Lessa, que permaneceu no semanário até o fim. Agora, Hilde Weber, era ilustradora, começou por fazer charges políticas, mudando para ser a ilustradora da coluna de Fernando Sabino, “A aventuras do Cotidiano”. Portanto, existia um espaço para a mulher dentro das páginas d’*O Comício*. Não só como temas e assuntos de suas matérias e reportagens, mas também como colaboradoras. Esta monografia tem como objetivo analisar a presença feminina dentro do semanário *O Comício*, seja ela como tema ou como autora das publicações. Para isso, olharemos para o jornal como um todo, analisando as diferentes colunas que compõem o periódico.

¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 3.

² GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 21.

No capítulo 1, pretende-se fazer uma apresentação do semanário *O Comício*. Entendendo como foi idealizado por seus diretores, como era distribuído e como os diretores viam e se relacionavam com seus leitores. Posteriormente, será apresentado os colaboradores e seus respectivos cargos dentro do semanário. Fazendo, também, uma análise estrutura das publicações do semanário, olhando para todas as edições, na intenção de entender o visual do semanário. Já no capítulo 2, a intenção é olhar, primeiramente, para os colaboradores masculinos do semanário e elucidar, como, onde e quando falam sobre mulheres, de que modo as inserem em suas publicações e como pretendem dialogar com as leitoras femininas do semanário. Entre as colunas analisadas em maior detalhe estão as charges e ilustrações de Millôr Fernandes, estas, que eram humorísticas, posteriormente, temos a “A aventura do cotidiano” de Fernando Sabino, a qual era compostas por crônicas escritas pelo autor.

No capítulo 3, por outro lado, pretende-se analisar o que, como, onde e quando as colaboradoras femininas do jornal falaram sobre mulheres. Além disso, é necessário entender como essas autoras conversavam com seu público feminino e quais informações achavam necessárias compartilhar com suas leitoras. Primeiramente, investigaremos as ilustrações de Hilde Weber, para entender como ela inseria as mulheres em seus desenhos. Posteriormente, analisaremos a página feminina do semanário, e suas duas autoras, Clarice Lispector e Elsie Lessa. Dulcília Schroeder Buitoni, ao falar sobre sessões femininas dos jornais, fez um comparativo entre revistas publicadas e, segundo ela, essas seções estavam sempre atrasadas, pois a mulher não era considerada como público: “A impressão que se tem é que o jornal editava a página feminina mais para constar”³. Com isso, analisaremos como essas autoras trataram suas leitoras dentro de suas colunas, para entender a colocação da página feminina dentro do semanário. Por fim, serão analisadas as matérias e reportagens assinadas por mulheres, a fim de entender o espaço ocupado por elas.

³ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo, Summus Editorial, 2009. p. 97.

Capítulo 1 – Um jornal ou uma revista? Um semanário independente.

O *Comício* é um jornal ou uma revista? Nenhum dos dois. É um semanário independente⁴, disse Fernando Sabino⁵. Idealizado desde os primeiros dias de 1952, o *Comício* entra em circulação apenas em 15 de maio de 1952, encerrando-se em 17 de outubro do mesmo ano. O motivo da interrupção da produção foi orçamentário, já que se tratava de um semanário independente, que não contava, por exemplo, com a verba de uma grande editora por trás de suas publicações. Ao que tudo indica, infelizmente as vendas do semanário também não eram suficientes para suprir sua produção.

Este semanário foi idealizado por Joel Silveira, Rubem Braga e Rafael Corrêa de Oliveira. Todos já eram renomados na imprensa brasileira. Joel Silveira, por exemplo, já então naquele momento tinha sua carreira alavancada na revista *Diretrizes* de Samuel Wainer, na qual colaborou como escritor e jornalista. Rubem Braga, que por sua vez, já era um cronista conhecido no Brasil inteiro, tendo sido correspondente de vários jornais grandes, como *O Globo*, *Correio da Manhã* e *O Estado de São Paulo*, na Itália, Estados Unidos e Argentina. Em 1952, Rubem Braga já havia publicado vários livros de crônicas, entre eles, *Com FEB na Itália*, *O morro do isolamento* e *50 crônicas escolinhas*. Rafael Corrêa de Oliveira, o terceiro integrante responsável pela criação do *Comício*, era um jornalista, escritor e advogado, que trabalhou no *Diário de Notícias* e *O Estado de São Paulo* e que também se envolveu com política. Em 1954 foi eleito deputado federal pela Paraíba. Outros grandes nomes também apareceram no semanário, entre eles Fernando Sabino, Sergio Porto, Otto Lara Resende, Hilde Weber e Clarice Lispector, esta última sob o pseudônimo de Tereza Quadros.

Em termos do lugar ocupado pelo periódico na imprensa brasileira, *O Comício* fazia parte do que poderia ser chamado de uma imprensa nacionalista do período, rejeitando, entre outros, a reforma que acontecia na imprensa nos anos 1950⁶, pautada num modelo estadunidense de fazer jornal. Para se encaixar nos moldes estadunidenses, a imprensa brasileira teve que transitar do molde francês, ou seja, o molde focado em literatura e opiniões dos redatores, para um formato mais focado na informação. No modelo antigo, antes de noticiar

⁴ Essa afirmação ocorre nos primeiros números d' *O Comício*, porém, conforme o periódico vai se consolidando, ele começa a ser descrito como uma revista. A primeira vez que isso é afirmado é na sétima edição, na coluna "O leitor escreve". Fonte: "O leitor escreve", *O Comício*, edição 7, 27 de junho de 1952, p. 7.

⁵ GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 57

⁶ A nova imprensa brasileira se basearia então, no modelo estadunidense de se fazer jornal. Com foco na informação e não na opinião se seus redatores, diminuindo a presença do modelo literário de escrita. Focando na padronização da imprensa, para que as informações cheguem menos deturpadas nos leitores.

qualquer acontecimento, o autor escrevia uma introdução de cunho literário, analisando e divagando sobre as informações, numa espécie de preâmbulo à descrição do que havia ocorrido, afirma Marialva Barbosa em seu livro *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*.⁷ A partir de então, os jornais iriam apresentar “um conteúdo enfeixado pela ideia de imparcialidade contida nos parâmetros do lide e na edição”, no qual o corpo de copy-desk ganhava destaque. Segundo a autora, ao “promoverem a padronização da linguagem”, os jornais construíam para a imprensa o espaço de neutralidade absoluta⁸, como era feito na imprensa norte-americana.

Segundo Samantha Gaspar dos Santos, “ganha destaque, assim, uma polarização entre, de um lado, o jornalismo empresarial de moldes norte-americanos, então em ascensão no país, que priorizava a “neutralidade” e a informação e, de outro lado, o jornalismo de matriz nacionalista e opinativa, da qual *Comício* se aproxima.”⁹. Para Santos, o semanário se adequava ao molde “ultrapassado” de imprensa, enquanto os grandes veículos estavam fazendo a transição do modelo francês para o molde estadunidense¹⁰. Esse molde “ultrapassado” foi citado por Santos como sendo a imprensa nacionalista brasileira, que teria se formado após o Estado Novo, para exemplificar ela usa a citação de Plínio Ramos:

“são veiculadas as ideias e propostas mais direta e explicitamente afinadas ou comprometidas com a defesa dos interesses nacionais brasileiros – vistos estes como potencial ou efetivamente contrários a outros interesses nacionais ou internacionais, ou ameaçados por eles”

Para primeira edição d’*O Comício*, em sua estreia, os diretores redigiram um texto de apresentação do jornal ao público, elencando as intenções do periódico para as publicações:

O dicionário define: COMÍCIO, s.m. Reunião de cidadão com o fim de tratar de assuntos de interesse público.

Os cidadãos que se reuniram para fazer este semanário acreditam que os interesses públicos no Brasil, não estão defendidos de maneira tão rigorosa e completa que seja dispensável o concurso de mais alguns homens de boa-vontade e razoável traquejo.

Não pretendemos salvar o país uma vez por semana; mas nos juntamos aqui para discutir à vontade entre nós mesmos e com o público, a marcha dramática e pitoresca das coisas desta nação e, um pouco, também das outras. Não temos, como logo se verá, compromisso com nenhum partido do governo ou da oposição. Eles andam, de resto, esfarinhados por uma febre de personalismo que, apresentando graves inconvenientes e algumas vantagens para a nossa democracia, parece ser de tudo, a fatalidade deste momento

⁷ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007. p. 159.

⁸ *Ibidem*, p. 151.

⁹ GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 21.

¹⁰ *Ibidem*, p.22.

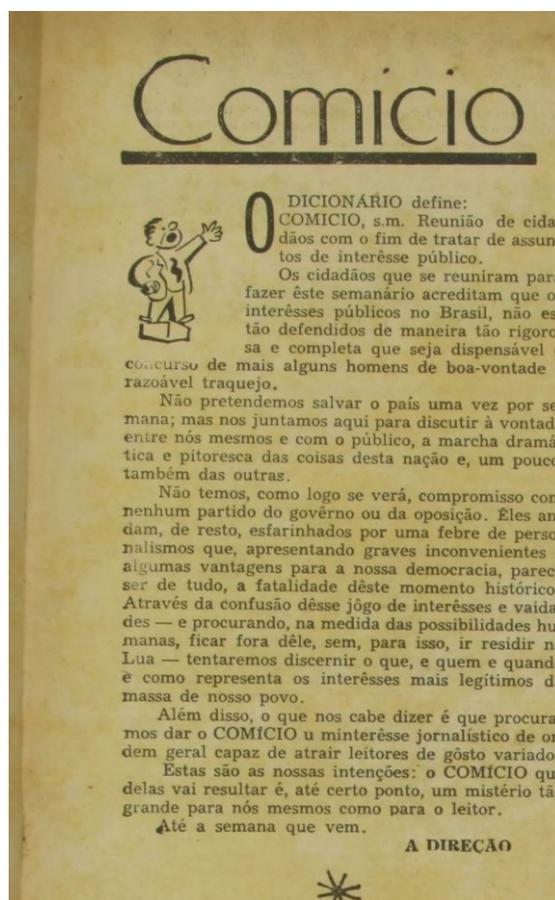
histórico. Através da confusão desse jogo de interesses e vaidades – e procurando, na medida das possibilidades humanas, ficar fora dele, sem, para isso, ir residir na Lua – tentaremos discernir o que, e quem e quando e como representa os interesses mais legítimos da massa de nosso povo.

Além disso, o que nos cabe dizer é que procuramos dar o COMÍCIO um interesse jornalístico de ordem geral capaz de atrair leitores de gosto variado.

Estas são as nossas intenções: o COMÍCIO que delas vai resultar é, até certo ponto, um mistério tão grande para nós mesmos como para o leitor. Até semana que vem.

A DIREÇÃO.¹¹

Imagem 1: apresentação d'O Comício.



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 3.

“Não pretendemos salvar o país uma vez por semana; mas nos juntamos aqui para discutir à vontade entre nós mesmos e com o público, a marcha dramática e pitoresca das coisas dessa nação e, um pouco, também das outras.”¹² Ao falar disso, os diretores do jornal salientavam que iriam discutir à vontade, com o público, o que acontecia no país e no mundo. Ao dizer que

¹¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 3.

¹² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 3.

as coisas que ocorriam no Brasil caminhavam de forma dramática ou pitoresca, entende-se, que o que se passava no país era de certa forma tido como único e inusitado, o qual eles elencaram como digno de se retratar e fincar na história do país. O semanário nasceu na intenção, segundo seus colaboradores, de fazer os debates políticos de uma forma “apartidária”, porém, é preciso reforçar que os colaboradores apresentavam um cunho político muito bem delimitado, não deixando de colocá-los em seus textos para o periódico.

Joel Silveira, Rubem Braga e Rafael Côrrea de Oliveira pretendiam inaugurar, segundo o editorial de estreia, um novo tipo de imprensa, com um espírito inovador, que se mostrasse como uma alternativa ao jornalismo tradicional e empresarial, o que, posteriormente, Fernando Sabino chamará de imprensa nanica. Segundo Sabino,

“O sucesso comercial de *Comício* não correspondeu ao do espírito renovador que o inspirava: pouco tempo durou o bravo semanário – apenas o suficiente para ficar na história da nossa imprensa como o que havia de pior em feição gráfica, mas de melhor em jornalismo criador. Por esta época as revistas aprimoravam sua apresentação em policromia e atingiam grandes tiragens, graças à mão-de-obra recrutada a preço vil, onde quer que encontrassem quem soubesse escrever”.¹³

A forma como os colaboradores mais ávidos do semanário falará sobre o periódico posteriormente, como Sabino faria em 1996, destacaria a ideia de que, mesmo que tivesse fracassado, o semanário havia sido um projeto importante, que representou um respiro na carreira deles. Em uma carta que escreveu para Clarice Lispector em 1953, Rubem Braga afirmaria: “Não o choremos, que morreu como nasceu, muito vivo, desleixado, alegre, às vezes malcriado, no fundo talvez sério, em todo caso sempre livre”¹⁴. A parte em que ele diz “sempre livre” traz a ideia de que o semanário foi criado na intenção de ser uma imprensa livre para seus colaboradores, que não precisariam se encaixar em moldes pré-estabelecidos para trabalhar ali. Assim como é afirmado na quinta edição do periódico, na coluna “O leitor escreve”:

“*Comício* é um grupo de jornalistas, o qual pretende ter ideias próprias e raciocinar especialmente para cada caso sem um livro geral de comportamento. Chama-se a isso, cremos, espírito liberal ou democrático, liberdade de iniciativa ou pensamento etc. Preferimos a ausência de rótulo. Cedo ou tarde cada leitor nos dará um.”¹⁵

¹³ SABINO, Fernando. Gente. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.64.

¹⁴ Braga, 1953 apud Santos, 2012, p.64

¹⁵ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 7.

Essa colocação do semanário de preferir a ausência de rótulo, e de ser uma imprensa livre, traziam uma satisfação por parte dos idealizadores do jornal, exemplificadas acima com as afirmações de Fernando Sabino e Rubem Braga. Os diretores assumiram apenas dois rótulos colocados pelos seus leitores, o de parlamentarista¹⁶ e socialista¹⁷, ambos encontrados na coluna “O leitor escreve” (imagem 32, em anexo). Essa coluna nos possibilita saber mais sobre as colocações do jornal e, também, sobre como o público vê o conteúdo ali presente. Nela eram publicadas as cartas que o semanário recebia de seus leitores e eventualmente respondia algumas dessas missivas. Essas cartas, porém, poderiam ter sido enviadas pelos próprios colaboradores ou pessoas próximas. De qualquer forma, seu conteúdo foi selecionado e escolhido pelos diretores para ser passado a seus leitores, se não se transmite ali o tipo de público que *O Comício* tinha, é transmitido o público que eles almejavam ter. A coluna esteve presente em 90% das edições e sempre aparecia entre as primeiras 10 páginas do periódico.

Na edição de número 18 *O Comício* publica a matéria “Há um público”, analisando e nos contando mais sobre o público que o periódico mantinha:

Nestes 18 números semanários fixemos uma experiência que tem seus lados melancólicos, mas tem um lado confortador. Este lado és tu, oh leitor, nosso semelhante, nosso irmão. Tu, que não acreditas no mandarim.

Do Rio, de Goiás, da Paraíba, de São Paulo, do Sul, de toda parte não chega diariamente a tua carta – que às vezes traz um timbre de advogado, às vezes vem de uma farmácia ou de uma repartição, às vezes, escrita em letra rude, chega dentro de um envelope amarelo e barato, amarfanhado e pobre, que viajou por terra ou dormiu semanas no bojo de um navio.

Essa carta espontânea, que traz uma crítica, um elogio, uma pergunta, ou o pedido de um número atrasado, essa carta vária e múltipla, mas constante, e, no fundo, sempre igual, mostra que existe, no Brasil, um público. Não é apenas uma certa massa de leitores que desejam ganhar um rádio no concurso, uma excitação no escândalo, um prazer ruim no crime ou na verrina, um entusiasmo fácil no ídolo alcandorado a cores. Um público de cidadãos com espírito crítico; de gente que observa, lê e critica. Esse público não compra COMÍCIO para ter uma opinião hebdomadária sobre este ou aquele assunto; não engole, como se fosse hóstia, a opinião que vê no jornal.

Le nosso jornal com simpatia, mas com espírito crítico – e assim queremos, assim merecemos ser lidos, Para esse homem – do Rio ou de Mato Grosso – nosso jornaleco é um companheiro com quem ele discute cordialmente, que lhe dá algumas notícias e alguns palpites sem pretender catequizá-lo nem dirigir o seu pensamento ou excitar paixões.

Esse público mostra que existe um Brasil que não deve ser confundido com esse Brasil lamentável de trapaças, vaidade e mistificações que brinca de opereta sobre um fundo social que vai deixando de ser dramático para ameaçar ficar trágico. É o público que diante de “dilemas” como Ademar e Getúlio diz apenas – “não”. É o que não espera palavra de Prestes ou de Plínio para dizer

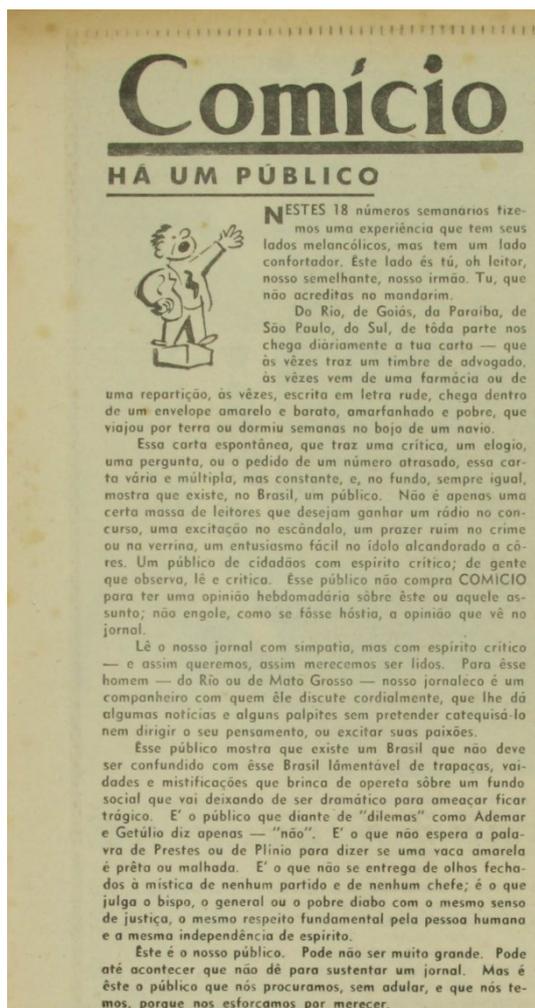
¹⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 3.

¹⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 7, 27 de junho 1952, p. 7.

se uma vaca amarela é preta ou malhada. É o que não se entrega de olhos fechados à mística de nenhum partido e de nenhum chefe; é o que julga o bispo, o general ou o pobre diabo com o mesmo senso de justiça, o mesmo respeito fundamental pela pessoa humana e a mesma independência de espírito.

Este é o nosso público. Pode não ser muito grande. Pode até acontecer que não dê para sustentar um jornal. Mas é este o público que nós procuramos, sem adular, e que nós temos, porque nos esforçamos por merecer.¹⁸

Imagem 2: Há um público



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 18, 12 de setembro 1952, p. 3.

Neste trecho, em primeira mão, percebe-se a necessidade do semanário de delimitar seu público, o que também nos conta muito sobre como o periódico queria ser visto por seus leitores. Ao dizer que o leitor é aquele que não acredita no mandarim, os autores fazem uma referência a China, país que era recém fundado (1949) e se declarava comunista, ou seja, o leitor (ou *O Comício*) não acreditaria então, no comunismo. Para além disso, no final do trecho

¹⁸ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 18, 12 de setembro 1952, p. 3.

onde eles dizem que o público “diante de ‘dilemas’ como Ademar e Getúlio” e “que não espera a palavra de Prestes ou de Plínio” os diretores afirmam mais uma vez o caminho do semanário, e de seus leitores, de serem apartidários, ou seja, nem do lado do populismo de Ademar de Barros e Getúlio Vargas e nem do comunismo de Luis Carlos Prestes ou do integralismo de Plínio Salgado.¹⁹ É o público, “que não se entrega de olhos fechados à mística de nenhum partido e de nenhum chefe”, esses leitores pretendem então, construir sua própria opinião e segui-las do que se entregar a brigas partidárias.

Pois seria então, esses leitores que o semanário procurava, porque era a imagem que eles queriam passar também. O jornal seria “um companheiro com quem ele discute cordialmente, que lhe dá algumas notícias e alguns palpites sem pretender catequizá-lo”, isto é, não pretendiam impor as opiniões, mas sim orientá-los. Ainda continuam com referências católicas dizendo que os leitores “não engolem, como se fosse hóstia, a opinião”, não levam para si as opiniões do jornal como absolutas. Ao continuar descrevendo seu público, *O Comício* descreve como o restante da imprensa se colocava, e onde que eles se diferenciavam “Não é apenas uma certa massa de leitores que desejam ganhar um rádio no concurso, uma excitação no escândalo, um prazer ruim no crime ou na verrina, um entusiasmo fácil no ídolo alcandorado a cores.”, dizendo que os outros veículos de imprensa se baseavam em premiações e escândalos para a construção de seu jornal, e atraia o público por isso, porém os leitores d’*O Comício* não precisavam dessas artimanhas para serem fiéis ao semanário.

Seguindo com a descrição, em “de toda parte chega a sua carta” o periódico quer que fique claro que seu público existe por todo o país, e de fato sabemos que *O Comício* circulava preferencialmente por Rio e São Paulo – pois além da coluna “A semana na cidade” tínhamos também, “A semana em São Paulo” – e gradualmente o semanário foi se expandindo, e chegou então à coluna “A semana em Minas Gerais”. Além dos estados do sudeste, sabemos que o semanário chegava até Recife, pois, na edição 13, do dia 8 de agosto, temos a matéria “COMÍCIO saudado na Câmara Municipal de Recife”²⁰. Em outra matéria, na edição 14, do dia 15 de agosto, fala-se sobre a visita de Érico Veríssimo a redação do semanário, e afirmam que o escritor “falou sobre a aceitação do COMÍCIO no Rio Grande do Sul”²¹, ou seja, em sua décima oitava edição *O Comício* estava chegando a muitos lugares do Brasil.

¹⁹ GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 136.

²⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 19.

²¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 14, 15 de agosto 1952, p. 7.

Ao continuarem falando sobre as cartas que chegam até o semanário afirma que “às vezes traz um timbre de advogado, às vezes vem de uma farmácia ou de uma repartição, às vezes, escrita em letra rude, chega dentro de um envelope amarelo e barato, amarfanhado e pobre”, aqui entende-se que *O Comício* tinha um público diverso em classe social, do advogado com o papel timbrado até aquela escrita com letra rude e o papel amarelo e barato. Os diretores querem passar a imagem de que seu público não é composto apenas pelas classes mais altas, mas também pelas mais baixas. Entretanto, na edição 9, do dia 11 de julho, eles publicam o artigo “COMÍCIO tem uma palavra de franqueza (ou de fraqueza?) sobre matéria delicada”²², no qual eles estão justificando o uso de matérias pagas pelo semanário²³. Neste os diretores dizem que “uma grande parte de nosso público é de consumidores de um nível médio”, ou seja, pode até ser que existam leitores de classe mais baixa, porém em sua maioria o público do semanário é composto por consumidores de níveis médios. Porém, segundo Gaspar, o valor do semanário seria acessível para a população, já que este era equivalente a 0,25% do salário-mínimo da época. O exemplar custava Cr\$ 3,00 e o salário-mínimo era Cr\$ 1200,00 desde 1951.²⁴

Por fim, mostrando-se satisfeitos com a recepção do jornal, afirmavam “Este é o nosso público” e concluem: “pode não ser muito grande. Pode até acontecer que não dê parar sustentar um jornal. Mas é este o público que nós procuramos, sem adular, e que nós temos, porque nos esforçamos por merecer.” Hoje já sabemos que esse público não foi o suficiente para sustentar o jornal, já que apenas cinco semanas depois o semanário deixa de circular por não conseguir pagar sua produção. Apesar de estarem satisfeitos com o caminho que estavam tomando, o jornal não supria as necessidades econômicas de seus trabalhadores, o que, em poucos meses, inviabilizará a sua publicação. *O Comício* era impresso na redação do jornal *Última hora* e, com o passar dos meses, começou a se acumular dívidas pelas impressões. Segundo Gaspar, não foi apenas essa a dívida que o jornal acumulou. Amigos próximos dos organizadores tentaram por meses atrair publicidades para conseguir, ao menos, o dinheiro para sustentar sua publicação. Entretanto, a partir de um certo período, se tornou insustentável sua circulação, e com isso o semanário decidiu encerrar sua produção em outubro de 1952.

²² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p.3.

²³ Afirmam que fazem o uso dessas matérias pois o dinheiro que eles recebem pelas publicidades demoram a chegar, e o das matérias pagas chegam em grande quantidade mais rápido. O semanário já estava enfrentando uma crise financeira nessa época e estavam procurando uma maneira de sustentar a sua produção.

²⁴ GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 83.

1.1. Os colaboradores do *Comício*

Os colaboradores do semanário eram compostos por amigos, esses que eram do mesmo espaço de sociabilidade. Não tiveram as mesmas origens sociais, mas naquele momento ocupavam posições parecidas na sociedade, a de intelectuais cariocas. Ou seja, compartilhavam entre hábitos e valores similares.²⁵ Segundo Gaspar, *O Comício* foi uma reunião de figuras importantes da imprensa getulista de 1950, e este, para além da amizade, era um motivo de união entre os colaboradores, mesmo que discordassem em outros assuntos.²⁶ Porém, a dedicação deles não eram exclusivas, continuaram trabalhando em outros jornais principalmente para se manterem financeiramente, já que o semanário não pagava grandes salários. Suas colaborações eram mais relacionadas a liberdade que *O Comício* entregava e a amizade com os diretores e outros colaboradores que estavam ali.

O Comício tinha como colaboradores constantes Rubem Braga, Fernando Sabino e Millôr Fernandes. Rubem Braga era um dos diretores do semanário e um grande cronista como já dito anteriormente. Fernando Sabino era mineiro, nascido em Belo Horizonte, publicou seu primeiro livro em 1941; mudou para o Rio de Janeiro em 1943 e posteriormente foi morar em Nova York, em 1946, e estava contribuindo para o *Diário Carioca*, colaborou também com o *Jornal do Brasil*. Millôr Fernandes era um caricaturista, ilustrador e dramaturgo, nasceu no Rio de Janeiro e colaborou por muitos anos para a revista *O Cruzeiro* e depois inaugurou sua própria revista, a *Pif-Paf*. Outros colaboradores do semanário eram, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Luis Martins, Sergio Pôrto e Antônio Maria. Otto Lara Resende era mineiro, nascido em São João Del Rey, formado em direito, mas não chegou a exercer a profissão, era jornalista e escritor e colaborou com jornais como *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Correio da Manhã* e *Última Hora*. Paulo Mendes Campos, mineiro de Belo Horizonte, dirigiu o literário *Folha de Minas*, mudou para o Rio de Janeiro e colaborou com jornais como *O Jornal*, *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*. Luis Martins era diretor d'*O Comício* em São Paulo, foi crítico literário e cronista, publicando no *Diário de S.Paulo*. Sergio Pôrto, que usava o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, nasceu no Rio de Janeiro, era escritor, jornalista e radialista, colaborou com os jornais *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora* e *Diário Carioca*. Antônio Mario nasceu em Recife, foi radialista e cronista, e colaborou com jornais como *O Jornal*, *O Globo* e *Última Hora*.²⁷

²⁵ Ibidem. p. 68.

²⁶ Ibidem. p. 69.

²⁷ Ibidem. p 50-52.

Mas vale destacar a participação feminina no semanário, que tinham como representação Clarice Lispector e Hilde Weber. Esta última ilustrava a coluna “A aventura do cotidiano”, escrita por Fernando Sabino²⁸. Hilde nasceu na Alemanha em 1913, era chargista, pintora e ilustradora. A artista fez ilustrações para diversos periódicos como *Folha de São Paulo*, *Noite Ilustrada* e *O cruzeiro*, ganhou notoriedade fazendo charges políticas no governo de Getúlio Vargas.²⁹ Clarice Lispector participava do jornal escrevendo a coluna “Entre Mulheres” e assinava como Tereza (as vezes Teresa) Quadros. Sua identidade foi apenas revelada na sua partida, em artigo publicado pelo jornal, na edição de número 13, intitulado “*Comício* perde seu melhor redator, mas reage brilhantemente”³⁰. Segundo Gaspar, foi Rubem Braga que escolheu o pseudônimo e que ofereceu a Clarice a chance de escrever a coluna feminina. A partir da edição de número 13, Elsie Lessa entra no lugar de Clarice Lispector, que então se mudara para os Estados Unidos com o marido. A partir da edição de número 20, contudo, a coluna deixa de ser publicada.

Entre as colunas fixas do semanário estavam: “As aventuras do cotidiano” (imagem 24 em anexo), “Por esse mundo de Deus” (imagem 26 em anexo), “A semana da cidade” (imagem 27, em anexo), “A semana em São Paulo” (imagem 29, em anexo), “Os dias do presidio” (imagem 28, em anexo) e “Entre Mulheres” (imagem 25, em anexo). A primeira, era composta por crônicas escritas por Fernando Sabino, nas quais ele não assinava com seu nome, depois fechando seus textos apenas com “F.S.”. A segunda, “Por esse mundo de Deus”, começou pequena, em uma página, depois foi aumentando e chegou a ter 4 páginas, e era composta por notícias do mundo das celebridades, não só brasileiras. Nela, cada notícia era assinada por seu correspondente, porém a maioria vinha sem assinatura. “A semana na cidade” e a “A semana em São Paulo” eram colunas que contavam as notícias relevantes do cotidiano das cidades, sendo a primeira sobre o Rio de Janeiro. A partir da edição 9 também foi adicionada “A semana em Minas Gerais”³¹, o que enfatizava que o olhar dos diretores estava mais focado no Sudeste. Eram sempre escritas por correspondentes variados sem suas assinaturas, as vezes eram mencionados ao decorrer do texto. “Os dias do presidio”, por sua vez, eram crônicas escritas por Rubem Braga, que não assinava seu nome. A seção era a versão crítica e irônica da coluna

²⁸ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 2.

²⁹ GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 53.

³⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 26.

³¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 21

“Os dias do presidente”, que saía tradicionalmente no jornal *Última Hora*, segundo Gaspar³². A última, “Entre Mulheres”, era escrita por Clarice Lispector com o pseudônimo de Tereza Quadros, a qual a partir da edição 13 passou a ser escrita por Elsie Lessa e essa não assinava a coluna.

Millôr Fernandes se fazia presente também, em todas as edições, com ilustrações e charges nas páginas do meio do jornal. As matérias principais de cada edição variavam a temática, porém eram, em sua maioria, sobre política ou figuras centrais da sociedade da época. Essas matérias ocupavam de duas a três páginas e, quando não concluídas nesses espaços, eram finalizadas nas últimas páginas. Algumas dessas matérias de cunho político e de destaque dentro do periódico que merecem evidência são: “O mundo de Oscar Niemeyer”³³, “O Império e a vida de F. Matarazzo Jr?”³⁴, “A história secreta do petróleo brasileiro”³⁵, “UDN, partido de gravata e lenço branco”³⁶.

Imagem 3: Capa d'O Comício



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952.

³² GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012, p. 15. [de novo

³³ MENDES, José Guilherme. “O mundo de Oscar Niemeyer” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 3, 30 de maio 1952, p. 10.

³⁴ “O império e a vida de F. Matarazzo Jr” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 4, 6 de junho 1952, p. 8.

³⁵ “A História secreta do petróleo brasileiro” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 6, 20 de junho 1952, p. 3.

³⁶ GOMES, Pedro. “UDN, partido de gravata e lenço branco” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 4.

As edições do periódico eram publicadas semanalmente, as quintas-feiras, na cidade do Rio de Janeiro, porém eram enviados também para outras capitais, como São Paulo. O Semanário teve, então, 23 edições, a primeira lançada dia 15 de maio de 1952 e a última dia 17 de outubro do mesmo ano. Cada número tinha o valor de Cr\$ 3,00, o plano de assinatura semestral era Cr\$ 70,00 e o anual era Cr\$ 140,00. A organização do periódico começou de um jeito e foi sendo aprimorada ao longo das edições, mas seu conteúdo e lugares que aparecem se mantiveram. Na capa se encontra o nome do jornal, o nome dos diretores e o valor do número avulso na parte de cima, depois vem então as matérias mais importantes daquela edição e no rodapé tinha o número da edição, dia, mês e ano da publicação. Vale ressaltar, que apenas a capa, a última página e as colunas de Millôr tinham a cor vermelha, todos os outros conteúdos eram em preto e branco. As notícias estampadas na capa geralmente tinham cunho político, e posteriormente, em algumas capas, começaram a vir apenas o anúncio de uma notícia principal.

Na segunda página (imagem 24, em anexo), vinha então, a coluna de Fernando Sabino “A aventura do cotidiano”, a ilustração de Hilde Weber e um anúncio do *Juca's Bar*³⁷, esse anúncio é o mais frequente em todas as edições do periódico e aparecem em páginas aleatórias, para além da segunda página. Na próxima página, aparecia então um breve texto dos diretores d’*O Comício* conversando com o leitor, e um anúncio da matéria que ocuparia as páginas seguintes. Essa matéria, ocupa então, a terceira, quarta e quinta página, nesta última se divide com um artigo escrito por Rafael Côrrea de Oliveira³⁸, essas não possuíam título fixo e o padrão do conteúdo girava em torno da política.

Nas páginas seguinte, 6 e 7, aparecem conteúdos que variavam de páginas, mas estavam sempre presentes. Como a coluna “Os dias do presidido” (imagem 28, em anexo), “A semana na Câmara”, essa escrita por Carlos Castello Branco correspondente da câmara, que pretendia, nessa coluna, falar sobre os principais assuntos que foram discutidos lá. Era encontrado também, a coluna “A semana no Senado” (imagem 32, em anexo), que tinha o mesmo intuito da anterior, só que era sobre o senado e era escrita por Otto Lara Rezende; outra coluna era “Arquivo” escrita por Newton Prates e relembrava acontecimentos marcantes da história do país. Por último, encontramos nessas páginas a coluna “O leitor escreve” (imagem 23, em anexo), a qual era composta por cartas enviadas pelos leitores do semanário e as respostas dos diretores à essas cartas.

³⁷ Essa configuração se manteve até a edição de número 17, esse lugar vai ser ocupado por Millôr Fernandes e a coluna de Sabino vai migrar de páginas, e sua frequência diminui até não ser mais publicada.

³⁸ Nas edições 8, 10 e 15 não aparecem e a partir da 20 sai definitivamente.

As páginas, 8, 9 e, as vezes a 10 abrigavam a matéria da capa. E as páginas, 10 e 11 não tinham conteúdo fixo, as vezes eram continuação de matérias ou contos de autores consagrados e algumas vezes colaboradores do jornal.³⁹ As páginas, 12, 13 e 14 aparecia a coluna “Por esse mundo de Deus”⁴⁰, essa sessão tinha como objetivo falar sobre o que aconteceu no mundo na última semana, com foco na Europa e nos Estados Unidos. A coluna era assinada por um pseudônimo e apenas em 1997 Joel Silveira revelou que era escrita por Paulo Mendes Campo.⁴¹ A página 15 era ocupada, também, por continuações de matérias, geralmente da coluna “Por esse mundo de Deus”. As páginas seguintes, e centrais do periódico, abrigavam as ilustrações e charges de Millôr Fernandes, essas não tiveram variações, mesmo que depois, quando ele passa a publicar, também, na página 2.

A página 18, era ocupada pela coluna “Entre Mulheres” (imagem 25, em anexo) escrita por Clarice Lispector, assinada por seu pseudônimo Tereza Quadros. A partir da edição 13, a coluna passa a ser escrita por Elsie Lessa e a partir da edição 20 deixa de circular. As páginas seguintes, 19 e 20, continham continuações de matérias e artigos de cunho não político, que variavam o tema. Nas páginas seguintes, os conteúdos são diversos, as únicas colunas fixas encontradas são “A semana na Cidade”, “A semana em São Paulo” e “A semana em Minas Gerais”. A página 32, abrigavam charges de assuntos do cotidiano e com autores variados.

Infelizmente, a partir do número 23 *O Comício* sai de circulação por falta de verba. Apesar de ter entre seus colaboradores grandes nomes, isso não foi o suficiente para manter o jornal. Já que, não havia muitos anúncios e nem publicidades, a fonte de renda do semanário vinha das vendas, e não eram suficientes para pagar seus colaboradores e a impressão, a qual era realizada na sede do jornal *Última Hora*. A vontade de seus criadores não foi o suficiente para colocar *O Comício* em evidência na sociedade, mas como afirmado anteriormente, eles estavam satisfeitos com o público conquistado pelo periódico, que se fazia presente em lugares variados. Ao se intitular um semanário independente, já era esperado de seus colaboradores que a adesão do público não seria alta, pois o jornal não tinha a estrutura para entregar edições bem-

³⁹ Aníbal Machado, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, João Alphonso, Manuel Bandeira, e colaboradores de *Comício*, tais como Fernando Sabino, Clarice Lispector e Otto Lara Resende. Fonte: GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 91.

⁴⁰ A coluna começou apenas na página 12, a partir da edição 5, páginas 12 e 13 e a partir da edição 10 páginas 12, 13 e 14.

⁴¹ GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. Pág. 92.

feitas e rebuscadas, mas eram feitas pensando seriamente em seu conteúdo na intenção de informar o leitor para que este fabricasse sua opinião.

Capítulo 2 – As figuras femininas sob os olhares masculinos d’*O Comício*.

O semanário *O Comício* era majoritariamente composto por homens (cerca de 90%), tanto em sua organização quanto entre seus colaboradores. As colunas escritas por eles ocupavam as primeiras páginas do periódico, tais como “A aventura do cotidiano”, de Fernando Sabino, publicada na página 2, e as charges de Millôr Fernandes, que sempre estiveram em lugar de destaque no meio do semanário. Entre as figuras femininas notáveis do semanário estavam Clarice Lispector e Hilde Weber e, depois, Elsie Lessa. A elas couberam papéis que podemos chamar de secundários, ou de menor destaque, dentro do conteúdo geral do jornal. Clarice Lispector, por exemplo, escrevia uma coluna feminina intitulada “Entre Mulheres” e Hilde ilustrava a seção escrita por Fernando Sabino, “As aventuras do Cotidiano”. A elas será dedicado o próximo capítulo. Entretanto, pare além das colaboradoras do jornal, podemos encontrar as mulheres em meio a anúncios, matérias e colunas d’*O Comício*, todas essas escritas por homens. A intenção no presente capítulo é compreender como esses colaboradores falaram das mulheres e como elas eram vistas e entendidas naquele contexto histórico e, em especial, entre aqueles escritores e jornalistas. Pretendo aqui analisar como e onde aparecem as mulheres nesse jornal, não como colaboradoras, mas como tema personagens em colunas, matérias e editoriais.

2.1. Mulheres aos olhos de Fernando Sabino e Millôr Fernandes

Fernando Sabino e Millôr Fernandes, apesar de não terem idealizado o periódico, foram os colaboradores mais frequentes do semanário *O Comício*. A coluna “A aventuras do cotidiano” de Sabino esteve presente em 18 das 23 edições do jornal. Essa coluna abrigava crônicas escritas pelo autor sobre o cotidiano, na maioria das vezes com um tom de humor, embora fossem também críticas. Nelas, o autor tinha como intenção descrever não apenas seu cotidiano, mas fazer uma interlocução com a vida do leitor. Já as ilustrações de Millôr tinham um conteúdo primordialmente humorístico, embora por meio dos desenhos ele também fizesse críticas sobre assuntos pertinentes na sociedade brasileira da época¹. A análise da presença feminina se faz necessária em ambos os casos, na medida em que a colaboração de Sabino e

¹ Como por exemplo, na edição de número 4, do dia 6 de junho de 1952, o autor cria o “jogo do Sacopã” para tentar descobrir o que aconteceu no então recém ocorrido, crime de Sacopã. Este foi um assassinato que aconteceu nas mediações da lagoa Rodrigo de Freitas e chamou a atenção da imprensa por não ter sido resolvido.

Fernandes ocuparam espaço importante e de destaque dentro do jornal. O conteúdo das colunas de ambos girava em torno da vida cotidiana. O que esses autores têm a dizer sobre mulheres, e como elas aparecem em seus escritos transmitem suas opiniões sobre o lugar atribuído a elas dentro da sociedade em que estão inseridas. Com isso, essas colunas podem nos ajudar a entender a visão masculina sobre este lugar da mulher. No próximo capítulo priorizaremos a visão feminina sobre este mesmo lugar.

2.1.1. Senhoras e Senhoritas aqui estou eu! – Millôr Fernandes

Millôr Fernandes começou a trabalhar na imprensa na revista *O Cruzeiro*, onde publicou a coluna *Pif Paf*, assinando com o pseudônimo Vão Gogo. Durante sua colaboração n’*O Comício*, o autor ainda publicava na revista *O Cruzeiro*, encerrando sua colaboração com esta revista apenas em 1963². As charges de Millôr para *O Comício* representavam o conteúdo humorístico do periódico, uma vez que em cada edição o ilustrador utilizava dos temas mais comentados na semana, ou do mês, para escrever sua coluna. De acordo com Leite, o estilo *milloriano* “é a comicidade áspera e corajosa ao lidar com questões sérias do dia a dia comum de um brasileiro”³ e suas charges para *O Comício* não seguiram um caminho diferente. A principal publicação do autor no semanário foi a série “Enciclopédia britânica brasileira”⁴, na qual ele explicava em cada edição um verbete, dando a definição do que seria um dodô, um pirata, mulher, crocodilo, meninos, cinema, gêmeos, vaca e ostra, cada um em uma edição⁵. Essa série começou na edição 15 do semanário, publicada em 22 de agosto de 1952, e foi até o fim d’*O Comício*, na edição de no. 23, de 17 de outubro de 1952.

A presença feminina nas charges de Millôr Fernandes para *O Comício* é frequente. Elas surgem, muitas vezes, como personagens a serem cativadas, conquistadas, ou como figuras controladoras. Das 30 charges publicadas no semanário por ele, em 10 aparecem mulheres. Em apenas 3 destas elas são colocadas como protagonistas dos desenhos, sendo personagens

² LEITE, Alice Carvalho Diniz. *A necessidade torna o raciocínio elástico: Análise dos textos dramáticos um elefante no caos e Flávia, cabeça, tronco e membros, de Millôr Fernandes*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em estudos literários. Belo Horizonte, 2018. p. 59.

³ *Ibidem*. p.48.

⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 15, 22 de agosto 1952, p. 32.

⁵ Esses verbetes aparecem nas edições 15, do dia 22 de agosto de 1952; edição 16, do dia 29 de agosto de 1952; edição 17, do dia 5 de setembro de 1952; edição 18, do dia 12 de setembro de 1952; edição 19, do dia 19 de setembro de 1952; edição 20, do dia 26 de setembro de 1952; edição 21 do dia 3 de outubro de 1952; edição 22, do dia 10 de outubro de 1952; edição 23, do dia 17 de outubro de 1952. Todos na segunda página do semanário.

principais e não apenas coadjuvantes de outras histórias. Com o intuito de serem engraçadas, as charges colocavam a mulher em um lugar do senso comum para os homens, o de fonte de humor ao contar seus casos e histórias. Destacarei, portanto, as charges que inserem as mulheres como protagonistas ou personagens secundárias, na intenção de analisar qual lugar o autor parecia atribuir à figura feminina na sociedade em suas ilustrações.

A charge de Millôr mais importante a ser destacada está presente na primeira edição do jornal, publicada no dia 15 de maio de 1952, nas páginas 16 e 17, e é intitulada “Senhoras e senhoritas aqui estou eu!”⁶. A charge é uma apresentação do autor ao público do semanário. As páginas são duplas e apresentam nelas uma ilustração e um texto do lado direito:

Imagem 4: Charge de Millôr Fernandes “Senhoras e senhoritas aqui estou eu!”



Fonte: FERNANDES, Millôr. “Senhoras e senhoritas aqui estou eu!”. *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 16 e 17.

É com a maior dificuldade, plenos de inibição, cheios de rubor, que iniciamos esta seção de COMÍCIO. Tem ela o fito de fazer com que os leitores riam. Objetivo que será conseguido de qualquer maneira. Pois se os leitores acharem graça rirão de graça. Senão, rirão das nossas intenções. Caso não riam de forma alguma, só nos restará enviar a domicílio alguns elementos do nosso departamento de Humorismo-A-Qualquer-Preço-encarregados de fazer cócegas pessoalmente. Departamento esse que reserva para o seu brilhante diretor a parte mais árdua e desagradável do trabalho. Qual seja – a de fazer rir, pelo processo acima aludido, senhoritinhas curvilíneas, róseas, requebrantes e trêfegas de nossa melhor sociedade. O que esgota. Entre outras coisas a paciência. Pois há hoje, creiam, senhoritinhas muito difíceis. De fazer rir. São chamadas moças sérias. Que não acreditam em duplos sentidos. De palavras, digo. Nem nos cinco sentidos. Do corpo, esclareço. Pois elas têm mais. Já que a ciência anda muito avançada. A ciência, a arte, o esporte, a indústria de amar. Mas

⁶ FERNANDES, Millôr. “Senhoras e senhoritas aqui estou eu!” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 16 e 17.

quem falou em amar, aí? Estávamos falando de rir. Que é próprio do homem. E mais ainda da mulher. De mulher do homem, explico. Pois não é muito engraçado ser homem e, como lá diz a frase, perseguir uma mulher até que ela o apanha?

Enfim, escrevemos. Principalmente, está visto, sobre o homem. Já que, está claro, esta página se destina às mulheres. Pois que, reafirmo, não sou aqui relógio para estar fazendo rir barbados. Muito ao contrário, sublinho, ando na ponta dos pés para não despertá-los. Uma vez que barbado só camarão. E eu não sou peixeiro para amar esses decápodes. Nem acredito em crustáceos. O em que creio, ah, isto sim, senhoras e senhoritinhas minhas, é em vosso adorável sexo, o chamado fraco, terna e divagante, vespertino e ondulante, termológico, adorável, aconchegante – cala-te boca!

Assim sendo, escreverei, mais sobre o Homem. Pois que não há assunto que melhor atraia as mulheres. Imã, portanto, que usarei. Já que estamos de comum acordo, as leitoras e eu. Mesmo porque não há quem tenha mais comum acordo do que eu. Estou sempre pronto a comucar e acordar. O que é uma forma de dizer várias coisas a um só tempo. Dubiedade que usarei mais vezes, como verão nas semanas subsequentes. Se é que esta seção vai ter subsequências.

De qualquer maneira aqui estamos. Começando em absoluta igualdade de condições, as leitoras e eu. Somos completamente desconhecidos um para o outro. Sendo que a vantagem é da leitora. Que dentro de algum tempo já me conhecerá muito bem, meu modo de pensar, de não pensar, de escrever e de ser. Ao passo que eu, pobre, continuarei na triste ignorância de quem é a leitora, o que ela faz, quanto mede, como anda, se é bela e quanto é bela. Mas havendo vontade tudo arranja.⁷

Na ilustração acima, Millôr se preocupa em se colocar no meio de várias mulheres, que ovacionam o cartunista. No texto, ele conta ao leitor suas pretensões com a coluna, se dirigindo em especial ao público feminino. Ele se refere às mulheres dizendo: “Qual seja – a de fazer rir, pelo processo acima aludido, senhoritinhas curvilíneas, róseas, requebrantes e trêfegas de nossa melhor sociedade”. Importante notar que ao descrever o público feminino o autor quase sempre utiliza apenas adjetivos ligados ao corpo e à beleza, colocando essas características como as mais importantes do gênero. Millôr Fernandes segue dizendo que o trabalho de fazer as mulheres rirem era “árduo”, pois existia, naquele tempo, muitas mulheres sérias. Concluía, por fim, que rir era “próprio do homem. E mais ainda da mulher. De mulher do homem”.. Seguindo essa lógica, o autor diz que pretende escrever sobre os homens, já que “está claro, esta página se destina a mulheres” e porque “não há assunto que melhor atraia as mulheres”. Ou seja, Millôr se propõe, neste momento, a fazer humor para as mulheres, pois será uma tarefa árdua e terá que apenas falar de homens já que só esse assunto, segundo ele, atraía as mulheres. Porém, em

⁷ *Idem*

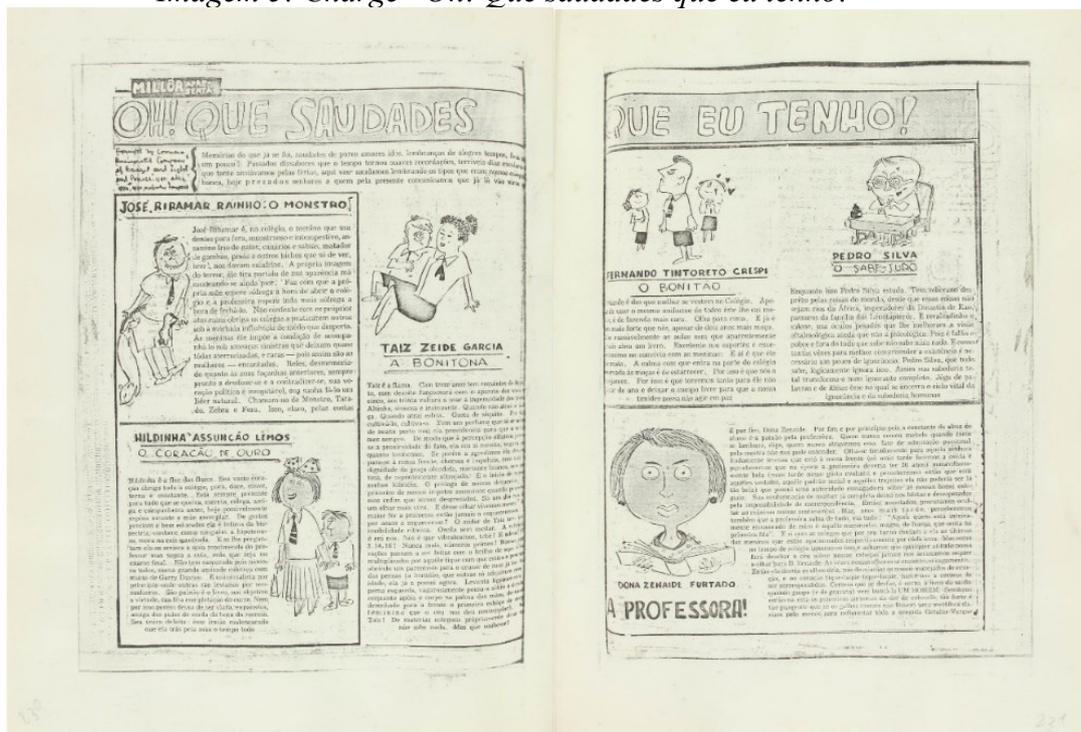
nenhum momento o autor diz sobre o que exatamente ele falará dos homens, dando a entender que qualquer assunto envolvendo-os atrairia as mulheres para ler a sua coluna.

Ao final de sua apresentação, o autor diz que está “começando em absoluta igualdade de condições, as leitoras e eu”. Utilizando da ironia para se aproximar de suas futuras leitoras, ele diz que essas mesmas condições na qual eles se encontram são de completos estranhos um para o outro, porém, com o passar o tempo, as leitoras iriam conhecê-lo muito bem ao lerem sua coluna. Ou seja, iriam conhecê-lo pelo seu modo de pensar, ser e escrever. Por outro lado, concluía: “Ao passo que eu, pobre, continuarei na triste ignorância de quem é a leitora, o que ela faz, quanto mede, como anda, se é bela e quanto é bela. Mas havendo vontade tudo arranja”. Ou seja, para as leitoras, será uma alegria conhecer o seu jeito de pensar, enquanto para ele será uma tristeza não saber se a leitora é bela. Mais uma vez aqui, coloca a sua leitora, a mulher, reduzida apenas a beleza e a características físicas, enquanto ele será conhecido por suas leitoras pelos seus atributos intelectuais.

Em apenas mais duas outras charges, além da sua apresentação no jornal, Millôr coloca personagens femininas como protagonistas. Em uma, intitulada “Oh! Que saudades eu tenho”⁸, publicada na edição de número 8 do semanário, do dia 4 de julho de 1952:

⁸ FERNANDES, Millôr. “Oh! Que saudades que eu tenho” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 16 e 17.

Imagem 5: Charge “Oh! Que saudades que eu tenho!”



Fonte: FERNANDES, Millôr. “Oh! Que saudades que eu tenho” O Comício, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 16 e 17.

Nesta edição, o autor recorda pessoas de seu convívio, das quais sentia saudades. Três delas eram mulheres. A primeira é “Taiz Zeide Garcia, a bonitona”, que o autor afirma ser uma mulher muito bonita, atraente e que frequentemente atrai a atenção dos homens. Assim ele a descreve:

Taiz é flama. Com treze anos tem requintes de dezoito, com dezoito funcionará com o aparato dos vinte e cinco, aos trinta voltará a usar a ingenuidade dos treze. Altinha, sinuosa e insinuante. Quando não atrai se atíça. Quando atrai esfria. Gosta do séquito. Por cultivá-lo, cultiva-o. Tem um perfume que só se sente de muito perto, mas ela providência para que o sentimos sempre. De modo que à percepção olfativa junte-se a proximidade de fato, ela em si mesma, segura o quanto trememos. Se, porém, a agredimos ela desampara-se em nossa frente, chorosa e impoluta, com toda a dignidade de graça ofendida, mármore branco, de repente ultrajado. É o início de sonhos lúbricos. O prólogo de nossos devaneios e o primeiro de nossos ímpetus assassinos quando percebemos enfim que somos desprezados. Só um dia nos dá um olhar mais vivo. E desse olhar vivemos meses. Se maior for a promessa então jamais a esqueceremos, mas por acaso a esquecemos? O andar de Taiz tem sua imobilidade rítmica. Oscila sem oscilar. A vibração é em nós. Nós vibratamos, tché! E adeus 3, 14, 16! Nunca mais, números primos! Nossas vibrações passam a ser feitas com o brilho de seus olhos, multiplicamos por aquele tique com que estica o pescoço abrindo um parêntesis para o cruzar de suas pernas (a lentidão, que outras só adquirem com idade, ela já possui agora. Levanta ligeiramente a perna esquerda, vagarosamente pousa-a sobre a direita,

enquanto apoia o corpo na palma das mãos, desenhando para frente o primeiro esboço de feminino que o céu nos deu comtemplar). Ah, Taiz! De matérias colegiais propriamente ditas não sabe de nada. Mas que soubesse!⁹

Ao descrever Taiz, percebe-se que Millôr a coloca como uma figura sexualizada. Descrita como altinha, sinuosa e insinuante. Nesta descrição, o autor prioriza características físicas, salientando suas relações com os meninos, os quais são apenas satélites em volta dela, que anseiam por sua atenção, mesmo quando desprezados por ela. Agora como segunda saudade de Millôr temos “Hildinha Assunção Lemos, o coração de ouro”, que é apresentada como uma menina pura, doce, suave, terna e constante, cujo único defeito é carregar seu irmão por aí:

Hildinha é a flor das flores. Seu vasto coração abriga todo o colégio, pura, doce suave, terna e contante. Está sempre presente para tudo que se queira, correta, colega, amiga e companheira ante, hoje possivelmente esposa amante e mãe exemplar. De gestos precisos e bem educados ela é íntima da bissectriz, conhece como ninguém a hipotenusa, mora na raiz quadrada. E se lhe perguntam ela se arrisca a uma reprimenda do professor, mas sopra a cola, inda que seja no exame final. Não tem namorado pois namora todos, numa grande amizade coletiva de Garry Davies. É universalista por princípio onde outras são levianas por sensualismo. Sua paixão é o livro, seu objetivo a virtude, sua fé a complementação do curso. Nem por isso, porém deixa de ser clara, expansiva, amiga dos pulos de corda da hora do recreio. Seu único defeito: esse irmão malencarado que ela trás pela mão o tempo todo.¹⁰

A terceira a ser desenhada (e lembrada) é “Dona Zenaide Furtado, a professora”, assim descrita:

E por fim, Dona Zenaide. Por fim e por princípio pois a constante da alma do aluno é a paixão pela professora. Quem nunca comeu melado quando come se lambuzar, digo, quem nunca atravessou essa fase de admiração apaixonada pela mestra não nos pode entender. Olha-se timidamente para aquela senhora lindamente imensa que está à nossa frente (só mais tarde faremos a conta e percebemos que na época a professora deveria ter 20 anos) maravilhosamente bela (mais tarde nosso gosto evoluirá e perceberemos então que com aqueles vestidos, aquele padrão social e aqueles trejeitos ela não poderia ser lá tão bela) que possui uma autoridade esmagadora sobre as nossas horas colegiais. Sua conformação de mulher já completa deixa-nos bestas e desesperados pela impossibilidade de correspondência. Então, assustados, procuramos ocultar ao máximo nossos sentimentos. Mas, anos mais tarde, perceberemos também que a professora sabia de tudo, via tudo: “Agora quem está inteiramente enamorado por mim é aquele menininho magro, de franja, que senta na primeira fila”. E ri com as colegas que por seu turno contam a ela as últimas dos meninos que estão apaixonados respectivamente por cada uma. Mas como no tempo do colégio ignoramos isso e achamos que qualquer atitude nossa fará desabar o céu sobre nossas cabeças jamais nos arriscamos olhar para D.

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Idem.*

Zenaide. Às vezes nossos olhares se encontram vagamente. Então ela desvia os olhos dela, nós desviamos os nossos marejados de emoção, e no coração tique-taque-tique-taque, nasce-nos a certeza de ser correspondidos. Certeza que se desfaz, é certo, à hora da saída, quando guapo (e de gravata) vem buscá-la UM HOMEM. Sentimos então nesta os primeiros sintomas de dor no cotovelo, tão forte e tão pungente que se os galhos morais não fossem uma metáfora dariam pelo menos para reflorestar toda a avenida Getúlio Vargas.¹¹

Esta última Millôr afirma ter sido sua professora, que ele gostava. Segundo ele, todo homem já havia sido apaixonado por uma professora, que, quando adolescentes, os homens tentam esconder, mas as professoras sabem. Representando a professora como uma pessoa mais velha, com um livro na mão, assim como o autor afirmou que a via, e não como ela realmente era, Millôr diz que se surpreendeu depois ao descobrir que ela nem era tão velha e nem tão bonita. Para ele existiam, então, três tipos de mulheres das quais sentia saudade: a sensual, a recatada e a professora.

Importante notar que Taiz e Hildinha são colocadas de maneiras opostas. Taiz é sensual, o foco dela é atrair atenção dos homens: “Taiz é flama. Com treze anos tem requintes de dezoito, com dezoito funcionará com o aparato de vinte e cinco, aos trinta voltará a usar a ingenuidade dos treze. Altinha, sinuosa e insinuante. Quando não atrai se lança. Quando atrai esfria”¹². A felicidade dos homens era atrair a atenção de Taiz, mas mesmo quando não correspondidos, a vitória era ter conseguido o mínimo de sua atenção. Ao descrever Taiz como sensual, a idade é o foco principal de Millôr. Parar se enquadrar na categoria “sensual”, a personagem devia: quando mais nova aparentar ser mais velha e aos trinta anos, aparentar ser mais nova, já que aos treze ela era muito nova para ser sensual e aos trinta muito velha. Ou seja, a mulher, depois de certa idade, não seria mais atraente, segundo ele. Em contraponto, Hildinha é correta, inteligente, ela é “a flor das flores”. “Seu vasto coração abriga todo o colégio, pura, doce, suave, terna e constante. Está sempre presente para tudo que se queira”. Ela é “colega, amiga e companheira”, “hoje possivelmente esposa amante e mãe exemplar”¹³, concluía o cartunista. O maior defeito de Hildinha era o irmão catarrento que ela levava consigo. Inteligente e amiga dos livros, ela se construía em pólo oposto da personagem sensual. A diferença entre elas pode ser percebida também na ilustração, já que Taiz é apresentada com a saia mais apertada, apresentada em uma pose sensual (aparentando ser mais velha) e um menino do lado a admirando. Já Hildinha está representada de uma forma que condiz com a idade, com laço na

¹¹ *Idem.*

¹² *Idem.*

¹³ *Idem.*

cabeça a bolsa da escola e seu irmão junto a ela. Hildinha seria, portanto, aquela que os homens se casariam e teriam filhos. Já Taiz, a desejada, sensual e bonita, porém nada é dito pelo autor sobre o futuro da personagem.

Imagem 6: Taiz Zeide Garcia, a bonita.



Fonte: FERNANDES, Millôr. “Oh! Que saudades que eu tenho” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 16.

Imagem 7: Hildinha Assunção Lêmos, o coração de ouro.



Fonte: FERNANDES, Millôr. “Oh! Que saudades que eu tenho” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 16.

Na série “Enciclopédia britânica brasileira”, Millôr Fernandes fez uma charge intitulada “A Mulher”, na qual ele descreve características de uma mulher, como se ela fosse um animal de zoológico¹⁴:

¹⁴ FERNANDES, Millôr. “A Mulher” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 17, 5 de setembro 1952, p. 2.

Imagem 8: A mulher



Fonte: FERNANDES, Millôr. "A Mulher" *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 17, 5 de setembro 1952, p. 2.

HABITAT – Encontrada em toda parte do mundo em que haja homens, quase sempre em estado de escravidão, pelo menos economicamente dependente.

PESO ESPECÍFICO MÉDIO – 54 quilos.

VESTIDA – idem.

PROPRIEDADES FÍSICAS – Ferve e gela com muita facilidade, adquirindo no último caso uma dureza rara. Com tratamento específico, derrete-se. Normalmente tem formas arredondas, sendo encontrados também alguns tipos ossudos de menor interesse para os estudiosos. Muito movimentada. Adquire a forma do maiô que a contém.

SÍMBOLO MATEMÁTICO – \$\$\$\$\$\$\$\$\$\$.

UTILIDADE – Admiravelmente ornamental. Além disso amadurece os jovens e ameniza os velhos.

MORAL – Socialista. Tira dos ricos para dar aos pobres.

DURABILIDADE MÉDIA – Quarenta e cinco anos, sendo que os dez primeiros inúteis, e os dez últimos também. Envelhece rapidamente.

PROPRIEDADES QUÍMICAS – Reage bem em contato com ouro, prata e pedras preciosas. Muda de cor quando comparada com outro exemplar melhor. Altamente explosiva.¹⁵

¹⁵ *Idem.*

Na charge, Millôr descreve a mulher como “um animal usualmente loiro ou moreno, de formação tentadora, curvilínea e excessivamente adjacente”¹⁶. Em meio a características físicas, o autor preza por colocar também a descrição de “adjacente”, ao dizer isso é reforçado o lugar da mulher, sempre adjacente, sempre ao lado, nunca em um lugar de destaque. O autor segue ainda descrevendo a mulher reforçando estereótipos existentes, dando ênfase às características físicas, ao corpo, afirmando ser a mulher uma pessoa doce que se comporta de maneira delicada. Por fim, termina o texto dizendo “A mulher é, além disso, respeitosa das conveniências sociais enquanto essas conveniências respeitam sua estrutura íntima, inimiga de escandalizar e adorando fazê-lo quando necessário”¹⁷. Para além desse texto, estereotipando as mulheres, o autor coloca ao lado uma descrição como a de um animal no zoológico. Dizendo que seu habitat era “toda parte do mundo em que haja homens, quase sempre em estado de escravidão, pelo menos economicamente dependente”, o desenhista colocava a existência da mulher intrínseca a do homem, comparando sua situação a uma escravidão, na qual esses homens seriam donos das mulheres por elas serem economicamente dependente deles. Ainda afirmando o caráter de interesse da mulher em dinheiro, ele afirma: “Reage bem em contato com ouro, prata e pedras preciosas”. Além disso, Millôr as coloca como ciumentas uma vez que “[mudam] de cor quando comparada a outro exemplar melhor”. Altamente explosiva”, conclui ele. Ou seja, seu comportamento seria gentil e doce – o que se espera da mulher sempre – porém, no momento em que fosse descontentada, ficaria altamente explosiva. Temperamental, inconstante e outras conclusões estão nas entrelinhas da descrição.

Essas características vão ao encontro do que encontramos em outras colunas já apresentadas do autor aqui. Por exemplo, no tópico “durabilidade média”, Millôr afirma que a duração média da mulher é de 45 anos e que elas envelhecem rapidamente¹⁸. E ao falar de Taiz, na coluna anterior, diz que ela, ao chegar os 30 anos, voltaria a usar a ingenuidade de uma menina de treze anos. Ou seja, a partir dessa idade ela já seria considerada velha e teria que se comportar como mais nova para continuar sendo mulher. A idade, o corpo e a beleza são tópicos constantes nas colunas do autor quando decidia falar de mulheres. Com isso, podemos entender que ele estaria reproduzindo um senso comum da época, aquele que entendia que a mulher só era atraente por sua aparência.

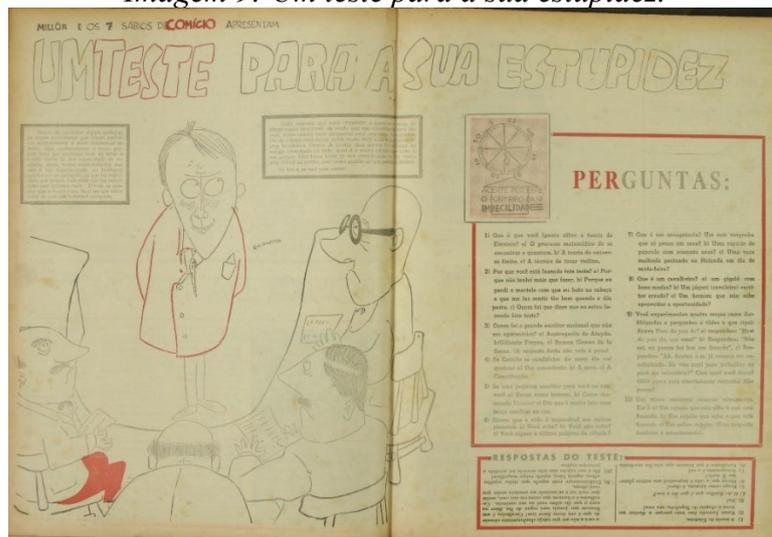
¹⁶ *Idem.*

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ *Idem.*

Nas outras charges de Millôr ele não coloca as mulheres como personagens principais, elas estão apenas em segundo plano e sempre como figuras ligadas ou associadas aos homens. É o que podemos ver na segunda edição d’*O Comício*, publicada no dia 22 de maio de 1952. Nesta edição encontramos a coluna com o título “Um teste para sua estupidez”¹⁹. O autor afirma que a ideia veio depois de ler e consultar alguns destes teses que serviriam para aumentar o nível intelectual das pessoas. Porém, segundo ele, este faria ao contrário, “já que há indivíduos que sabem tudo mas não há indivíduos que ignorem tudo. Donde se conclui que é muito mais fácil ser um sábio total do que um imbecil completo.”²⁰ E na ilustração, Millôr coloca o leitor na frente dos avaliadores. O teste é composto por 10 perguntas variadas e com respostas excêntricas, como por exemplo “Se Getúlio se candidatar de novo ele vai quebrar: a) Um precedente. B) A cara. C) A constituição”²¹. Ao meio dessas perguntas há uma a se destacar:

Imagem 9: Um teste para a sua estupidez.



Fonte: FERNANDES, Millôr. “Um teste para sua estupidez” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 16 e 17.

“9) Você experimentou quatro moças como datilógrafas e perguntou a todas o que significava How you do? A) respondeu: ‘How you do, ora essa!’ b) respondeu: ‘não sei, eu nunca fui boa em francês’ c) respondeu: ‘Ah, doutor, o sr. já começa me encabulando. Eu vim aqui para trabalhar ou ser secretária?’ Com qual você ficou? (não perca essa emocionante resposta, não perca!): “Evidentemente com aquela que tinha aqueles olhos, aquela boca, aquele corpo magnífico”²²

¹⁹ FERNANDES, Millôr. “Um teste para a sua estupidez” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 16 e 17.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem*.

²² *Ibidem*.

Neste exemplo, o autor destaca nas mulheres duas características: fracas e intelectualmente inferiores aos homens. Pois, apesar de se referir a isso como “Um teste para sua estupidez”, a pergunta feita acaba sendo para medir a estupidez de um homem de contratar ou não uma secretária nessas características apresentadas. Na pergunta, Millôr encaixa essas pessoas nos estereótipos de serem intelectualmente fracas, burras, que não entendiam o que era pedido a elas. Isso as colocaria em um lugar de incapacidade de se encaixar no mercado de trabalho, mesmo em cargos que eram “de mulher”, como o de secretária, outro estereótipo profissional. Já na resposta, que o autor conclui que elas só serviriam para algo no quesito beleza e aparência. Ou seja, mais uma vez a coluna de Millôr Fernandes repetia a ideia de que não se esperava inteligência das mulheres, mas destacava-as quando eram bonitas e apresentáveis, para cativar aos homens com a aparência, já que outros requisitos não a qualificavam para ocupar o cargo de datilógrafa. A fantasia do chefe com uma secretária mulher, bonita e sedutora era então um clichê repetido pelo cartunista. Millôr afirmou em sua primeira charge, publicada no dia 15 de maio, que faria humor para as mulheres, porém, na prática, seguiu seu caminho pelo jornal fazendo humor sobre mulheres. Utilizando do artifício humorístico, ele reforçou em seus desenhos o lugar submisso da mulher na sociedade – o de esposa e mãe, o de figura doce e passiva, mas também temperamental e explosiva quando irritada. Ou seja, instável emocionalmente. Da mesma forma, colocou a mulher como personagem de suas piadas sempre a fim de favorecer os estereótipos existentes nas mentes masculinas.

2.1.2. As mulheres do Cotidiano nas colunas de Fernando Sabino

Fernando Sabino, por sua vez, também tematizou as mulheres nas páginas d’*O Comício*. Em sua coluna intitulada “A aventura no cotidiano”, o autor fez da mulher, vez ou outra, personagem de suas crônicas. Traçando uma comparação entre Fernando Sabino e Millôr Fernandes, observando como ambos representaram as mulheres em suas publicações, o intuito é ver como eles usaram dessa temática para produzir conteúdo mais leve e ameno para o jornal. De um total de 23 edições d’*O Comício*, Sabino e suas crônicas estiveram presente em 19 delas. Destas 19 colaborações, em 9 colunas as mulheres surgiram como personagens. Em 4 delas as mulheres apareceram no papel de esposa ou mãe²³. Nas outras 5, 4 são sobre Dona Madalena,

²³ Edição 1, 3, 6, e 13. Dos dias, 15 de maio, 30 de maio, 20 de junho e 8 de agosto de 1952, respectivamente.

personagem de seus escritos, e uma refere-se à figura de Neuza²⁴, uma leitora que o encontra na rua um dia e resolve dizer o quanto gostava de seus escritos. Na edição de número 16, publicada no dia 29 de agosto de 1952, o autor começava seu texto refletindo sobre “o jeito de fazer crônica”, pois perdera “o gosto de fazer frases”.

As crônicas de Sabino, como o título da coluna já diz, tentavam abordar assuntos cotidianos. Porém, as aparições femininas não eram tão frequentes, já que elas geralmente apareciam como personagens figurantes, muitas vezes sem falas. Há de se imaginar que, para o cotidiano masculino da época, esse era o lugar que eles queriam que fosse ocupado pelas mulheres. Exemplo disso aparecerá em uma crônica da primeira edição, do dia 15 de maio de 1952. Nela o autor diz:

Conta-nos o escritor francês Pierre Daninos, num artigo, que resolveu seguir ao pé da letra os conselhos de Dale Carnegie no seu famigerado livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas”. Como o autor recomendasse que um sorriso nos lábios era a chave mágica do sucesso em todas as atividades, passou o dia a sorrir para todos, indistintamente, sendo muito bem-sucedido. Em casa, porém, o processo foi logo desmoralizado sumariamente pela esposa, que lhe perguntou impaciente, à mesa do jantar:
- Por que você está aí sorrindo feito imbecil?²⁵

Nesta crônica, o homem teria feito sucesso em todas suas atividades seguindo o conselho do escritor sobre como fazer amigos. Porém, ao chegar em casa, não foi bem-sucedido, já que sua esposa o indagou de o porquê estar sorrindo. Ou seja, é fácil seguir regras e agradar outras pessoas (homens), mas agradar a mulher em casa seria uma tarefa difícil, quase impossível. Esse seria a aplicação da ideia de esposa como uma espécie de inimiga, castradora, ou ainda como um obstáculo na vida do homem. Seguindo os exemplos, onde aparecem as mulheres, temos a crônica do dia 8 de agosto de 1952, na edição 13:

A criancinha de dois anos chorava na cama, resfriada, enquanto o garoto de quatro anos acabava de quebrar com uma certa paulada o vidro da janela da sala e a menina de sete berrava lá da porta da rua que queria dois cruzeiros para comprar um chica-bom. A jovem mãe, na cozinha, sem empregada, com falta d'água há quinze dias, levou as mãos à cabeça e explodiu:
- Que inferno! Nasci para ser estrela de cinema e acabei mãe de família.²⁶

Ao começar a crônica, o autor tenta passar o desespero em que essa mãe se encontrava para explodir e dizer o que disse. No texto, Sabino, coloca como se todas as tarefas domésticas

²⁴ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 22, 10 de outubro 1952, p. 10.

²⁵ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 2.

²⁶ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 2.

fossem designadas às mulheres, tais como cuidar dos filhos e da casa. Porém, ao final, o cronista retrata uma mãe descontente com a vida, frustrada por não ter se tornado atriz de cinema. Existe aqui uma boa indagação, já que nas afirmações da personagem fica-se com a impressão de que ela não teve poder de escolha em sua vida, pois ela nasceu para ser estrela de cinema e acabou como mãe. Ou seja, o autor sabe que nem todas as mulheres ficam satisfeitas com a vida de mãe e esposas, em contraponto com os estereótipos sociais que diziam que o ponto alto da vida das mulheres era a maternidade. Interessante notar que o próprio Sabino, em outras crônicas, havia contribuído para a reprodução desse estereótipo. Contudo, percebe-se que ele sabe o peso de tais estereótipos para as mulheres.

Dona Madalena, por sua vez, virou uma personagem de destaque na coluna de Fernando Sabino. Ela apareceu nas crônicas das edições 5, 10, 12 e 15²⁷ e nos foi apresentada na edição número 5, publicada no dia 12 de junho, quando o autor fez uma reclamação sobre as linhas telefônicas cruzadas, dizendo que não aguentava mais ter que ouvir as ligações de uma tal Dona Madalena:

D. MADALENA: a senhora, pelo amor de Deus, dá um jeito de reclamar na Companhia Telefônica, de fazer alguma coisa, tomar alguma providência, pois já não aguento mais ter meu telefone eternamente em linha cruzada com o da senhora. Não a conheço, não sei como a senhora é, se bela ou feia, se gorda ou magra, se moça ou velha: pela voz, porém, posso assegurar-lhe que a senhora é muito antipática. Desde que regressou de sua viagem à Europa não para de telefonar para suas amigas contando vantagens. Já estou cansado de ouvir a senhora dizer que passeou pela Alemanha toda de automóvel, mas que não lhe foi possível, apesar dos esforços de Silvio, seu marido, penetrar a cortina de ferro. Este seu marido também deve ser um idiota: o que é que ele tinha de fazer por trás da cortina de ferro? A Silvinha teve uma gripe, também já sei, eu sei de tudo, d. Madalena: estou conversando com uma pessoa, coisa séria, conversa de homem para homem e lá vem a senhora com sua vizinha esganiçada contando para a Margarida, a Laura, a d. Ester (e como é amável a d. Ester! Como atura com delicadeza as suas intermináveis chateações!) que a Silvinha lhe passou um susto com a tal gripe, mas que felizmente não foi nada, acabou tudo bem... É o clima, d. Madalena? É o clima da Europa que torna perigosas gripes como essa? Mas como a senhora é fascinante com as suas observações! E o Mussolini? Continua amado por toda a Itália, como a senhora afirma? Meu Deus, d. Madalena, Pompéia não a impressionou porque a senhora, com perdão da palavra, me parece muito burra. Se seu marido, o Silvio, ainda aguenta viver em sua companhia, deve ser por causa da Silvinha, tão engraçadinha. Logo que chegou desta fabulosa viagem foi logo telefonando para a “turma” e convidando para uma “brincadeira”... Esta menina vai longe, d. Madalena. Espero que não saia à senhora. Nem queira imaginar a conversa que ela teve ontem com um tal de Fraga. É um homem de voz macia e meio borocochô que só responde assim: - “Também, acho, minha flor. Como você quiser, minha

²⁷ Dos dias 12 de junho, 17 de julho, 31 de julho e 22 de agosto de 1952.

flor”. E terminou mandando um beijo na boquinha, - convém que a senhora chame a atenção da menina.

No mais, d. Madalena, espero que a senhora fique boa desta dor que anda se queixando pelo telefone, dor de barriga, ao que parece, porque não experimenta Atroveran, como lhe aconselhou d. Ester? E por falar nisto: quem é aquele homem que vai se encontrar com a senhora na saída do cinema? Silvio sabe disso?

Ao começar a descrição da personagem o cronista dizia: “Não a conheço, não sei como a senhora é, se bela ou feia, se gorda ou magra, se moça ou velha: pela voz, porém, posso assegurar-lhe que a senhora é muito antipática”²⁸. A única dedução feita pelo autor seria então a personalidade da senhora ao telefone, já que tinha sido obrigado (ao menos na crônica) a ouvir a personagem contando vantagens sobre sua última viagem para a Europa. Reclamando sobre as ligações, ele contava que, ao ter uma conversa de homem para homem, havia sido interrompido pela “vozinha esganiçada” de Dona Madalena. A irritação do autor com a personagem envolvia várias características que eram frequentemente ligadas a mulheres, especialmente aquelas que não tivessem os atributos da sedução sexual, entre elas a antipatia, a voz irritante e a inconveniência. Ao final do texto, ele brinca que o marido da personagem deveria ficar atento, já que Dona Madalena estaria tendo conversas indecentes com “um tal de Fraga”.²⁹ Na apresentação de Dona Madalena percebe-se que o foco do autor serão as personagens femininas. Isso porque ele cita especialmente Dona Madalena, suas amigas e sua filha Silvinha. Já o marido da personagem é colocado como salvador por aguentar a esposa todos os dias. Já quando um homem liga para Silvinha, filha de Dona Madalena, a preocupação do autor foi pedir para que a personagem chame a atenção dela, só por ela ter um possível namorado e falar com ele no telefone.

Na edição de número 10, publicada no dia 17 de julho de 1952, a personagem volta para a aparecer nas crônicas de Sabino³⁰. Nesta, o autor diz que ela ainda o perturba com as conversas fiadas e que o assunto da vez era a festa que ela organizou na hípica. Ao se gabar do sucesso do evento, Dona Madalena contava que já havia começado a organizar outra festa e o autor indagava: “afinal a senhora não faz outra coisa da vida?” Sabino reclama que Dona Madalena não dá todos os detalhes pelo telefone e diz: “Façamos este acordo: a senhora me fornece o assunto, eu lhe forneço a atenção muda e fiel que suas amigas não têm”. O cronista diz isso para comentar que a amiga dela, d. Mirtes, “enquanto esperava que a senhora viesse atender,

²⁸ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 2.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 2.

disse que a senhora quando começa, não para”. Ainda nessa edição, o autor conta que havia interceptado a conversa de Gilberto, filho de Madalena, que estava preocupado com uma moça, sua possível namorada, que saiu para uma balada com um casal de amigos. O cronista, aconselhando Gilberto, pede que ele não se preocupe, “afinal de contas,” as moças de hoje são assim mesmo”. Ou seja, o escritor dava a entender que, infelizmente, as mulheres já não eram mais as mesmas e saíam com os amigos mesmo sem avisar o namorado. Concluía ainda que dona Madalena tinha um exemplo desses dentro de casa, sua filha³¹, Vera Lúcia, que só pensava em festas. O cronista fazia parecer que um perfil como o de Vera Lúcia era uma coisa inaceitável. Nesta edição ainda, o autor fala que Silvio, marido de Madalena, estava em ligações preocupado com dinheiro, ao que Sabino alerta: “Veja a senhora: seu marido preocupado em ganhar dinheiro, e a senhora gastando o dinheiro dele em festas, D. Madalena”³². A visão da mulher como dependente financeiramente do marido já havia sido tratado também por Millôr, como vimos nas páginas anteriores.

Dona Madalena surgirá nas crônicas de Sabino mais uma vez na edição 12, publicada no dia 31 de julho de 1952. Nela, Sabino contava que ela nem imaginava o sucesso que as crônicas estavam fazendo. Ele então dirá: “Pois fique sabendo que jamais escrevi nada que despertasse tanto interesse quanto a transposição para esta página de suas desenfreadas conversações telefônicas”³³. Além disso, o autor questiona por que Dona Madalena está usando menos o telefone. Seria porque a festa que organizou não havia dado certo ou teria ela descoberto que ele estava ouvindo suas ligações, interrogava o autor. O estranhamento do fato da personagem dela não estar falando muito vem da festa dela ter dado errado, porque seria algo que uma mulher se chatearia. Logo depois Gilberto, filho de d. Madalena, é quem aparece nas ligações, dizendo para D. Gaby que a mãe estava adoentada e não podia atender o telefone. Em seguida, contudo, Dona Madalena atende um nova ligação. Nesta sequência, o narrador da crônica se questionava dos motivos pelos quais a personagem estava falando ao telefone em inglês. Em seguida, Dona Madalena alerta D. Gaby para tomar cuidado, pois as paredes tinham ouvido. Entende-se que algo que o autor contou em suas crônicas tenha prejudicado Dona Madalena, talvez ao ensinar que a senhora estava tendo um caso na segunda vez que falou sobre ela, e agora a personagem estava evitando usar o telefone por estar desconfiada sobre como as informações saíram.

³¹ Nesta crônica, o autor nomeia a filha de Dona Madalena como Vera Lúcia, na última ele disse que ela se chamava Silvinha, não fica claro se ela tem duas filhas pois Silvinha não é citada.

³² SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 2.

³³ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 2.

Quando chegamos na edição 15, publicada no dia 22 de agosto, nos deparamos com Dona Madalena pela última vez. Sabino se queixa que muitos perguntam dela, mas ele já não tem mais paciência para ouvi-la. Nessa despedida, afirma que, por meio do telefone, descobriu que D. Gaby contou a Dona Madalena que ela estava aparecendo em certa coluna de jornal: “aquela Dona Gaby com quem ela tanto conversa foi que lhe disse ter conhecido alguém que leu algo sobre uma senhora que promove festas na Hípica”. “E quem promove festas na Hípica é você mesma, minha nega”, dizia d. Gaby³⁴. Na crônica, o escritor insistia que a personagem era real e que, dentro dos limites da ética, utilizava outro nome para escrever seus textos e guardar sua identidade. Por fim, dando adeus a Dona Madalena, Sabino afirma que ele mesmo irá ligar para a companhia telefônica para arrumar o problema: “Dou aqui Dona Madalena como encerrada, e adeus.”³⁵ Nesta última aparição da personagem, Hilde Weber a ilustra:

Imagem 10: Dona Madalena ilustrada por Hilde Weber.



Fonte: SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 15, 22 de agosto 1952, p. 2.

Dona Madalena, até onde sabemos, poderia ser uma personagem inventada por Fernando Sabino. Contudo, ao fazer sucesso com os textos sobre ela em sua primeira aparição, o autor resolveu trazê-la de volta algumas outras vezes. Porém, sendo real ou não, a personagem nos mostra um pouco do que o autor pensava sobre as mulheres e como elas alimentavam o seu repertório de brincadeiras e conteúdo leve para as crônicas. No desenho feito de Dona Madalena, surgiam mulheres que ficavam o dia todo penduradas no telefone conversando com

³⁴ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 15, 22 de agosto 1952, p. 2.

³⁵ *Ibidem*.

suas amigas e reclamando da vida, ou ainda contando vantagens sobre viagens. Gastavam seu tempo se preocupando com festas – já que a filha da personagem e o interesse romântico de seu filho só aparecem para serem criticadas por estarem frequentando festas – e gastando o dinheiro do marido. Este, segundo Sabino, estava preocupado em ganhar dinheiro para Dona Madalena gastar.

Na crônica de Sabino publica na edição 22, de dia 10 de outubro de 1952, apareceria nova personagem, Neuza, uma suposta leitora que teria encontrado Sabino numa cafeteria dizendo que lia seus escritos n’*O Comício* e perguntado sobre Dona Madalena. Segundo o cronista, a esta pergunta ele teria respondido: “A linha continua cruzada e ela continua a queixar-se ao médico, a Deus e a todo mundo seu estado de saúde. Não anda nada bem ultimamente, a dona Madalena e eis porque deixei-a por ora meio de lado, trocando o relatório de suas doenças por assuntos mais sadios”³⁶. Neste encontro com Neuza, Sabino diz ter ficado indeciso se contava que era casado e tinha filhos. Ou seja, fica subentendido que ele imaginou inicialmente que a leitora estaria se aproximando dele com segundas intenções. Ou seja, mais uma vez ao olhar para mulheres, os colaboradores homens d’*O Comício* reforçavam sua masculinidade e o poder de atração que exerciam sobre o sexo feminino. Porém, segundo a crônica, Neuza só queria que ele soubesse que ela lia sua coluna: “Então ela explica que, abordando-me, obedeceu apenas a um impulso interior: achou que me faria um bem, denunciando-se como leitora.”³⁷. A crônica jogava luz então num aspecto que Millôr também enfatizara em sua estreia no jornal: a existência de um público leitor composto também por mulheres para *O Comício*. Millôr e Sabino, em forma de brincadeira ou ficção, reforçavam a presença dessas leitoras.

Por fim, as colocações de Millôr e Sabino acerca do feminino são diferentes entre si. Millôr carimba os estereótipos femininos mais descaradamente, como na charge “A mulher”. Através do humor, viu nas mulheres uma forma de provocar as risadas dos leitores, que se “acharem graça rirão de graça. Senão, rirão das nossas intenções”³⁸. Já Sabino, cuja intenção da coluna que mantinha no jornal era comentar cotidiano da cidade por meio de crônicas, nos mostrou como as mulheres estavam sendo vistas por aquela sociedade, pelo menos no meio em que o autor vivia. Uma vez que a presença das mulheres na coluna era muito pequena, a inclusão

³⁶ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 22, 10 de outubro 1952, p. 10.

³⁷ *Idem*.

³⁸ FERNANDES, Millôr. “Senhoras e senhoritas aqui estou eu!” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 16 e 17.

da mulher nos assuntos corriqueiros permanecia em um lugar “adjacente”, como ajudante ou aquela que tornava a vida difícil, como Dona Madalena. A aproximação dos autores, no entanto, vem do fato que, cada um à sua maneira, reforçava os estereótipos existentes sobre mulheres naquele período, destacando muitas vezes que a mulher era vista como um acessório para embelezar a vida deles. Por outro lado, se as mulheres tinham sido temas de suas brincadeiras, por outro reforçavam que tinham (ou queriam ter) leitoras de seus textos e desenhos. Ambos buscaram enfatizar que existiam leitoras para suas colunas (e para o jornal como um todo), mesmo que isso fosse dito vez ou outra para reforçar sua masculinidade e seu potencial de atrair a atenção de mulheres.

2.2. Mulheres nas outras páginas d’*O Comício*

Neste tópico a intenção é trazer à tona outros lugares do semanário onde apareceram as mulheres. Na leitura do periódico observou-se uma maior incidência da inclusão feminina nas primeiras edições. A partir do final da colaboração de Clarice Lispector, na edição 13, publicada no dia 8 de agosto de 1952, já vinha se notando uma queda. Porém, depois do fim da coluna “Entre Mulheres”, na edição 20, do dia 26 de setembro de 1952, quase não se nota a presença feminina no jornal. A ideia para este subitem é analisar outras aparições de mulheres em outras seções do semanário, tais como reportagens, notícia, crônicas etc. A relação do semanário com o papel da mulher na sociedade traz uma visão conservadora, mesmo que às vezes o jornal as coloque indagações sobre esta questão. Nota-se que o público-alvo feminino que eles pretendiam alcançar eram as mulheres ricas e da alta sociedade, falando de assuntos pertinentes para a vivência delas.

Um exemplo disso é o texto “Carta a uma senhora”, que Rubem Braga escreveu logo na primeira edição. Esta carta é escrita para Alzira Vargas, filha do então presidente Getúlio Vargas, que assumia a comissão de bem-estar social e que, de acordo com Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, foi criada para funcionar em conjunto com o Ministério do Trabalho para melhorar o bem-estar social da população e impulsionar o desenvolvimento do país.³⁹ Braga escreveu a carta para dizer a Alzira Vargas o que o povo estava pensando, nesta fala com a destinatária:

³⁹OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. A Comissão Nacional de Bem-estar Social: planejamento estatal e política social, 1951-1954. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.26, supl., dez. 2019, p.148.

Ora acontece, minha Senhora, que até hoje tendes feito política da maneira discreta, como fazem as damas – sussurrando e murmurando coisas ao ouvido dos homens que mandam, e desmandam. Vosso poder, ao que se diz, tem sido grande, e jamais diminuiu por ser discreto. Hoje, porém, vindes enfrentar as luzes da vida pública, presidindo uma Comissão onde falastes dos problemas dos campônios deste Reino; e agora nessa Comissão de Bem-Estar Social, onde tendes assento, e nós, os pobres, temos a nossa esperança.⁴⁰

Ao dizer “até hoje tendes feito política de maneira discreta, como fazem as damas – sussurrando e murmurando coisas ao ouvido dos homens que mandam e desmandam”⁴¹, Braga insinuava ser essa a melhor maneira de uma mulher participar da política, com discrição. Entretanto, Alzira Vargas escolheu presidir a comissão para falar dos problemas do povo e o autor diz: “e agora nessa Comissão de Bem-Estar Social, onde tendes assento, e nós, os pobres, temos a nossa esperança”⁴². As críticas de Braga continuam não a Alzira em si, mas a criação dessa comissão, já que se esperava que todo o governo deveria se preocupar com o bem-estar da população e não apenas uma comissão. Seguindo a mesma linha de raciocínio, na edição de número 12, do dia 31 de julho de 1952, na coluna “Os dias do presidido”, Braga aconselhava as mulheres que desejavam ser diplomatas a continuar fazendo política através dos maridos.⁴³

QUINTA, 24 – As mulheres, diplomatas de nascença por artes do Cão, buscam entrar agora na Carreira Diplomática protestando contra a impossibilidade de se candidatarem a cargos no Itamarati. Daqui nós as aconselhamos a deixar de lado pretensões à “carrière” oficial, e a continuarem a dominar a política, como sempre o fizeram, através dos maridos.⁴⁴

Este era, segundo ele, o lugar comum da mulher na política, apenas influenciando os maridos que estavam nos cargos. A partir do momento que Alzira Vargas quis ter seu lugar de fato nesse ambiente, foi aconselhada por Braga a se manter fazendo política do jeito que mulher deveria fazer.

Há três colunas, além de “Entre Mulheres”, cuja presença feminina é constante, são elas: “Por esse mundo de Deus”, “A semana na cidade” e “A semana em São Paulo”. A primeira coluna tem como intenção contar as últimas notícias que aconteceram pelo mundo; a segunda as que aconteceram no Rio de Janeiro; e a terceira as que aconteceram na cidade de São Paulo. A coluna “Por esse mundo de Deus” começou pequena na primeira edição, em 15 de maio de

⁴⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 30.

⁴¹ *Idem*.

⁴² *Idem*.

⁴³ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 7.

⁴⁴ *Idem*.

1952⁴⁵. Nas primeiras edições em que ela apareceu⁴⁶ não era tão frequente a presença de mulheres. Contudo, conforme a coluna foi ganhando espaço, aumentando o número de páginas que ocupava, toda edição falava de mulher, até mais de uma vez. Elas eram, em sua maioria, pessoas famosas, como por exemplo, atrizes e modelos. De forma sutil, a coluna apresentava um papel que deveria ser seguido pelas mulheres. Por exemplo, na edição 14, publicada no dia 15 de agosto de 1952, anunciava-se que Agnes Roche estava à procura de um marido. Logo em seguida, colocava-se o seguinte anúncio: “Procuram-se camareiras experientes para servir a jogadores de baseball de Nova York. Alguns são casados, outros não”⁴⁷. Entende-se que as camareiras não iriam apenas prestar serviços da profissão, mas também algo a mais já que no final salienta-se que alguns jogadores eram casados e outros solteiros. Nesta linha, então, chegamos à conclusão de que algumas mulheres, geralmente de classes mais altas, se casavam e outras, geralmente de classes mais baixas, serviam apenas para serem “camareiras”. Já na edição 13, publicada no dia 8 de agosto de 1952, podemos ler que uma jovem está tentando uma vaga de carrasco na Nova Zelândia: “Sou uma estudante de medicina, graciosa, jovem e loura. Posso um sólido sistema nervoso e estou certa de que homens ficarão contentes de serem justificados por mim”, dizia o anúncio⁴⁸. Ou seja, o fato dela ser uma mulher bonita faria com que os homens ficassem felizes por ser uma mulher assim a tirar a vida deles.

Vimos anteriormente que nas colunas de Millôr Fernandes a beleza da mulher importaria para o homem mais do que qualquer outra coisa. E nos exemplos acima reforçaram-se os padrões de casamento, submissão e beleza. Em todos estes as mulheres estão ligadas a homens de alguma maneira, tentando agradá-los de alguma forma. Até mesmo a menina que está tentando uma vaga de carrasco, evidência em seu anúncio a expectativa masculina quanto ao exercício de sua profissão, ou seja, que os homens ficariam felizes, portando agradados, por serem executados por uma mulher “graciosa, jovem e loura”. Esses pensamentos provavelmente estão ligados ao que essas mulheres ouviam sobre o seu papel social e ao que os homens reproduziam no sendo comum.

Outro padrão que a coluna instigava era o da rivalidade feminina. Ainda na edição 13, do dia 8 de agosto de 1952, foi publicado na coluna “Por esse mundo de Deus” o caso de Esther

⁴⁵ Começou ocupando metade da página 12, a partir da edição 4, 6 de junho, ocupa uma página inteira, da edição 5, 12 de junho, até a edição 10 ocupa duas páginas e da edição 10, 17 de julho, em diante ocupa 3 páginas.

⁴⁶ A coluna apareceu pela primeira vez na edição 1, do dia 15 de maio. Começou recontando as histórias que consideravam mais importantes que eram publicadas por outros periódicos.

⁴⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 14, 15 de agosto 1952, p. 12-14.

⁴⁸ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 12.

Williams que, segundo o jornal, odiava qualquer mulher em trajes de banho, pois comparava seu corpo ao delas: “O fato é que quando vejo uma moça em roupa de banho, qualquer moça, no meu subconsciente eu a odeio”⁴⁹. Na edição 7, do dia 27 de junho, publicam na mesma coluna, o caso de Tessie O’Shea, uma atriz inglesa, que participava do evento intitulado “reunião das gordas”, que protestavam contra a fala da atriz Dorothy Dickson afirmando que gordas tinham o miolo mole. Segundo *O Comício*, Tessie teria respondido assim a atriz:

“A atriz inglesa Tessie O’Shea está quase a cair da cadeira, em um restaurante famoso, enquanto a americana Sophie Tucker tenta impedir a grande queda. A fotografia foi tomada durante uma reunião das gordas, reunião de protesto contra uma declaração da atriz Dorothy Dickson, segundo a qual as mulheres gordas têm o miolo mole. Tessi O’Shea declarou: não é preciso muita sutileza para prender homens. Nós, as gordas, temos segredos que as magras não têm.”⁵⁰

Ao dizer que “não é preciso muita sutileza para prender os homens”, percebe-se que a atriz coloca que não é preciso muito para prender um homem, já que eles se agradam com coisas básicas entregues por uma mulher. Porém, ao dizer isso, a atriz também deixou implícito que era possível sim atrair os homens com outros atributos além da beleza e da magreza – já que a atriz Dorothy Dickson a desmereceu por esses critérios. Nota-se na descrição feita pela coluna d’*O Comício* que as mulheres reunidas nesse congresso se sentiram mais ofendidas de serem chamadas de gordas do que de miolo mole, já que no senso comum da época era tudo bem uma mulher ser “miolo mole”, pois o mais importante era ser bonita e magra.

Todas as matérias apresentadas até agora não colocavam a mulher como protagonista dos eventos. Ou seja, suas histórias estão sempre ligadas a figuras masculinas – como por exemplo a Agnes Roche procurando um marido, ou a médica norueguesa tentando a vaga de carrasco. Ou ainda estavam ligadas a padrões impostos pela sociedade da época de ser magra, como no exemplo anterior. Nenhuma dessas notícias foram veiculadas para mostrar às mulheres que elas podiam ser independentes e andar fora desse padrão imposto. Pelo contrário, todas as matérias reforçavam de alguma maneira diversos pontos dos padrões impostos pela sociedade à mulheres. Estes que, na época, iam muito além de apenas padrões estéticos, mas também de comportamento e até mesmo nível de intelectualidade.

As maiorias das vezes que aparecem as mulheres n’*O Comício* é na figura de mãe ou de esposa, sempre em segundo plano e com a intenção de apoiar e educar a figura masculina. Na

⁴⁹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 12.

⁵⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 7, 27 de junho 1952, p. 13.

edição de número 9, por exemplo, publicada no dia 11 de julho de 1952, há uma ilustração intitulada “Tem mil motivos e causa mil embaraços a proliferação”⁵¹. Nessa publicação, todos os quadros contam situações desesperadoras que envolvem ter filhos, mas todas no ponto de vista masculino, colocando a mulher como a pessoa que vai lidar com a criança e resolver o problema. Nessa charge da caricatura universal, o autor (não informado) tem como objetivo mostrar os embaraços da “proliferação”. A começar pelo título, que usa a palavra “proliferação” para se referir ao ato de ter filhos, como se fosse algo meramente animal ou ainda científico e necessário. Nesta publicação, o trabalho de cuidar e educar os filhos caberia à mulher, enquanto os pais ficariam encarregados da parte mecânica, ou seja, a de fazer os filhos. Isso fica claro ao ler a charge, que é composta por 8 quadrinhos, sendo que em todos eles a mulher é colocada no papel do cuidado do filho. Já outros dois deles os homens surgem como os responsáveis por prover a família.

⁵¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 31.

Imagem 11: Tem mil motivos e causa mil embaraços a proliferação



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 31.

No primeiro quadro, a mulher se encontra no hospital e aparentemente acabou de ter um filho. O marido diz “Deu certo de novo. O patrão concordou em me aumentar”. Aqui temos alguns sentidos diferentes, por exemplo: o “deu certo de novo” pode ser entendido como deu certo de novo ter mais um filho, e também, deu certo de novo o aumento no trabalho. Já no oitavo quadro estão dois homens conversando com os filhos e com as esposas em volta. Um deles afirma: “O jornal está certo: precisamos urgentemente aumentar a produção”. Aqui a palavra produção tem dois sentidos, o aumentar a produção do país e o aumentar a produção deles para darem conta dos filhos. Em ambos os quadros os maridos são colocados como as figuras que precisam prover financeiramente o lar, bancando os muitos filhos que estão em volta. Já as esposas são colocadas em segundo plano, cuidando dos filhos.

No terceiro quadro, a mulher aparece vestida de noiva com vários filhos atrás afirmando: “Nem queira saber. Ando tão ocupada depois de casar que nem pude trocar de roupa”. Ou seja, após o casamento, os deveres dela para com o marido e os filhos vem para o centro de sua vida. A ela, que não foi colocada como prioridade, restava não conseguir nem mesmo trocar de roupa. No quinto quadro estão duas mulheres conversando e os filhos estão em volta delas. Uma diz a outra: “Tudo começou no dia que eu comprei um suéter apertado”. Aqui entende-se que o suéter apertado foi o que fez a personagem começar a namorar seu marido, o que a teria levado então, a casar-se e, conseqüentemente ter filhos. O que se repete nos quadros, em geral, é a expectativa social não só do casamento, mas um enlace conjugal que resultasse em muitos filhos. Casais sem filhos ou mulheres casadas com um outro destino não estão retratadas nas imagens, tal como se o casamento fosse uma história cujo final (ou resultado) fosse dado como óbvio e esperado, numa configuração matrimonial com papéis definidos. Neste quadro está colocado, implicitamente, que a mulher só conseguiu se casar pois de alguma forma realçou a sua beleza e sensualidade num suéter apertado. O casamento em ambos os quadros é colocado como divisor de águas para as mulheres. Ou seja, existe uma vida antes e depois de se casar, e o depois está marcado pelo trabalho doméstico e cuidado dos filhos.⁵²

Outro exemplo a se destacar é a matéria “Amigos vieram cumprimentar o *Comício*”⁵³, presente na edição 2, do dia 22 de maio de 1952. Nessa matéria há o claro intuito de agradecer a todos que compareceram ao lançamento do semanário. No começo do texto, o redator pede desculpa pela falha de não ter convidado alguns amigos e afirma que na festa havia pessoas

⁵² Existe um movimento assim no jornal desde a crônica de Fernando Sabino sobre a mãe sobrecarregada, ela queria ser estrela de cinema e acabou como mãe de família, novamente uma mudança para a pior depois do casamento.

⁵³ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 20-21.

diversas: Havia gente que ocupava “cargos oficiais e gente completamente da oposição”; “jornalistas, escritores, artistas, homens de publicidade e um número comovente de senhoras e senhoritas”⁵⁴. Nesta afirmação, as mulheres são colocadas numa categoria a parte como “senhoras e senhoritas”, não sendo descritas como jornalistas, escritoras e artistas, apenas esposas ou moças solteiras. No texto abaixo, o autor escreve uma lista de nomes das pessoas que compareceram ao evento, nesta lista apenas mulheres relevantes para o semanário tiverem seus nomes escritos, como por exemplo Clarice Lispector e Hilde Weber, que eram colaboradoras do semanário, outras figuras femininas eram intituladas como “senhora” após os nomes do marido, pois provavelmente não tinha ligação com o semanário em si.

Por outro lado, para contrapor essa visão de esposa, a qual deveria cuidar do marido e viver sempre recatada a sua sombra, temos também n’*O Comício* as matérias que lidam com as mulheres destacando assuntos ligados a aparência física delas, com dicas e assuntos que geralmente são reservados para as colunas femininas. Na edição de número 2, do dia 22 de maio, por exemplo, na coluna “A semana em São Paulo”, o correspondente do jornal afirma que o frio chegara à cidade, mas que “a beleza de algumas mulheres, embrulhadas em peles caras e macias; salva-se não, valoriza-se. Elas, as mulheres, assumem um ar felino, recolhido, esquivo e perigoso.”⁵⁵. Na terceira edição, publicada dia 30 de maio, temos a continuidade da reportagem “10 dias em Moscou”⁵⁶, na qual o correspondente afirmava que uma ondulação permanente custava 250 cruzeiros, ou seja, que, por isso, apenas as mulheres de diplomatas, escritores e professores universitários conseguiam manter o tratamento em dia. Apesar de estarem falando sobre assuntos que interessariam as mulheres, a presença feminina no jornal versava especialmente sobre mulheres ricas, já que no frio em São Paulo afluía a beleza feminina, mas apenas das mulheres ricas, com seus casacos de pele, pois as de baixa renda não teria dinheiro para consumir tais produtos. Já a ondulação permanente ser cara, também era provável que apenas mulheres de homens com cargos com remuneração maior conseguissem manter o tratamento em dia.

Percebe-se que, ao longo do semanário, alguns padrões acerca das mulheres foram reforçados, como por exemplo a beleza, o sensual, a submissão ao homem, família, filhos etc. A presença feminina no periódico é relativamente alta, assim como a presença de assuntos ditos femininos, como moda, beleza e família, aparecendo em outras páginas para além daquelas

⁵⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 20.

⁵⁵ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 24.

⁵⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 3, 30 de maio 1952, p. 20.

dedicadas à coluna feminina. Porém, o conteúdo veiculado é dedicado às mulheres pertencentes às classes mais alta, aquelas que seriam esposas de homens importantes da sociedade. Os padrões repetidos pelo semanário sobre as mulheres, giravam em torno da sua figura enquanto esposa e mãe, sendo reforçada a ideia de que isto deveria se manter, assim com afirmado por Braga no assunto sobre a inserção da mulher na política.

2.2.1. As mulheres na política

Outro tipo de conteúdo que chama a atenção são as referências a mulheres envolvidas na política. Tal como anteriormente havia se falado em Alzira Vargas, surge nas páginas do jornal outra figura feminina ligada a política que chama atenção. Rafael Corrêa de Oliveira escreveu uma matéria com o intuito de defender Eva Perón na imprensa brasileira. A matéria é intitulada “Eva Perón e os monstros”⁵⁷ e está na segunda edição do periódico, publicada no dia 22 de maio de 1952. Nesta reportagem, o autor tem a intenção de criticar uma matéria publicada na revista *O Cruzeiro*, que falava sobre a enfermidade que Evita estava enfrentando e mostrava de forma explícita o quadro da primeira-dama argentina. Já nas primeiras frases da matéria podemos entender a inquietude de Rafael Corrêa de Oliveira quanto ao conteúdo saído n’*O Cruzeiro*:

“Estão contados os dias de Eva Duarte Perón. O câncer corrói sistemática e impiedosamente o organismo jovem dessa mulher que saiu dos camarins para se projetar na História da República da Argentina. As suas carnes minguam, o semblante não apresenta aquela vivacidade contagiante, o espírito não revela mais disposição para a luta e no rosto quedaram-se apenas traços longínquos de uma beleza que foi irregular, e já deixa de ser rosto para transparecer máscara.”⁵⁸

No artigo d’*O Comício*, o autor dizia: “tudo naquela reportagem, é desumano, brutal, de uma perversidade que se revela na preocupação com os detalhes”. O artigo afirma ainda que nenhuma desavença com o então presidente da Argentina justificaria tal ato. Esta matéria da revista *O Cruzeiro* tinha o título de “Os últimos dias de Eva Perón”⁵⁹ e foi assinada por Jorge Ferreira.

Importante destacar que semanário *O Comício* falaria de Eva Perón em outras situações também. Eles anunciaram, por exemplo, a morte dela e depois fizeram uma matéria

⁵⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 5.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 120.

⁵⁹ FERREIRA, Jorge. “Os últimos dias de Eva Perón”. Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952.

biográfica⁶⁰, sempre salientando as diferenças de pensamento de Eva Perón e seu esposo, Juan Domingo Perón, presidente da Argentina entre os anos de 1946 e 1955. A figura de Eva, no semanário, sempre foi lembrada ao lado de seu esposo. Na matéria de Oliveira, a defesa dele está interligada com seu lado humano, de ver alguém sendo exposta em um período de fraqueza. Porém, ao afirmar que nenhuma desavença com seu marido justificaria tal ato, deixa implícito que a revista *O Cruzeiro* fez a matéria apenas pensando em atingir o presidente da Argentina, o qual estaria fazendo um péssimo governo no país vizinho. Essa defesa de Eva Perón, feita na matéria d’*O Comício*, é algo diferente no tratamento a mulheres na época, pois além de enfatizar sua beleza, eles defendem sua personalidade e sua luta: “Evita, enquanto isso, trabalhava o meio operário, caindo de cheio na política. Introduzira-se nos sindicatos, já se tornara bastante popular na época em que Perón esteve preso. Pregava uma reforma ardente e demagógica”⁶¹. Apesar de isso apenas acontecer por ela ser uma figura pública, outras mulheres em lugares parecidos não são defendidas assim.

Seguindo na mesma linha de publicações com viés político, temos a matéria publicada na coluna “A semana em Minas Gerais”⁶², que fala sobre a greve dos ferroviários em Divinópolis, assinada pelo correspondente Otavio Dias Leite. Nesse episódio, segundo relata o jornal, as esposas dos ferroviários entraram no conflito enfrentando a polícia e continuaram marchando mesmo sob tiros de metralhadora e bombas de gás: “Demonstravam elas um destemor e coragem impressionantes, não se deixando intimidar pelas rajadas de metralhadoras ou explosões das bombas de pólvora ou gás lacrimogênio. Sempre cantando, elas foram avançando com passos firmes, resolutas, não dando ouvidos aos militares”⁶³. A polícia então atirou contra as protestantes e muitas morreram. Foi declarado que a operação foi cumprida com êxito. Nessa matéria, as mulheres foram descritas de forma diferente da qual temos visto até aqui. Elas foram “bravas lutadoras”, enfrentando as forças instituídas pelo direito de seus maridos e, numa caminhada pacífica, foram atacadas por policiais que defendiam a empresa ferroviária. Esse trecho da coluna “A semana em Minas Gerais” colocou a mulher em lugar não comum dentro do jornal, o de combatentes na luta por direitos. Entretanto, ele não ocupa um lugar de destaque do jornal e não é bem explicado as circunstâncias da luta dessas mulheres, apenas que elas se juntaram à luta dos maridos contra a empresa ferroviária.

⁶⁰ Intitulada “Maria Eva Duarte Peron: sua história de aventura, esplendor e sofrimento”, *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 5.

⁶¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 5.

⁶² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 18, 12 de setembro 1952, p. 23.

⁶³ *Ibidem*.

Em outra matéria intitulada “As mulheres tomam pé na política”⁶⁴, publicada no dia 19 de setembro de 1952, o intuito parecia ser o de descrever o que acontecera na VII Assembleia da comissão interamericana de Mulheres. A descrição da reportagem dizia:

“Esta reportagem é dirigida especialmente às mulheres brasileiras, que assistem de plateia o movimento de emancipação feminina; bem como aos cavalheiros de má vontade, que caricaturizam as atitudes políticas da mulher dos nossos dias.

Feminismo é um termo que tem sido frequentemente adulterado no seu real sentido; para muitas pessoas, feminista é ainda aquele tipo de charge de 1920 – solteirona de cara amarrada, de invariáveis vestes masculinizadas e que se punha a murmurar nas antecâmaras dos Parlamentos a respeito dos seus vagos e difusos direitos. Hoje, a mulher luta e conquista a sua maioria civil e política, sem distorção da sua feminilidade, sem precisar de antiestéticos travestis”⁶⁵

Esta matéria foi escrita por Zoia Laet de Barros, uma jornalista que não colaborava recorrentemente com o semanário, e era uma das primeiras matérias que defendiam os direitos das mulheres sem colocá-las em moldes do patriarcado, falando que todas as mulheres podiam sim ir atrás de seus direitos sem deixar de ser uma mulher de verdade. Nesta reportagem, a autora discorre sobre a assembleia que estava ocorrendo no Brasil, organizada pela Comissão Interamericana de Mulheres, fundada em 1928. Primeiramente a autora descreve o evento dizendo que “o trabalho era intenso e constante em torno de problemas de tão alta importância que eu não os diria femininos, mas humanos”.⁶⁶ Essa matéria não foi publicada em um lugar de destaque do jornal, porém ela ocupou uma página toda, o que a coloca em evidência. As matérias se destacam pois se diferenciam do restante do conteúdo sobre mulheres do periódico, que em sua maioria são escritos por homens. A defesa dos direitos feministas se destaca na matéria de Zoia Laet de Barros, que tenta quebrar o estereótipo de que as mulheres feministas são senhoras masculinizadas e mau humoradas “Hoje, a mulher luta e conquista a sua maioria civil e política, sem distorção da sua feminilidade, sem precisar de antiestéticos travestis”⁶⁷. No texto, as pautas do movimento são descritas como necessárias no nível humano e não apenas feminino. Dentro do periódico, o artigo acima é uma exceção, já que ele é uma das únicas matérias sobre mulheres, escritas por mulheres, que fogem do padrão que sempre foi seguido no periódico.

⁶⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 19, 19 de setembro 1952, p. 22.

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ *Idem*.

Ainda sobre o tema da independência da mulher, há três matérias que envolvem o trabalho feminino n' *O Comício*. A primeira delas está inserida na série “10 dias em Moscou”⁶⁸, que tinha como título “As mulheres na Rússia”. Nela, o correspondente *d' O Comício* afirma que as mulheres que trabalhavam nas fábricas se vestiam igual aos homens e assim escreviam uma página épica na história da Rússia. Isso porque, segundo o correspondente, após a morte dos homens na guerra, as mulheres encontravam-se em todos os setores da vida nacional. A reportagem intitulada “Por 1200 cruzeiros mensais, milhares de moças passam o dia atrás do balcão”, publicada na edição 11, do dia 25 de julho de 1952⁶⁹, também se aponta para questões interessantes. Nela o repórter foi atrás de estabelecimentos que usavam mão-de-obra feminina e teve dificuldade para entrevistar as mulheres, pois os patrões não deixavam que elas falassem. Segundo o repórter, as trabalhadoras eram tão jovens, que deveriam estar brincando de bonecas. Dizia também que, mesmo com a situação precária de trabalho, atendiam a clientela com um sorriso no rosto.

Outro conteúdo que chama atenção é a matéria falando sobre trabalho. O assunto apareceu sob o título: “Em São Paulo as mulheres trabalham em todas as profissões”. Na reportagem, o autor Radhá Abramo mostrava as diversas áreas em era possível encontrar mulheres trabalhando em São Paulo. Segundo ele, a causa disso havia sido “a ausência de desemprego, o fabuloso *BOON* [*sic*] que sacudiu a cidade, a fluência de grandes massas de imigrantes, o direito de voto, levaram as mulheres a profissões masculinas”. Além disso, o autor entrevistava Maria Josefa, taxista, e ela afirmava: “Mas o que mais me deixa triste é a ignorância de certas mulheres. O maior inimigo da mulher é a mulher. Há dias em que fico vinte minutos ou meia hora esperando, mesmo quando estou em primeiro lugar de saída do posto, só porque mulheres não tomam meu carro”⁷⁰. O texto foi dividido em tópicos referente as profissões mais exercidas por elas, como jornaleiras, mecânicas, taxistas, linotipistas e matadoras de bois. Foram entrevistadas várias mulheres de diferentes profissões e a maior reclamação delas era a de que de não conseguiam trabalhar direito pelo preconceito que sofriam e, com isso, não ganhavam a renda que precisavam. *O Comício*, ao trazer essa matéria, abriu novo tipo de espaço

⁶⁸ A série de reportagens “10 dias em Moscou” foi escrita por Edmar Morel durante sua estadia na Rússia. Essas reportagens foram escritas a pedido dos diretores de *O Comício*. “Faça uma espécie de diário, e conte o que viu sem discutir marxismo nem qualquer filosofia” (*O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 32.). A série de reportagens durou 5 edições, da primeira, de 15 de maio, até a quinta, 12 de junho.

⁶⁹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 14-15.

⁷⁰ *Ibidem*.

para a mulher em suas páginas, e mostrou que a mulher conquistava novos lugares nas cidades, mesmo que aos poucos e com seus defeitos.

Imagem 12: Reportagem “Em São Paulo as mulheres trabalham em todas as profissões”



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 11, 25 de julho 1952, p. 24.

As matérias e reportagens acima falavam de mulheres e eram escritas por homens. Porém não encontrei, matérias sobre mulheres escritas por mulheres além de “As mulheres tomam pé na política”. Havia sim matérias de autoria feminina, mas a maioria era da autora Ivonne Jean⁷¹, duas das reportagens escritas por ela eram sobre crianças: “Mais da metade das crianças morrem antes dos cinco anos”⁷² e “Vocês talvez possam ter filhos”⁷³. A primeira é sobre a alta mortalidade infantil que existia no Brasil, e a maior culpa, segundo o texto, era da falta de cuidados com a mulher durante a gestação e o parto. Já a segunda tratava dos casais inférteis que não sabiam que poderia existir tratamento para facilitar a gravidez. Outra matéria escrita por Ivonne Jean foi intitulada “A casa da estudante antes e depois de uma diretora

⁷¹ As vezes grafado como Yvonne Jean.

⁷² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho, p. 8-10.

⁷³ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho, p. 8.

nervosa”⁷⁴, A reportagem falava sobre uma casa de estudantes para mulheres, mostrando a precariedade da residência em contraponto com a felicidade das meninas de conseguir moradia. Já que é o sonho de muitas eram ir estudar no Rio de Janeiro, mas não vão por falta de onde morar. Além disso, temos mais duas reportagens da autora publicadas: “Nossa especialidade: idade média”⁷⁵ e “No mundo difícil dos cegos”⁷⁶. Para além de Ivonne Jean, temos outras duas reportagens escritas por mulheres: “Viajando com o povo”, que é escrita por Eneida e conta a experiência dela de andar em transportes públicos no Rio de Janeiro; e temos ainda “Um vasto hospital – sem enfermeiras”, escrita por Beatriz Bandeira, sobre como os hospitais estavam cheios de enfermeiras, mas que aceitavam apenas pessoas com diploma para exercer a profissão. Estas matérias escritas por mulheres serão abordadas no próximo capítulo.

Vemos então, que a presença feminina no jornal é, em sua maioria, as colocando em segundo plano depois de um homem ou desmerecendo suas ações e as ligando a um homem. Até mesmo as reportagens escritas por mulheres repetem esse padrão (aqui apenas a reportagem de “A semana em Minas Gerais” sobre a marcha das mulheres em apoio a guerra dos ferroviários, e a matéria “As mulheres tomam pé na política” de Zoia Laet de Barros são exceções a esse padrão). A presença feminina no semanário parecia não ser de fato algo analisado profundamente pelos diretores, e ao ler e analisar essa presença, percebe-se que a diferença do teor que se fala de mulher entre as matérias pode-se vir do fato de que estava se criando ali, uma consciência das lutas femininas nos colaboradores do jornal, colocando em contraponto com outras matérias que reforçavam o estereótipo. Portanto, a presença feminina no jornal se torna algo complexo, pois havia uma preocupação de inseri-las ali e de expor matérias que salientavam a importância da inserção e da importância da mulher para a sociedade. A ambiguidade apresentada nesta questão, faz sentido ao se pensar que estariam, naquele momento, sendo inseridas novas discussões acerca do assunto.

A inserção das lutas das mulheres nas matérias do semanário foram espaçadas, porém necessárias. Mesmo que em frequência menor era algo que não se via em quase nenhum veículo de imprensa na época. Quando deixado a cargo de alguns colaboradores os estereótipos foram reforçados em grande escala, como nas caricaturas de Millôr Fernandes. Mas quando inseridas no contexto maior do jornal a independência feminina foi incentivada. Porém, ainda se vê que não foi algo pensado e estruturado pelos diretores do semanário, mas sim algo que chegava a

⁷⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho, p. 24-25.

⁷⁵ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto, p. 24-25.

⁷⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 17, 5 de setembro 1952, p. 24-25.

eles e decidiam publicar pela pertinência dos assuntos, já que praticamente nenhuma dessas matérias foram escritas pelos colaboradores frequentes do jornal, mas sim outros jornalistas que aparecem uma ou poucas vezes ao longo das edições. A carga feminina de publicações sempre ficou para a coluna “Entre Mulheres”, mas após a saída de Clarice do periódico, e depois o cancelamento da coluna, parece que não virou mais uma regra inserir as mulheres nas reportagens e matérias para além dessa coluna.

Capítulo 3 – As vozes femininas d’*O Comício*.

A imprensa brasileira nos anos de 1950 estava passando por uma grande transformação, saindo do modelo francês e entrando no modelo estadunidense, saindo da literatura e partindo para o jornalismo informativo. A intenção era, de alguma forma, levar para seus leitores o fato como ele ocorreu, passando da sensação de neutralidade.¹ Como já afirmado anteriormente, o semanário *O Comício* não seguiu esta transformação, isso porque “como veículo da imprensa nacional, o semanário vivia condições de produção bem distintas das que se estabeleciam nos jornais diários de grande circulação”². Ou seja, de acordo com Tânia Sandroni, o semanário, por seu pequeno porte, desviou das mudanças que estavam acontecendo e se manteve no jornalismo de combate e de opinião, privilegiando colunas e seções mais opinativas e menos meramente informativas.

A imprensa feminina foi feita para mulheres, as vezes por mulheres, nasceu sob o signo da literatura e posteriormente mudou seu foco para a moda.³ Os tópicos preferidos desse tipo de imprensa são moda, beleza e família. Com isso, tenta-se criar um mundo feminino exclusivo, para que a mulher fique dentro dele e não saia. Para Dulcília Buitoni, a imprensa feminina se dava por periódicos inteiramente produzidos para mulheres, mas também se encaixa as publicações de páginas femininas⁴, que é o caso de *O Comício*. Porém, ao falar sobre as seções femininas dos jornais, a autora faz um comparativo, e afirma que em relação as revistas, essas seções estavam sempre atrasadas, pois a mulher não era considerada como público: “A impressão que se tem é que o jornal editava a página feminina mais para constar”, afirma a autora⁵. No entanto, o semanário não colocou o conteúdo para mulheres exclusivamente na coluna feminina, ou seja, tinham a intenção de atrair esse público também para ler o restante do jornal também.

Entretanto, neste capítulo não pretendendo analisar apenas os conteúdos feitos para mulheres, mas sim aqueles feitos por mulheres. Já que, dentre o corpo de colaboradores do semanário estavam algumas mulheres, que publicavam coisas para além do mundo feminino. No jornal, encontramos homens falando sobre mulheres, muitas vezes a partir de estereótipos,

¹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

² SANDRONI, Tânia. *A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector*. Tese de doutorado, USP:FFLCH, Departamento de teoria literária e literatura comparada, 2018. p. 40.

³ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Editora Ática, 1990. p. 22

⁴ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo, Summus Editorial, 2009. p. 24

⁵ *Ibidem*. p. 97

como vimos no capítulo anterior, mas também encontramos conteúdo produzido por mulheres. Não era um jornal especializado no público feminino, mas elas estavam lá como tema, como notícia, como leitoras e como escritoras, repórteres e desenhistas. Elas estavam lá. A intenção aqui é analisar como e o que elas publicaram no semanário, e de que forma elas ocuparam esses espaços que as foi designado.

Portanto, neste capítulo, intenta-se analisar como se deu a participação das mulheres nas páginas d'*O Comício*, e também, como essas autoras falavam de mulheres. Temos Hilde Weber como desenhista no semanário, que começou fazendo charges políticas e acabou fazendo ilustrações para a coluna de Fernando Sabino. Além disso, temos ainda a página feminina “Entre Mulheres”, escrita por Tereza Quadros, pseudônimo de Clarice Lispector, e depois por Elsie Lessa. Para finalizar, serão apresentadas as matérias e reportagens que foram assinadas por mulheres, em especial por Ivonne Jean.

3.1. Hilde Weber

Dentre as colaboradoras do semanário temos Hilde Weber, uma ilustradora que começou publicando charges políticas no periódico e que, posteriormente, começou a ilustrar as crônicas de Fernando Sabino. A análise da presença da artista n'*O Comício* se faz necessária a partir do momento em que ela fazia parte do núcleo pequeno de colaboradoras do semanário. Suas charges aparecem na maioria das edições e nelas encontramos assuntos variados. Nas primeiras três edições Hilde Weber publica charges políticas intituladas “Ele disse...”, nas próximas ela ilustra as crônicas de Fernando Sabino da coluna “A Aventura do Cotidiano”. As ilustrações das crônicas aparecem em 14 edições, dessas, 5 contém personagens mulheres⁶. A ilustradora, à época, já era conhecida por suas charges políticas, porém, depois de algumas edições, passou a fazer charges de outros temas. As personagens femininas começaram a aparecer nos desenhos de Hilde Weber apenas nas charges de temas variados, não ligados à política.

Naturalizada brasileira, Hilde Weber nasceu na Alemanha em 1913 e se formou na Escola de Artes Gráficas de Hamburgo no ano 1932. De acordo com Natania Nogueira, foi uma das poucas mulheres a exercer a profissão de ilustradora, na época, tendo uma formação específica. Ao mudar-se para o Brasil, em 1933, e se especializar em charges políticas, Hilde

⁶ Edição 5, do dia 12 de junho de 1952; edição 7, do dia 27 de junho de 1952; edição 10, do dia 17 de julho de 1952; edição 15, do dia 22 de agosto de 1952 e a edição 22, do dia 10 de outubro de 1952.

Weber começou a trabalhar para o *Diário Associados*, ilustrando reportagens de Rubem Braga, que posteriormente viria a ser um dos diretores de *O Comício*⁷. Hilde Weber começou a trabalhar na *Tribuna da Imprensa* na década de 1950 e continuou colaborando para o jornal de Carlos Lacerda até 1962. Segundo Nogueira, “foi na *Tribuna da Imprensa*, com Carlos Lacerda, que ela passou a se destacar neste tipo de produção, com conteúdo político. Seu alvo constante era Getúlio Vargas.”⁸ Nogueira afirma, então, que foi dentro deste jornal que Hilde começou a se destacar na produção de charges políticas. Durante a sua colaboração para *O Comício*, em 1952, a artista trabalhava simultaneamente no *Tribuna da Imprensa*⁹, um jornal que se posicionava contra Getúlio Vargas, assim como *O Comício*.

Hilde Weber começou no semanário *O Comício* fazendo uma série de charges políticas intituladas “Ele disse...”, publicadas na segunda página do semanário, dividindo espaço com a coluna de Fernando Sabino, “A aventura do cotidiano” (imagem 2). Essas charges geralmente eram críticas sobre o presidente da época, Getúlio Vargas. Porém, a partir da edição de número 4, do dia 6 de junho de 1952, as charges “Ele disse...” deixam de existir, ficando a cargo de Hilde Weber ilustrar as crônicas de Sabino. As charges que fizeram parte da série inicial criticavam o fato de Getúlio Vargas não cumprir suas propostas do governo. A primeira delas, presente na edição de número 1, publicada no dia 15 de maio de 1952 (imagem 1), tratava do fato do então presidente ter prometido a reforma agrária para o país. Nela, a desenhista coloca como justificativa de Vargas para o não cumprimento da promessa a seguinte frase: “Vocês entenderam mal... eu não disse que a reforma ia começar por Itú e S.Borja...”¹⁰. Na ilustração, o presidente é colocado em figura de destaque, com tamanho maior e centralizado, falando com o povo e com vacas, no que parece ser uma fazenda. Entende-se que o povo estava chegando para a prometida reforma agrária que não aconteceu. Essa seria então a crítica de Hilde Weber.

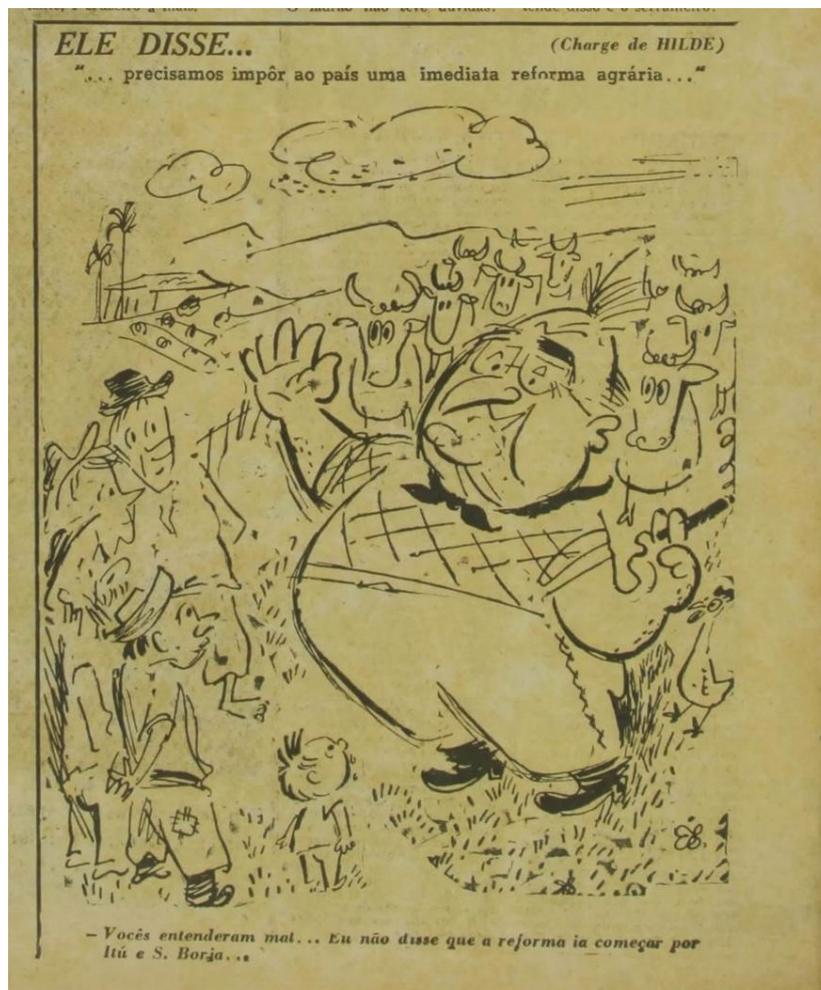
⁷ NOGUEIRA, Natania. A presença feminina na caricatura e na charge política no século XX (1910 – 1960). *Anais do 2º Encontro HQ – Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop*. 28 e 29 de julho de 2012, Centro de Convenções da UFPE. Maceió: Edufal, 2012, p. 523.

⁸ *Ibidem*. p.526.

⁹ *Tribuna da Imprensa* era um jornal de Carlos Lacerda, um dos principais opositores ao governo de Getúlio Vargas.

¹⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 2.

Imagem 13: Charge de Hilde “Ele disse...”



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 2.

Já na segunda charge (imagem 2), presente na edição 2 do jornal, publicada no dia 22 de maio de 1952, a autora critica o fato de Getúlio ter prometido um certo preço para a carne e, mais uma vez, não ter cumprido a promessa. O presidente aparece atrás de um balcão, como se ele fosse o vendedor. Na sua frente se encontrava uma fila de pessoas, que estavam esperando para comprar a carne. Nesta fila, encontram-se homens, mulheres e crianças. Esta promessa não cumprida de Getúlio Vargas era um assunto que também afetava as mulheres, pois nos núcleos familiares da época era uma tarefa feminina a compra e a produção da comida nas casas. Assim, a presença de mulheres, com seus filhos, na fila para a compra de carne, esperando o presidente cumprir a sua promessa de diminuir os preços da carne, se justificada na charge da ilustradora.

Imagem 14: Charge de Hilde "Ele disse..."

"... a carne podia ser vendida ao povo por seis cruzeiros..." - Mas quem falou em quilo? Seis cruzeiros a cada cem gramas é o que eu quis dizer..."

Comício
Semana independentemente
Direção de
JOEL SILVEIRA, RAFAEL COBREIA DE OLIVEIRA E RUDEMIR BAGA
Proprietário do Comício: ESTER COELHO LIMA
Diretor-Administrador: ELIO F. FERREI
Diretor-Executivo: ALBERT FERREI
Redação, Administração e Circulação: Rua Alvaro de Azevedo, 25 (Cin. 7) - Tel. 22-1403
Banco em que funciona: LUIS MARTINS
R. S. 1 - Rua José Bonifácio, 235 - Sala 202
ASSINATURAS:
SOMOSFER... C/15 L410
MEMBRO AVULSO C/15 2306

A aventura do COTIDIANO

FLAUVIO L. KAUPFER, de 26 anos de idade, paulista, descendente de alemães. Magro, quase esquelético, cabelos louros e arrepiados, olhos azuis. Cego da vista direita, emergendo quase nada com a esquerda. Foi para os Estados Unidos tentar operação com o método de córnea.

A operação foi um sucesso e o rapaz ficou bom da vista. Seis meses depois emergava com aquele olho mais do que com o outro. Podia ter voltado para São Paulo, mas resolveu operar também este outro olho que funcionava pouco.

Começou então sua vida: a segunda operação não foi bem sucedida, a córnea usada não estava em boas condições. O rapaz voltou ao hospital em hospital, submeteu-se a exames e laboratórios, passou pela mão de vários especialistas, camera a pila que o diabo amonstou. Neste meio tempo a situação que viviam tornava tais operações tão caras quanto a preço de cêntimos disponíveis no mercado. Elas eram cultivadas de defuntos ainda frescos, mas legislação especial passou a regulamentar este macabro comércio. Era preciso a aquisição do morto, e nem todo mundo, antes de morrer, tem tempo de dispor de seus olhos. A não ser os condenados à morte.

Flávio voltou para cá sua atenção. Percebera praias de olhos a partes dos Estados Unidos, conversou com condenados à cadeira elétrica, à forca, à câmara de gás. Estêve em Alcatraz e em Sing-Sing - todo inútil: os condenados não pediam muito dinheiro pela sua córnea, para sustentar a família, ou mesmo já haviam disposto dela antes de morrer. A cada novo crime de morte praticado naquele país, Flávio começava a aguardar impaciente a prisão do culpado, para propô-lo à compra do olho, antes mesmo que fosse condenado. Acompanhado de perto as investigações, observava com interesse os suspeitos.

- O deste aqui me parece ótimo - dizia, referindo-se ao olho de um dos possíveis criminosos, cujo retrato o jornal estampava.

Chegou mesmo a ser preso um dia, como implicado em um crime dado seu interesse nas investigações da polícia.

- Tenho certeza que este pega cadeia elétrica - dizia, entusiasmado.

Um médico americano, conhecendo seu problema, resolveu ajudá-lo. Até então ninguém nada tinha feito por ele porque o olho a ser operado não era "de primeira necessidade". Havia outros mais necessários.

- Vou extrair o olho de um paciente hoje - disse-lhe o médico. - A córnea me parece em bom estado. Passe li no hospital e me espere um corredor.

Flávio assim fez e horas mais tarde o médico lhe entregava sorratamente o olho, embrulhado num lenço.

De nada lhe valeu tanto trabalho; ainda desta vez a operação não foi bem sucedida e meses mais tarde, já sem dinheiro, cansado de sofrer, Flávio Lemos Kaupfer desistiu e regressou ao Brasil, nas mesmas condições em que saiu daqui: apenas, agora era cego do olho esquerdo e emergava um pouco com o direito.

O Homem Come
O ministro Simões Filho nunca foi das intimidades do sr. Getúlio Vargas. Mesmo porque tinha uma péssima feição e a razão de uma agressão que sofreu na Bahia, quando o tenente Juraci Magalhães era interventor. As docuras ministeriais apagaram, afinal, essa lembrança cruel. Mas os hábitos do presidente espantam um pouco o ministro.

- "Vi o Getúlio jantar - disse ele. Temou um prato de sopa, comeu uma boa posta de peixe com arroz e um grande churrasco com farofa. Depois comeu ainda queijo com doce. Serviu-se de frutas variadas. E quando eu pensei que ele fosse pedir bicarbonato, veio uma terrina de coelhada, e o diabo do velho tomou dois pratos fundos!"

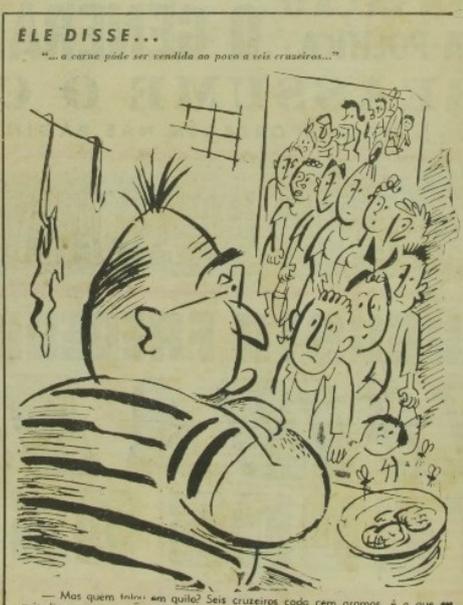
E depois de uma pausa, passando a mão pela barba:
- O homem come!

JUCAS BAR
Entre no Ambassador Hotel: e no fundo do salão esse bar acolhedor, refrigerado, de ambiente moderno e suave, e ali que sempre legítima
Rua Senador Dantas, 25

SOMOS de opinião que devia ser tratado com um pouco mais de simpatia o rapaz modestamente vestido que, na semana passada, entrou numa agência ultramarina de passagens, na Praça Mauá, e perguntou quanto custava uma passagem de barco para Niterói.

O Espírito Anônimo:
- "Dizem que a gente vem para o Brasil em tamancos" - afirmava um português na feirinha de Ipanema, dentro de sua tendinha - "é que um dia acaba voltando para Portugal num transatlântico de primeira classe. Pois eu vim para o Brasil há trinta anos e, hoje, o máximo que consigo, foi vender tamancos na feira".
F. S.

ELE DISSE...
"... a carne pode ser vendida ao povo a seis cruzeiros..."



- Mas quem falou em quilo? Seis cruzeiros a cada cem gramas é o que eu quis dizer...

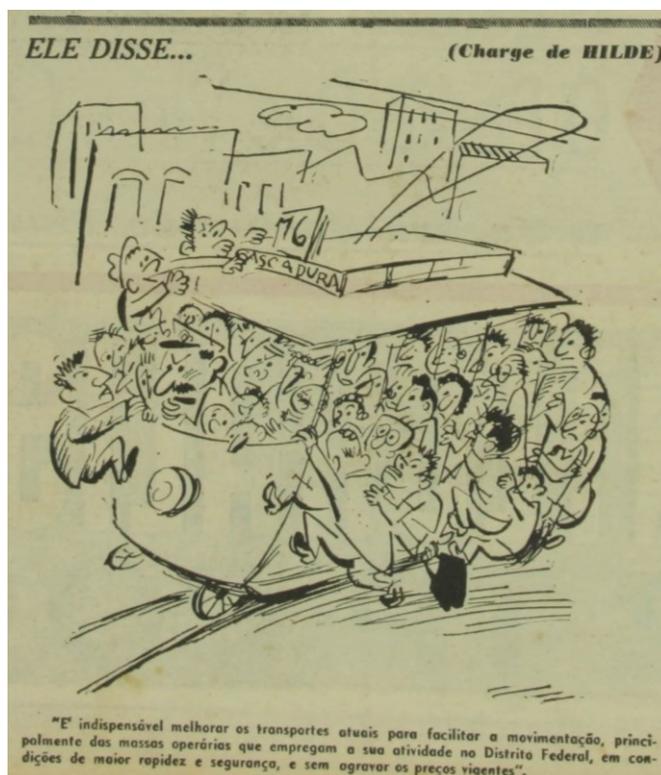
Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 2.

Na terceira ilustração (imagem 3), da edição 3, do dia 30 de maio de 1952, Vargas aparecia no desenho de Weber dizendo: "É indispensável melhorar os transportes atuais para facilitar a movimentação, principalmente das massas operárias que empregam a sua atividade no Distrito Federal, em condições de maior rapidez e segurança, e sem agravar os preços vigentes"¹¹. Na ilustração, a Hilde Weber deixa claro que essas melhorias não aconteceram e os transportes públicos continuavam lotados e sem segurança, ao ilustrar um bondinho com

¹¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 3, 30 de maio 1952, p. 2.

uma lotação de passageiros. Note-se, por exemplo, que se as mulheres apareciam na fila da carne, no transporte público estão trabalhadores, todos homens, disputando um lugar no ônibus:

Imagem 15: Charge de Hilde “Ele Disse...”



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 3, 30 de maio 1952, p. 2.

Entretanto, a partir da quarta edição do semanário, do dia 6 de junho de 1952, Hilde deixa de fazer suas charges políticas para ilustrar a coluna de Fernando Sabino, com quem passou a dividir a página. Entende-se que a chargista começou sua colaboração com o semanário fazendo charges políticas, porque na época ela estava ganhando notoriedade nessa área por fazer o mesmo trabalho no jornal *Tribuna da Imprensa*. O destaque e a presença de seus desenhos já em outros jornais, inclusive, podem ter sido o motivo que a fez parar de fazer a série “Ele disse...”, evitando possíveis repetições com o que já vinha trabalhar no outro periódico. Além disso, pode-se pensar, também, que ter uma mulher falando sobre política, ainda mais criticando o presidente, poderia ser caro para o semanário e seus colaboradores masculinos. *O Comício* ainda estava no início de suas publicações e por isso saber o que agradou o público ou não se torna quase impossível com as poucas edições. Portanto, o motivo da troca de papel de Hilde Weber provavelmente envolveu outras questões internas ao semanário.

A partir do momento que Hilde Weber começou a ilustrar a coluna de Sabino, ela manteve esta tarefa nas maiorias das publicações. Ao todo, entre as edições 4 e 22, publicadas entre os meses de junho e outubro, foram 14 o número de caricaturas de Hilde Weber para as crônicas de Fernando Sabino¹². A autora não chegou a publicar nenhuma outra ilustração a não ser as atreladas a coluna de Sabino, porém foi uma presença constante no semanário. Destas 14 charges, apenas 5 delas tinham mulheres. Na coluna de Sabino eram publicadas mais de uma crônica por vez e, quem escolhia qual Weber iria ilustrar era o próprio autor, como ele afirmou na edição 5, do dia 12 de junho de 1952:

Esta seção ainda não estava escrita quando Hilde Weber, a excelente desenhista de COMÍCIO, me telefona, pedindo que lhe desse o assunto da ilustração. Para ganhar tempo, sugeri que fizesse uma cena de cozinha, com cozinheira, panelas, pratos, torneira, falta d'água, crianças, etc. Ela o fez, e muito bem.¹³

Nesta mesma edição, se encontra a primeira ilustração de Weber em que aparecem mulheres. Nela, como já descrito no pedido de Sabino acima, vemos uma cena caótica, na qual aparece uma mulher em frente a uma pia cheia de louça, porém da torneira pinga apenas uma gota de água. Na cena, a sua volta, estão crianças e animais, brigando ou fugindo daquele caos gerado pela falta de água. O contexto da coluna foi escolhido por Sabino, o fato de ser uma cozinheira, com panelas e pratos não lavados, foi ideia do autor. A ilustração de Weber retratou perfeitamente o cenário, porém colocando a mulher em um lugar comum para ela na época, em frente a pia lavando as louças. E o caos gerado pela falta de água a fez se descuidar de suas outras tarefas, cuidar da casa e das crianças. A crônica acabou por não ser publicada por Sabino, mas a ilustração se manteve.

¹² Na edição de número 17, por exemplo, publicada no dia 5 de setembro de 1952, a coluna “A Aventura do Cotidiano” foi transferida da página 2 para a 29, sem a ilustração de Hilde. Nas edições 18 a 21 não se encontra a coluna no semanário, nem ilustração da artista. “A Aventura do Cotidiano” volta a aparecer a edição 22, do dia 10 de outubro de 1952, com as ilustrações da chargista pela última vez, já que, no último número do semanário, o 23, publicado no dia 17 de outubro de 1952, a coluna é substituída por um “Relato de viagem”¹², escrito por Fernando Sabino, mas sem as ilustrações de Hilde.

¹³ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 2.

Imagem 16: Ilustração de Hilde Weber sobre a falta de água.



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 2.

A próxima edição em que Hilde Weber ilustra uma mulher é a de número 7, do dia 27 de junho de 1952. Na crônica, Sabino fala sobre uma caminhada que fez pela praia durante o inverno, se lamentando por não ser verão e não encontrar aquele espaço cheio de pessoas. Com ele, na praia, estão apenas quatro pessoas, uma velha alemã passeando com seu cachorro, um casal e um atleta, e são esses que aparecem na ilustração. A mulher é colocada passeando com seu cachorro em primeiro plano, depois aparece o casal e posteriormente o atleta. A escolha de colocar a senhora alemã em primeiro plano foi escolha da desenhista, porém a representa como uma mulher elegante, com chapéu, óculos escuros, roupa de banho e sapatos:

Figura 17: Ilustração de Hilde Weber sobre o passeio na praia



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 7, 27 de junho 1952, p. 2.

Já na edição 10, do dia 17 de julho de 1952, a desenhista ilustra a crônica sobre uma festa realizada no Itamarati para Dean Acheson, secretário do Estado dos Estados Unidos da América. Sabino comenta os luxos da festa, afirmando que o dinheiro gasto ali superava todo o investimento que o secretário poderia destinar ao Brasil¹⁴. Weber segue a ideia na sua ilustração. Nela aparecem os convidados chegando à festa por meio de uma escadaria, todos elegantes, vestindo roupas sociais. As mulheres estão acompanhadas de seus maridos, porém estão desenhadas a frente deles. Em festas assim, oficiais, geralmente as mulheres estão acompanhando seus maridos, e pela etiqueta, é aconselhado que andem sempre atrás, mas Hilde Weber se preocupa em desenhá-las andando a frente.

¹⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 2.

Imagem 18: Ilustração de Hilde Weber sobre a festa para Dean Acheson.



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 2.

Nas duas últimas edições nas quais encontramos a artista ilustrando mulheres, referem-se ao episódio de Dona Madalena, personagem constante nas crônicas de Sabino, tratada no capítulo anterior, e ao texto em que Sabino alegremente comemorava o fato de possuir leitoras. Hilde Weber desenha, então, Sabino sendo abordado pela leitora em uma cafeteria. No desenho, o autor apresenta um semblante de felicidade com o encontro, enquanto a leitora demonstra surpresa com a coincidência. A mulher é apresentada com os trejeitos de uma “bela senhora” como é afirmando pelo autor durante a crônica, com um vestido rodado, de decote aparente, com os cabelos arrumado e maquiagem no rosto. Seria essa então a percepção de Weber do que seria uma bela senhora naquela época:

Imagem 19: Ilustração de Hilde Weber do encontro de Fernando Sabino com sua leitora.



Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 22, 10 de outubro 1952, p. 10.

Podemos concluir que as ilustrações de Hilde Weber, de certa forma, reiteram alguns dos padrões femininos da época. Porém, é difícil afirmar corretamente, já que Fernando Sabino tinha grandes influências sobre quais crônicas ela ilustraria e de que forma faria isso. Já que, por exemplo, algumas crônicas do autor sobre mulheres não foram ilustradas por Weber, as únicas foram a de Dona Madalena e do encontro com a leitora, as quais tinham um interesse se Sabino para ter destaque na coluna. Entretanto, nas ilustrações de Weber as mulheres aparecem em, de certa forma, em lugares de destaque, ou seja, em primeiro plano. Além disso, os padrões estéticos não são exatamente seguidos, já que aparecem mulheres com corpos diferentes e com vestimentas diferentes. O fato de a leitora ter sido representada de forma a seguir esses padrões podem ter vindo de influência de Sabino, já que ele queria enfatizar que sua coluna era lida por belas senhoras.

De acordo com Nogueira, Hilde Weber afirmou em uma entrevista que “na sua profissão recebeu o reconhecimento e o respeito de seus pares e não teve muitas dificuldades em se firmar na carreira por pertencer ao gênero feminino”¹⁵. Sendo uma das únicas colaboradoras mulheres do semanário – e trabalhando em outros jornais renomados na época,

¹⁵ NOGUEIRA, Natania. A presença feminina na caricatura e na charge política no século XX (1910 – 1960). Anais do 2º Encontro HQ – Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop. 28 e 29 de julho de 2012, Centro de Convenções da UFPE. Maceió: Edufal, 2012, p. 528.

podemos afirmar que a ilustradora conquistou um lugar na sociedade como uma grande chargista. Entretanto, afirmar que ela nunca sofreu nesse meio por ser mulher, e ainda uma mulher estrangeira, pode ser equivocado. Um sinal disso foi o próprio espaço reservado a ela n'*O Comício*. Isso porque pelo seu destaque profissional à época, Weber poderia ter conquistado um espaço tão grande quanto o de Millôr Fernandes no semanário, comentando política nacional. Contudo, acabou lhe sendo reservado o papel de ilustrar os textos de outro redator em destaque, Fernando Sabino.

3.2. Clarice Lispector e Tereza Quadros

Tereza Quadros foi o pseudônimo que Clarice Lispector escolheu para assinar a página feminina de *O Comício*, “Entre Mulheres”. A coluna foi publicada em 18 edições, de maio a setembro, porém assinada por Tereza Quadros são apenas 12. Clarice Lispector deixa de colaborar com o semanário em agosto de 1952. A análise de uma coluna feminina, escrita por uma mulher, se faz extremamente necessária neste trabalho. Entender quais assuntos são abordados com mais frequência, e como eles são abordados, nos ajuda a entender o perfil das leitoras do semanário. Além disso, é importante analisar também qual o perfil de leitora que *O Comício* queria atrair, já que existiam conteúdos para mulheres fora das páginas femininas.

“Tereza Quadros é uma criação. Pode ser também um pseudônimo, uma personagem ou uma máscara. O nome foi inventado pelo velho Braga sem maiores entretantos. E deveria ser a nova voz de Clarice Lispector no seu ofício de escrever páginas femininas.”¹⁶

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920, enquanto sua família judia fugia dos impactos da Primeira Guerra Mundial. A família chegou ao Brasil pelo porto de Maceió em 1922 e se fixou no Recife. Quando Clarice ainda era adolescente, a família se mudou para o Rio de Janeiro, cidade onde ela cursou a faculdade de direito e fez sua primeira publicação na revista *Pan*, em maio de 1940.¹⁷ Posteriormente, ela começou a trabalhar para o grupo do jornal *A Noite*, mais precisamente para a revista *Vamos Ler!*. Lá se manteve por 2 anos e meio, fazendo trabalhos de repórter e entrevistadora, publicando eventualmente alguns contos. Nesta época, em 1943, a escritora publicou seu primeiro livro, *Perto de um coração selvagem*, pela editora do jornal *A Noite*, onde não pagaria as impressões, porém não iria receber pelos exemplares

¹⁶ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006. p.137.

¹⁷ ARAUJO, Marta Milene Gomes. Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania do texto literário. Dissertação de mestrado em teoria da literatura, UFPE, 2011. p. 16.

vendidos.¹⁸ Em 1943, Clarice se casou com o embaixador Maury Gurgel Valente, seu colega da faculdade de direito. Após o casamento, a escritora passou por volta de 16 anos morando fora, entre idas e vindas para o Brasil. O primeiro destino do casal foi para a Itália, onde passaram alguns anos, principalmente em Nápoles. Em 1949, Clarice retornou ao Brasil pela primeira vez para o lançamento de seu livro *Cidade Sitiada*. Na época, foi recebida como uma grande escritora, já que suas publicações anteriores haviam começado a ser reconhecidas pela crítica e pelo público. Em 1952, quando retornou ao Brasil uma segunda vez, seu marido esperava a transição para o outro destino, os Estados Unidos. Foi durante essa pequena estadia no Rio de Janeiro que a autora aceitou o convite de seu amigo Rubem Braga para escrever a página feminina de seu mais novo semanário, *O Comício*. Em setembro de 1952, Clarice e Maury partiram para os Estados Unidos, onde iriam morar pelos próximos 6 anos.¹⁹

A seção feminina do semanário *O Comício*, “Entre Mulheres”, era escrita por Clarice Lispector sob o pseudônimo de Tereza Quadros. A criação de uma nova personagem partiu da necessidade da escritora de manter seus trabalhos para a imprensa escondidos, já que seu intuito era se tornar uma grande escritora de livros e, na época, se associar a imprensa parecia não era o melhor caminho para a autora.²⁰ Clarice assumiu a autoria dessas páginas femininas apenas em maio de 1970, em uma de suas crônicas para o *Jornal do Brasil* com o título “Só para mulheres”.²¹ Porém, na edição de número 13 do semanário *O Comício*, publicada no dia 8 de agosto de 1952, os diretores já haviam dado sinais dessa autoria, ao anunciarem que *O Comício* perdia “seu melhor redator”, mas reagia “brilhantemente”, no qual afirmavam que Tereza Quadros era Clarice Lispector e que ela partiria para o exterior em breve, deixando de ser a escritora de “Entre Mulheres” já na próxima edição²². Clarice, portanto, assinou a coluna até a edição de número 13, como confirmado pelos diretores do semanário, com um total de 12 colunas assinadas e publicadas por Tereza Quadros.²³

O público da coluna e as leitoras para as quais a autora se dirigia eram as mulheres que viviam o papel de mãe, esposa e dona de casa. Tereza Quadros fazia o papel de conselheira da mulher, aquela que levava a informação afim de tentar tornar tais tarefas mais leves e simples possível. De acordo com Aparecida Maria Nunes, na década de 1950 não era só a imprensa que

¹⁸ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006. p. 42.

¹⁹ *Ibidem*. p. 131.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem*.

²² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 26.

²³ Na edição 11, do dia 25 de julho de 1952 a coluna “Entre Mulheres” não é publicada.

estava passando por mudanças, a sociedade estava se tornando mais moderna também, o que exigiria das mulheres uma readaptação.²⁴ O papel da autora (através de seu pseudônimo) era o de ser aquela amiga que compartilhava os segredos e as estratégias que faziam com que as tarefas domésticas, a criação dos filhos e o cuidado do marido se conciliassem com a nova rotina da mulher. Esses conselhos eram passados através de um diálogo de Tereza Quadros com suas leitoras, em sessões intituladas “Aprendendo a viver” e “Conselhos de minha vizinha”²⁵.

A coluna “Entre Mulheres” foi publicada pelo semanário em 18 edições, Clarice Lispector, sob o pseudônimo de Tereza Quadros contribui por 12 edições.²⁶ A coluna ocupava uma página inteira do periódico e variava de localização, se concentrando entre as páginas 17 a 20. A organização da coluna, em questão de diagramação, variava bastante, porém podemos encontrar nelas sempre os mesmos conteúdos, tais como crônicas, a seção “Aprendendo a viver”, “Conselhos de minha vizinha”, dicas de moda e comportamento. A crônica assinada por Tereza Quadros ocupava sempre um lugar de destaque no jornal, assim como a foto de alguma modelo vestindo estilistas renomados da época. As sessões que circulavam esses dois conteúdos variavam. Temos, por exemplo, “Aprendendo a viver”, “Conselhos de minha vizinha” e “O que você não deve usar”. Em sua maioria, as sessões não vinham com títulos, porém todas tinham como objetivo dar conselhos sobre moda, cuidado com a casa, dicas de beleza e cuidados com a família.

²⁴ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006.

²⁵ “Aprendendo a viver” apareceu em todas as edições nas quais Tereza Quadros assinou a coluna. Já “Conselhos de minha vizinha” apareceu em 4 das 12 edições.

²⁶ Da edição 14, do dia 15 de agosto de 1952, até a edição 19, do dia 19 de setembro 1952, quem escreve a coluna é a escritora Elsie Lessa.

Imagem 20: Coluna “Entre Mulheres”

ENTRE MULHERES

ENFERMEIRINHAS ESPERTAS

TEREZA QUADROS

DESDE que a lei passou a estipular salariao mensal a ser pago a partir de dentro do ano, um bom numero de enfermeiras e dentistas, sem se resar em equitativas regras, se contentam no safrancisco, roncando, na intemperancia dos projetos permanentes que a lei para lei tao dura se-ria admitir qualificaes de 12 anos, de-terminadas ao completarem essa idade. Antes de tirar nova carteira.

O resultado e que se podem encontrar, em an-tes complicadas, juramen-tes em franca falta de reconhecimento, com as per-sonas lidas sustentadas por salios alienos, com o resul-tado leve ladoado por grandes burros pigmeos, tudo isso pouco digni-ficando a lei uniformi-branca. A uma delicia, m e l i l i l i e a em-para-da, magra como um palito, perguntamos a idade, cultura, respon-siva e foi como se tivesse dito: “Ela, minha pa-reca entre as palestras e o balon.”

Mas para medicos e dentistas tao espertos. Deus da enfermagem e a espertaria. Oa melhor “a necessidade era e oca” no caso, a espertaria. Re-nas mentais se desen-tem como podem. Aten-dem, plausivelmente os clientes, nao com estu-der, mas com uma in-diferencia tao total que a bodega e aberta ao pro-prio rosto dos dentes, es-pertaria que nao dentis das nervos. Outras mu-lheres, em relacao ao adiantado, de uma tri-za proxima. “Meu pai foi atropelado”, a ma-rinha simpatica, “que-brou os dentes por aqui, la nele! ficou com o res-ta do lado cuberto de san-ta, la nele. Eu, hem”. Contra a falta de cim-ba-re, detestem-se de ou-tras moedas. Em suma, auxiliar de medico im-pugne aos dentes com a cara nada lida, um bota-cao de meacras piladas e enveredada. “Fico por uma menina que nao tem pai e me”, provisorio-mente ela mesma, que felicemente tem pai, ma-e e muitos irmaos. “Rein-quei feio, nao e’ mais e para ajudar ja vendi meus dentes, quer comprar? que inspetta se, na verdade, e para ajudar a menina, que se tornou esperta por caso de oti-cio. Embora nao lida com a posicao de ser co-ragem, “morca de mada quando escurece, o dou-lor vai e lida esperando sozinha no andar.”

Mas a espertaria mais simpatica foi a que nos contaram, de uma ad-leria de dentista. Gostava quinhentos cruzeiros. Nao quis tirar feias, apesar da suplica do dentista.

...pele avulsa. Em bom sentido local e a porcaria, tambem in-dicada para constatar o in-gressamento das pelias. Pense a parca bem quente, com dis-cho de um pouco. Aplique va-rias camadas, trocando as vol-tes com toalha e papel para con-servar o calor das porcias. De-fo de tres quartos de hora, na podera ser retirada como uma lava.

A canthala de um tom de ver-melho nao deve ser grande exci-sivamente pela noite, mas deve-ja adaptada ao tom da pele, no tom do baton, e cor da rou-pa. Para melhor bromado, que naturalmente, que pelo cren-do de que um rosa bem vivo e he-avante bonito. Para melhor clara, nada quomada, e muito agrada-vel em tom de framboesa.

Em unhas de esmeralda de cor-ado tao esdentado como as pro-prios dentes. Pintas de dadas que parecem ter sido mura-tilhadas numa ponta de can-que, nao esenta nenhum. Um sorriso grande, que brilha de perola e altamente contra-indi-cada para fazer esperto, por exemplo. Ah, para uma ma-chaer esportiva e mulher e um tom claro, quase natural.



APRENDENDO A VIVER

Para quem, por desleixo ou por falta de estudo, vive a vida de passado, eis uma Esmeralda de Frenon: “pode-se corrigir o passado com o futuro. Tivevo um, mais, o tempo modo de corrigir o passado. E’ uma verdade dita a de que, enquanto voce hesita, a passagem, e’ o presente de um dia. Qualquer “passa para a mediacao” lhe assegurara isso. A verdade e que nao ha outro modo de viver senao de ser e corrigir, e’ depois ser de novo e corrigir de novo. O que nao chega a ser tragico; e’ uma fase permanente de aprender, um profetao da vida. Agora o que e’ mesmo oca e’ a uma pessoa sentir-se mais capto da vida, naturalmente e’ clara e luminosa, honesta, honesta, honesta para entrar no “ser” de respeito, no ser e o ser. E’ toda ma-gica, e foi como se tivesse dito: “Ela, minha pa-reca entre as palestras e o balon.”

“MAOS DE FADA”

De toda as de minha, nao e id possivel ser o meu sonho que se corrigem as maos ideais. Que, minha, e’ o que se a-guarde e depois de lida, assim como nao e’ o que “recor-que” que voce mantem a beleza do mundo.

Epiderme seca e unha que-queadas nao evitam nada al-guma, por mais lida que seja e ser. Portanto, de lida e’ o ve-cto, especialmente murchar as maos, mas tambem de lida espe-ral murcha, que se regenera-za e por, na sua profundeza, apoda como o creme nutritivo que cobre a pele do rosto. Este, como lida tem a propriedade de, evitar que as unhas se partam.

Tambem e massagem e in-dispensavel, se voce quer ter es-quele tipo de maos que re-almem o olhar. Pense o colun-tilho sobre a mesa, e nada se-er. Com a outra maos con-que, por massagem e bota-za dedos, ate as pontas. Portanto, que voce lida, murcham no ar, e lida, e que voce e’ esmeralda de-para.

Ha muitas mulheres que tem as maos deformadas.

CONSELHOS DE MINHA VIZINHA

Minha vizinha diz que sua maos nunca se quebra do tabaco para o seu cachimbo. Para evitar que o fumo que-queada para entrar no “ser” de respeito, no ser e o ser. E’ toda ma-gica, e foi como se tivesse dito: “Ela, minha pa-reca entre as palestras e o balon.”

CONSELHOS DE MINHA VIZINHA

Minha vizinha diz que sua maos nunca se quebra do tabaco para o seu cachimbo. Para evitar que o fumo que-queada para entrar no “ser” de respeito, no ser e o ser. E’ toda ma-gica, e foi como se tivesse dito: “Ela, minha pa-reca entre as palestras e o balon.”

PAGINA 18 ☆ COMICIO ☆ RIO, 31-7-1952

Para o seu anovos, essa delicada peca de “lingerie”. Saiba o tecido lino, de um branco perola, e unica coisa de confeito sao algumas peças de rosa, esportadas pela zona. Na fir-mila do carpete, num lolo apena, reu-se algumas rosas. O mesmo acontece numa das alças que substituem mangas.

Fonte: O Comício, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 18.

A seção “Aprendendo a viver” aparece em todas as 12 edições em que Clarice Lispector escreveu. Tinha como objetivo dar conselhos de vidas para suas leitoras, sobre como lidar com as aflições da vida de maneira a se equilibrar em meio a situações conflitantes. Em sua primeira edição, a autora dá dicas de como se estressar menos, fazendo comparação com uma chaleira no fogo: “Há vários modos de tirar uma chaleira do fogo. Um deles consiste em adiar por uma semana a resolução dos seus problemas”²⁷. Ao adiar seus problemas, a autora “tira a chaleira do fogo” e se acalma. Conclui que, caso os problemas persistissem depois de uma semana, ela estaria calma para lidar com eles. Na mesma edição, Tereza Quadros também dá dicas sobre como tirar o cansaço do rosto: “Embora moça, há dias em que o rosto parece fatigado,

²⁷ O Comício, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 21.

escurecido. Se isso lhe acontece com frequência, procure descobrir o que há de errado no seu regime de vida”²⁸. Ou seja, o bem-estar de sua leitora é uma preocupação para a cronista, que insiste nos ensinamentos de como lidar com as aflições da vida. Por outro lado, podemos notar uma cronista que insiste no cansaço e estresse das mulheres, presas, talvez, às demandas do dia a dia.

“Aprendendo a viver” continua assim, na edição de número 6 do semanário, do dia 20 de junho de 1952. A dica da vez é como lidar com as tarefas e as obrigações: “Escreva em um caderninho de notas tudo o que você gostaria ou deveria fazer nesta semana. Divida os deveres por dia. Você verá como o tempo é mais longo do que parece”²⁹. Por meio dessas dicas, a autora ensina suas leitoras a deixar seu dia a dia mais leve e produtivo. Segundo Aparecida Maria Nunes, a seção “Aprendendo a Viver” nada mais era que um “texto de opinião em tom catequético”, que selecionava “elementos psicológicos para reforçar a consolidação do paradigma ‘ser mulher’, trazendo à tona inquietações do imaginário feminino”³⁰. Essas inquietações não foram apontadas por Tereza Quadros, porém, como analisado por Nunes, elas estariam ligadas ao estresse gerado pela chegada da modernidade, ou seja, a mulher inserida em mais processos dentro da sociedade, e não necessariamente apenas com seu papel dentro de casa.³¹

Na edição 9, do dia 11 de julho de 1952, a escolha de Tereza Quadros para a seção foi um trecho traduzido do livro *O Segundo Sexo*, publicado por Simone de Beauvoir no ano de 1949. O trecho versa sobre as aflições que acometem as mulheres quando estão cansadas, afirmando que a grande maioria dos mal-estares e doenças que afligem as mulheres têm causas psíquicas. “É por causa da tensão moral de que falei, por causa de todas as tarefas que elas assumem”, conclui Tereza Quadros.³² Segundo o trecho citado por Quadros:

“Estou convencida de que grande maioria dos mal-estares e doenças que afligem as mulheres têm causas psíquicas. É por causa da tensão moral de que falei, por causa de todas as tarefas que elas assumem, das contradições do ambiente no qual debatem, que as mulheres estão constantemente cansadas, até o limite das forças. Isso não significa que seus males sejam imaginários: eles são reais e devorantes como a situação que exprimem. Mas a situação não depende do corpo, é este que depende dela. Assim, a saúde não prejudicará o trabalho da mulher quando esta tiver na sociedade o lugar que ela precisa. Pelo

²⁸ *Idem*.

²⁹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 6, 20 de junho 1952, p. 21.

³⁰ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006. p. 152

³¹ *Ibidem*. p. 150.

³² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952. p. 20.

contrário, o trabalho a ajudará poderosamente a obter um equilíbrio físico, não lhe permitindo que se preocupe com este sem cessar” (“Le deuxième sexe”, Simone de Beauvoir)³³

Ou seja, Tereza Quadros queria demonstrar que as doenças mesmo sendo psíquicas, ainda são verdadeiras, e que o acúmulo de tarefas na rotina das mulheres seria a causa tal mal, para transmitir a suas leitoras o conforto para lidar com o estresse e o cansaço. Esse tema, do esgotamento psíquico pela rotina exaustiva de tarefas atribuídas às mulheres já tinha sido um tópico da seção “Aprendendo a viver” na edição 5, publicada no dia 12 de junho de 1952. Nele, a autora fazia a comparação do trabalho da mulher com o dos homens: “Os homens, enquanto trabalham, estão protegidos. Além disso, dispõem de secretárias que se ocupam das coisas que mais os aborrecem e que lhes poupam mil distrações banais. Esse sistema é chamado eficiência”. Ou seja, o trabalho da mulher se torna mais árduo que o do homem, pois este dispõe de uma secretária, mais uma vez uma mulher, para tratar das coisas que o mais aborrecem. Portanto, segundo a crônica, a mulher precisava de foco para não fazer as tarefas no automático, já que seus trabalhos eram exaustivos. Isso porque havia ali um acúmulo de tarefas, as do trabalho e as de casa, coisa que não havia para os homens. Entende-se que, mesmo em seus empregos, o foco da mulher era o de cuidar dos homens e, por mais árduo que este trabalho fosse, elas precisariam enfrentar. Ou seja, a mulher podia sim ter seus empregos, mas ainda assim continuariam ligadas às figuras masculinas, precisando cuidar de suas casas e seus maridos.

A seção “Conselhos de minha vizinha” aparece em 4 das 12 edições que Tereza Quadros escreveu para *O Comício*.³⁴ Nessa seção, Quadros dava conselhos para suas leitoras donas de casa, como se fosse uma vizinha, uma colega compartilhando um segredo. Nessa seção, podemos ver com mais clareza o intuito de se trazer a intimidade e a amizade para a coluna. De acordo com Nunes, “os conselhos de vizinha de Tereza Quadros são práticos, de rápida execução, de fácil entendimento, preventivos”³⁵. Esses conselhos, segundo ela, teriam como intenção levar para a mulher inexperiente dicas de como cuidar de suas casas, de forma rápida, para tornar mais fácil os seus trabalhos domésticos. As dicas são dadas em terceira pessoa, já que seria a vizinha falando. Vejamos um trecho:

³³ O Comício, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 20.

³⁴ Está nas edições 3, do dia 30 de maio de 1952, 5 do dia 12 de junho de 1952, 12 do dia 31 de julho de 1952 e 13 do dia 8 de agosto de 1952.

³⁵ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006. p. 160.

Minha vizinha diz que seu marido nunca se queixa do tabaco para o seu cachimbo. Para evitar que o fumo seque como tempo, ela coloca algumas rodela de batata ou maçã na caixa ou saco onde ele guarda o tabaco. É um bom modo de conservar a umidade deste.

Diz que nunca escova sapatos de camurça enquanto estão úmidos da chuva. Espera que sequem. Se houver alguma mancha, retira-a com um pouco de éter (cuidado com a proximidade do fogo). As partes da camurça que estão brilhantes, ela esfrega levemente com uma lixa número zero.³⁶

Aqui, Tereza Quadros apresenta duas dicas de sua vizinha para suas leitoras. A primeira de como cuidar do tabaco de seu marido, e a segunda de como cuidar dos sapatos de camurça após uma chuva. Ambos os conselhos são dedicados à mulher dona de casa, afinal, cuidar do marido sempre foi considerado um afazer doméstico pela autora. Os exemplos se acumulam, como na edição 3, do dia 30 de maio de 1952, quando Quadros escreve: “Para acalmar enxaquecas, minha vizinha derrama algumas gotas de limão na xícara de café bem quente, antes de tomá-lo. Diz que é ótimo.”³⁷. Os conselhos seguem, assim, ensinando a amornar o leite para fazer o bolo crescer mais³⁸, a descascar os chuchus embaixo da água para não ficar com as mãos escurecidas³⁹ e também a economizar dinheiro no salão lavando o cabelo em casa e indo lá apenas para enrolá-los.⁴⁰ Além disso, são publicadas na seção receitas culinárias como, por exemplo, um *cocktail* de abacaxi⁴¹ e uma bolinha de queijo para servir aos convidados⁴². Todos esses conselhos passam às mulheres dicas de como manter as pessoas ao seu redor agradadas, facilitando a sua vida nos afazeres domésticos.

Assim, como os conselhos de vida e de utilidade doméstica para a dona de casa, Tereza Quadros exibia um repertório de dicas de moda e beleza, sem que houvesse uma seção específica para isso na coluna. Em cada edição nos é apresentado a fotografia de uma modelo, que a autora utilizava para exemplificar suas dicas de modas mais recentes. Nas imagens aparecem boleros, *Tailleurs*, fitas e saias de filó. Usando o nome de estilistas renomados para afirmar suas dicas, tais como Christian Dior e Jacques Fath, as modelos exibiam as tendências no vestuário, nos cortes de cabelo, no padrão corporal. A imagem da modelo era geralmente recortada de uma revista, se encaixando e conversando perfeitamente com os outros elementos da coluna, se integrando ao todo, como afirma Nunes, segundo a qual as fotos dialogavam com

³⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 18.

³⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 3, 30 de maio 1952, p. 18.

³⁸ *Idem*.

³⁹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 20.

⁴⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 18.

⁴¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 20.

⁴² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 18.

as notas que estavam a sua volta: “É como se a modelo aprovasse. Este é o seu cenário. Este é o seu mundo”⁴³. Com isso, vejamos que na coluna Tereza Quadros sempre está reafirmando a mulher tudo que ela pode fazer, ou seja, tudo que estava escrito naquela coluna – e além dela – estava ao alcance de suas leitoras:

Imagem 21: coluna “Entre Mulheres”



Fonte: O Comício, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p.17.

As crônicas escritas por Tereza Quadros ocuparam todas as edições.⁴⁴ Algumas são traduções feitas pela autora, mas outras são escritas por ela mesma. Dentre as traduções temos: “Um retrato de mulher”, de Bernard Shaw⁴⁵, na qual o autor fala sobre a beleza de Sarah Bernhardt (uma grande atriz da época), que seria praticamente inalcançável. Depois temos “Não

⁴³ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006. p. 140.

⁴⁴ Clarice Lispector assina como Tereza Quadros até a edição 13, a partir da edição 14, Elsie Lessa passa a assinar a coluna, em um primeiro momento usa o nome de Tereza Quadros também, mas posteriormente deixa de assinar.

⁴⁵ O Comício, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 21.

te amo”, de Almeida Garrett⁴⁶, um poema que seria uma declaração de amor. Temos também “At the boy”, de Katherine Mansfield⁴⁷, um texto no qual a autora fala sobre os desafios que uma mulher enfrenta ao não amar seus filhos, já que seria praticamente uma obrigação da mulher amá-los. Porém ao final, descreve uma cena em que a mãe começa a adquirir sentimentos por seu filho mais novo. Além disso, na última edição na qual Clarice colaborou, temos “Condessa de Noialles”, de Anna Noialles⁴⁸, que conta da sua própria infância, e em como foi acostumar-se a ser da realeza. Na segunda edição, do dia 22 de maio de 1952, temos a crônica “Irmã de Shakespeare”⁴⁹, que é um comentário da autora sobre o conto de mesmo nome da escritora Virgínia Woolf.

Uma escritora inglesa – Virgínia Woolf – querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio que seu irmãozinho William, a mesma vocação. Na verdade, seria um outro Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias.

Antes, em poucas palavras, V. Woolf descreveu a vida do próprio Shakespeare: frequentava escolas, estudara em latim Ovídio, Virgílio, Horácio, além de todos os outros princípios de cultura; em menino, caçara coelhos, perambulava pelas vizinhanças, espiara bem o que queria espiar, armazenando infância; como rapazinho, foi obrigado a casar um pouco apressado; essa ligeira leviandade, deu-lhe vontade de escapar – e ei-lo a caminho de Londres, em busca da sorte. Como tem sido bastante provado, ele tinha gosto por teatro. Começou a empregar-se como “olheiro” de cavalos, na porta de um teatro depois imiscuiu-se entre os atores, conseguiu ser um deles, frequentou o mundo. Aguçou suas palavras em contato com as ruas e o povo, teve acesso ao palácio da rainha, terminou sendo Shakespeare.

E Judith? Bem, Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê latim sem ao menos saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava nos livros do irmão. Os pais intervinham: mandavam-na serzir meias ou vigiar o assado. Não por maldade: adoravam-na e queriam que ela se tornasse uma verdadeira mulher. Chegou a época de casar. Ela não queria, sonhava com outros mundos. Apanhou do pai, viu as lágrimas da mãe. Em luta com tudo, mas com o mesmo ímpeto do irmão, arrumou uma trouxa e fugiu para Londres. Também Judith gostava de teatro. Parou na porta de um, disse que queria trabalhar com os artistas – foi uma risada geral, todos imaginaram logo outra coisa. Como poderia arranjar comida? Nem podia ficar andando pelas ruas. Alguém, um homem, teve pena dela. Em breve ela esperava um filho. Até que, numa noite de inverno, ela se matou. “Quem”, diz Virgínia Woolf, “poderá calcular o calor e a violência de um coração poeta quando preso no corpo de uma mulher?”

E assim acaba a história que não existiu.⁵⁰

⁴⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 4, 6 de junho 1952, p. 17.

⁴⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 17.

⁴⁸ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 18.

⁴⁹ Esta história é publicada por Virgínia Woolf, no terceiro capítulo de seu livro “Um teto todo seu”.

⁵⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 18.

Ela começa explicando por que nenhuma mulher, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare. Woolf inventou Judith, uma irmã de Shakespeare que “teria o mesmo gênio que seu irmãozinho William, a mesma vocação. Na verdade, seria um outro Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias”⁵¹. Tereza Quadros continua resumindo a história, dizendo que Judith trilharia os mesmos caminhos que o irmão, porém ela não seria mandada para a escola. Então, fugiria para Londres, onde tentaria emprego nos teatros, sendo, contudo, ignorada e feita de piada. Na história, um homem, com pena, lhe daria casa, comida e um filho, até que em uma noite Judith se mataria. E, no final, a autora cita Virgínia Woolf: “Quem, diz Virgínia Woolf, ‘poderá calcular o calor e a violência de um coração poeta quando preso no corpo de uma mulher?’ E assim acaba a história que não existiu”⁵². No livro original onde foi publicado tal história, Virgínia Woolf a usa como argumento para dizer que, antes do século XVIII, não conheceu nenhuma mulher escritora, e seria porque o que se esperava da mulher nessa época seria casar assim que largasse as bonecas. Virgínia Woolf sentiu inspirada por um bispo a escrever essa história.⁵³ Nesta crônica, Tereza Quadros parece querer trazer a visão do que seria uma mulher escritora, nos fazendo entender a dor que é ser uma mulher poeta, uma dor que ela mesma pode ter enfrentado.

Já na edição 6, do dia 20 de junho de 1952, na crônica intitulada “Um Concerto”, Tereza Quadros nos conta sobre a musicista polonesa Wanda Landowska: “essa mulher anacrônica, artista de um instrumento anacrônico”⁵⁴. Em seu concerto anual em Nova York, Wanda Landowska apareceu toda de vermelho em cima do palco e tocou o instrumento cravo de forma perfeitamente rara. Em algum ponto, segundo Quadros, a música chegou a uma quase insuportável beleza e, “ao esquecer o público em sua frente”, a artista havia feito “movimentos e mímicas”. Sobre isso, a cronista afirmava: “quem achar ridícula, é porque não compreendeu que a velha maravilhosa tem todos os direitos, mesmo o de vestir-se de vermelho”⁵⁵. A forma como Tereza Quadros exalta a musicista e a coloca em uma posição de independência, ressalta que, de alguma forma, seu talento permitia que ela fosse quem quisesse.

Na 12ª edição do semanário, do dia 31 de julho de 1952, Tereza Quadro publica em sua coluna a crônica “Enfermeirinhas espertas”. Neste texto, a autora tem como objetivo usar da

⁵¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 2, 22 de maio 1952, p. 18.

⁵² *Idem*.

⁵³ WOOLF, Virgínia. Capítulo III. In: WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 26-32.

⁵⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 6, 20 de junho 1952, p. 17.

⁵⁵ *Idem*.

sua voz intimista e da sua relação de amizade com suas leitoras para fazer críticas ao sistema trabalhista da época. Críticas dirigidas aos médicos e aos dentistas que contratavam meninas menores de idade para driblar as leis trabalhistas da CLT, recém aplicadas por Getúlio Vargas. Ao iniciar a crônica a autora diz:

“Desde que a lei passou a estipular salário mínimo a ser pago a partir de dezoito anos, um bom número de médicos e dentistas, sem se reunir em conclave nem em conferências no estrangeiro, resolveu, na intimidade dos próprios pensamentos, que a solução para a lei tão dura seria admitir auxiliares com menos de 18 anos, despedindo-as ao completarem essa idade, antes de tirarem nova carteira.”⁵⁶

Fazendo o uso de uma linguagem simples, Tereza Quadros traz à tona essa questão usando de exemplo a história de uma menina que trabalhava para um dentista:

Mas a esperteza mais simpática foi a que nos contaram, de uma auxiliar de dentista, ganhava quinhentos cruzeiros. Não quis tirar férias, apesar da sugestão do dentista. No dia exato em que fez dezoito anos, apresentou magicamente a nova carteirinha prontinha, e pediu as férias; deveriam ser pagas a razão de um conto e duzentos por mês. O dentista indignou-se com a esperteza, ameaçou-a de despedir. “Despeça-me”, disse a doce criatura. E explicou-lhe que receberia tanto e tanto de indenização na base do novo salário. Tratava-se de uma enfermeirinha informadíssima, e seu crime era premeditado. O dentista, na raiva, só não fez perder os dentes porque, como dentista, seria obrigado a consertá-los. A raiva era mais barata: deu-lhe férias e não a despediu.⁵⁷

Ao completar 18 anos, a menina apresentou a carteira de trabalho ao patrão, pedindo férias. Indignado, o dentista ameaçou despedi-la e ela sabia de todos os seus direitos. Disse ao patrão todos os encargos aos quais ela tinha direito de receber. Bravo, o dentista aceitou o pedido de férias e o aumento de salário, pois isso representaria menor prejuízo. Tereza Quadros, em sua coluna, sempre buscou trazer dicas e informações para que suas leitoras encarassem de frente as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade, entre elas a modernização que estava cada vez mais crescente. De acordo com Tânia Sandroni, a crítica desta crônica estava voltada “à permanência de relações trabalhistas arcaicas em um período marcado pelo desejo de modernização”⁵⁸. Ou seja, a autora da crônica demonstrava para suas leitoras que, mesmo com a modernização, existiam pessoas determinadas a manter os velhos costumes, e essas pessoas

⁵⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 18.

⁵⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 18.

⁵⁸ SANDRONI, Tânia. *A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector*. Tese de doutorado, USP:FFLCH, Departamento de teoria literária e literatura comparada, 2018. p. 18.

poderiam ser, por exemplo, homens de seu convívio. Vale destacar que, dentre os textos traduzidos e publicados na coluna, temos o “At the boy”, de Katherine Mansfield. Neste, a autora conta a história de Linda, uma mulher que não amava seus filhos. “Estava alquebrada, enfraquecida e perdera a coragem através dos partos. E o que tornara tudo duplamente difícil de suportar é que não amava seus filhos. Inútil fingir”⁵⁹. No decorrer do conto, a autora mostra Linda em um diálogo com seu filho mais novo, ainda bebê:

O menino tinha se voltado. Estava deitado a encará-la e não dormia mais. Seus olhos azul-escuro, infantis, estavam abertos; parecia estar espionando a mãe. E de repente seu rosto encheu-se de covinhas, abrindo-se num sorriso amplo e desdentado, nada menos que uma perfeita radiação. “Aqui estou!” parecia dizer o feliz sorriso. “Por que você não gosta de mim?” Havia algo tão estranho, tão inesperado naquele sorriso que Linda também sorriu. Mas controlou-se e disse friamente: “Não gosto de crianças”. “Você não gosta de crianças?” O garoto não podia acreditar. “Não gosta de *mim*?” Agitou os braços tolamente para a mãe. Linda deslisou da cadeira para a grama. “Por que você continua sorrindo?”, perguntou-lhe severamente, “você não acharia graça se soubesse em que estou pensando”. Mas ele limitou-se a apertar os olhos, esperto, e rolou a cabeça no travesseiro. Não acreditava numa só palavra da mãe, “Já sabemos de tudo isso!”, sorriu-lhe o menino. Linda ficou tão espantada com a confiança dessa criaturinha... Ah, não, seja sincera. Não era isso o que sentia; sentia alguma coisa muito diferente, algo tão novo, tão... As lágrimas dançavam nos seus olhos. Ela soprou num sussurro para o menino: “Alô, meu engraçadinho!”.

No trecho, vemos a personagem tentando justificar para o filho que não gostava de crianças, portanto, não gostava dele. Porém, depois de uma atitude do bebê, a autora afirmava “sentia alguma coisa muito diferente, algo tão novo, tão... As lágrimas dançavam nos seus olhos. Ela soprou num sussurro para o menino ‘Alô, meu engraçadinho!’”⁶⁰. Com essa crônica, nota-se a preocupação de Tereza Quadros em trazer situações pouco faladas, mas que aconteciam com muitas mulheres. Começando pela imposição da maternidade como função social da mulher. Contudo, com esse trecho traduzido de Katherine Mansfield, mostra que, após a obrigação de ser mãe, ainda havia espaço para adquirir sentimentos bons por seus filhos. Linda desde o parto, não tem contato com seus filhos, que são cuidados pela avó, e ao se dar uma oportunidade de conversar como filho muda o sentimento que tinha em relação a ele.

⁵⁹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 17.

⁶⁰ *Idem*.

Clarice Lispector se despede de Tereza Quadros na edição de número 13, do dia 8 de agosto. Nesta edição, os diretores do semanário publicam o artigo “COMÍCIO perde seu melhor redator, mas reage brilhantemente”⁶¹:

“E receba a triste notícia: Tereza Quadros vai-se embora. Parte para o estrangeiro em começos de setembro, e a arrumação das malas não lhe dá mais tempo. E agora, que ela se despede, podemos apresentá-la com o seu nome verdadeiro: é a escritora Clarice Lispector, senhora do consul Mauri Gurgel Valente.”⁶²

É somente neste artigo que os leitores descobrem que era Clarice que escrevia a coluna “Entre Mulheres”. Percebe-se a tristeza por parte dos diretores com a partida da escritora, pois a coluna fazia sucesso em meio ao público de *O Comício*: “Entre mulheres têm sido, com frequência, uma das páginas melhores de COMÍCIO, e uma parte de sua leitura é capaz de interessar tanto os cavalheiros quanto as damas”. Nesse artigo também é informando que a coluna continuará: “E a partir do próximo número adota o nome Tereza Quadros uma outra escritora brasileira que atingiu, no conto e na crônica, um nível difícil de superar”.⁶³ Esta escritora era Elsie Lessa⁶⁴ e ela assinará como Tereza Quadros em apenas uma edição. Posteriormente a coluna aparece sem assinatura.

Ao olharmos para a colaboração de Clarice Lispector para o jornal, percebemos que em suas crônicas ela explorava assuntos como a independência da mulher, política, e padrões que se repetiam na sociedade e que prejudicavam as mulheres. Porém, ao vermos as seções que ficam em volta das crônicas, existe ali uma reafirmação dos padrões impostos pela sociedade, como de se manter bonita e bem apresentável, de ser uma boa mãe, uma boa dona de casa e uma boa esposa. Padrões estes que já vimos antes nas ilustrações de Millôr Fernandes, que dividiu a mulher em duas personalidades a Taiz e a Hildinha⁶⁵, aquela que é bonita e atraente, e aquela que é inteligente e prestativa, esta última se aproximando mais das leitoras as quais Tereza Quadros se dirige. Ou mesmo nas crônicas de Fernando Sabino, onde Dona Madalena nos é apresentada como uma mulher elegante, que vive de aparências na sociedade ao fazer

⁶¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 18.

⁶² *Idem*.

⁶³ *Idem*.

⁶⁴ GASPAR, Samantha dos Santos. Rubem Braga e o seminário comício. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. p. 95

⁶⁵ FERNANDES, Millôr. “Oh! Que saudades que eu tenho” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 16 e 17.

festas, e que vive sua vida as custas do marido, e Sabino a cobra o cuidado e o respeito com seu esposo.⁶⁶

3.3. Elsie Lessa

Elsie Lessa foi uma escritora de contos e crônicas e trabalhou para o jornal *O Globo* de 1946 a 2000. Começou a colaborar com *O Globo em* 1946, mas publicou sua primeira crônica apenas em 17 de março de 1952, na coluna intitulada Globe-Trotter, e continuou a publicar até 24 de abril de 2000.⁶⁷ De acordo com Luiza Gorete Cavalcante Ferreira, Lessa era uma operária incansável, pois publicou por mais 15 anos crônicas diárias de segunda a sábado, falando sobre coisas de sua vida⁶⁸. Porém, enquanto trabalhava no jornal *O Globo*, a autora colaborou por algumas edições para o semanário *O Comício* após a partida de Clarice Lispector. Elsie Lessa publicou em 6 edições do periódico a coluna “Entre Mulheres”, da edição 14, do dia 15 de agosto de 1952, até a edição 19, do dia 19 de setembro de 1952. Posteriormente a coluna deixou de aparecer nas páginas d’*O Comício*.⁶⁹

Com a mudança, a coluna não sofreu muitas alterações em termos visuais. Ela continuava a ter a foto de uma modelo e a crônica como peças centrais, cercada de outras pequenas seções. Entretanto, as seções se tornariam mais numerosas e constantes. Temos como exemplo “O que você não deve vestir”, “Você sabia?” e “Baú-de-mascate”, seções que só apareceram na coluna de Elsie Lessa, assim como a “Aprendendo a viver” ficou apenas nas colunas de Clarice Lispector. O teor das publicações mudou também. Enquanto Clarice Lispector ensinava a mulher a se emancipar e se encaixar na nova sociedade moderna, Elsie Lessa tendia a colocar suas leitoras no rumo de um conformismo das suas condições como mulher. A autora enfatizava, por exemplo, padrões de moda, beleza e comportamento que então eram comuns. Conteúdos como cuidados do marido e formas de agradar os homens são mais recorrentes do que na coluna de Clarice, como, por exemplo, na crônica da edição 18, do dia 12 de setembro de 1952, intitulada “Chega de cinto!”. Nela, a autora tem como objetivo explicar o que é a moda e afirma que a mulher que segue a moda e se veste bem o faz para agradar e ser

⁶⁶ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 2.

⁶⁷ Elsie Lessa. Memória O Globo. Disponível em: <<https://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/elsie-lessa-10926342>> Acessado em: 03 de novembro de 2023.

⁶⁸ FERREIRA, Luiza Gorete Cavalcante. “O mundo fora dos eixos”, de Bernardo Carvalho: Hibridismos e transformações na crônica brasileira contemporânea. Dissertação de mestrado, UNICAP, Programa de Pós-graduação em ciências da linguagem. 2021. p 56-57.

⁶⁹ Leva-se em conta o artigo publicado na edição 13, do dia 8 de agosto de 1952, o qual dizia que a partir da próxima edição outra escritora entraria no lugar de Clarice Lispector.

admirada. Essas mulheres se dividiriam em três tipos, a primeira que se veste para si mesma, a segunda que se veste para agradar os gregos e os troianos – ou seja, ambos os lados – e em terceiro, as mulheres que se vestem para “deixar o homem de queixo caído”.⁷⁰

A primeira crônica publicada por Elsie Lessa tem como título “Lar, engenharia de mulher”. Nela, por meio de um diálogo entre um homem e uma garotinha, explica a diferença entre lar e casa. Sendo a casa, algo mais simples de se conseguir, enquanto o lar seria algo que precisa ser construído, e pode ser adquirido fora de uma casa, como o lar da garotinha que era um quarto de hotel com sua família. Porém ela afirma:

Parece que ficou estabelecido, nos princípios da criação, que o homem faria a casa, para dar um lar à mulher. E que se a mulher construiria o lar, para dar casa e lar ao homem. Sim, porque o homem tinha de levar vantagem, não podia ser por menos. Pois então é isso: casa é arquitetura de homem e lar, essa coisa simples e complexa, evidente e misteriosa, que depende de tudo e não depende de nada, essa coisa sutil, fluídica, envolvente é simplesmente engenharia de mulher.⁷¹

A autora começa falando que “ficou estabelecido, nos princípios da criação” que o homem faria a casa e a mulher o lar. Nesta afirmação, ela coloca como se fosse inerente a vida a posição em que o homem e a se encontram. Além disso, a autora coloca a posição do homem como vantajosa nessa questão, já que ele entrega a casa, e a mulher lhe entrega a casa e o lar. Ao mesmo tempo que Elsie Lessa coloca como algo estabelecido essa relação, ela a crítica. Porém, no final, ela saliente que a construção do lar é algo complexo, e por isso ficaria a cargo da mulher. Existe o senso comum de que, coisas que envolvem sentimento, ou são ligadas a sensibilidade, seriam destinadas às mulheres, ou seja, a construção do lar, que é algo subjetivo e sem critérios pré-estabelecidos, ficaria então como dever da mulher.

⁷⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 18, 12 de setembro 1952, p. 18.

⁷¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 14, 15 de agosto 1952, p. 18.

fosse fina⁷⁵ e também não misturar joias com joias fantasias, e nem usar acessórios demais para não parecer a vitrine de uma joalheria.⁷⁶ Elsie Lessa procurava, com essa seção, dizer às mulheres que tipo de moda era ou não para elas, já que na crônica “Chega de cinto” ela afirmava que “moda [era] como o trânsito”: “Os automóveis podem andar na rua, mas quando o sinal fica vermelho, têm que parar. Cinto de elástico é para ser usado, mas quando se é maior de cinquenta anos, é preciso saber que o sinal fechou”⁷⁷. Ou seja, é preciso saber quando, onde e como usar certos adereços.

A seção “Você sabia?” aparece em três colunas e nela Elsie Lessa tinha como propósito tratar de curiosidades que imaginava que suas leitoras não sabiam. Na edição 14, do dia 15 de agosto, por exemplo, a autora nos conta que, em Roma, existia uma maçonaria apenas para mulheres e que esta organização tinha realizado seu primeiro congresso nacional.⁷⁸

Que em Roma, existe uma Maçonaria exclusivamente de mulheres, que há pouco realizou o primeiro congresso nacional, na sua sede instalada no primeiro andar do Edifício Brancaccio, no Largo do mesmo nome?

Que a cirurgia plástica fez verdadeiro milagre na linda artista austríaca Vera Molnár, que há dois anos teve “apenas” 28 fraturas na cabeça e no rosto, e hoje está mais bela do que nunca.⁷⁹

A autora tem como intenção, então, levar para suas leitoras conhecimentos que ela achava pertinentes. Além disso, nesta seção, Elsie Lessa apresentava, também, conselhos de moda e alguns conselhos culinários. Entretanto, as receitas culinárias tinham suas próprias sessões, sem um título constante, este acompanhava o tipo da receita, como exemplo temos na edição 18, do dia 12 de setembro de 1952, uma receita do drink *moscow mule*. Estas receitas, em sua maioria, eram de pratos que seriam servidos em jantares e festas, a fim de agradar seus convidados.

Outra seção que vale ser mencionada é a “Baú-de-mascate”. Esta apareceu pela primeira vez na edição 16, do dia 29 de agosto de 1952, como título “Pau-de-mascate”, que nos leva a imaginar se o título foi um erro de impressão, já que o conteúdo segue o mesmo das que viriam adiante. Nesta edição, as dicas da coluna foram: uma receita de remédio para torções, como as dos pés; o uso do óleo de rícino nas pálpebras para deixá-las brilhantes e uma receita para deixar

⁷⁵ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 16, 29 de agosto 1952, p. 18.

⁷⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 18, 12 de setembro 1952, p. 18.

⁷⁷ *Idem*.

⁷⁸ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 14, 15 de agosto 1952, p. 18.

⁷⁹ *Idem*.

os cabelos sedosos⁸⁰. Entretanto, na próxima edição, do dia 5 de setembro de 1952, a crônica que ocupou o maior espaço da coluna vinha com o título “Baú-de-mascate”. Elsie Lessa tem como objetivo nessa crônica explicar para suas leitoras o que era um baú-de-mascate: “As leitoras devem conhecer de vista ou de ouvido um ‘Baú-de-mascate’, a pequena loja ambulante, que tanto serviu às nossas avós, isoladas do mundo nas casas-grandes de fazenda como nas casas de sapé, à beira de estrada”. A cronista continua explicando que estes comerciantes eram a esperança das mulheres que não tinham acesso a lojas de luxo na esquina de suas casas, que moravam tão longe das cidades que nas estradas nem passavam automóveis.

Aqui, do asfalto, com toda a espécie de bazar à nossa volta, com lojas sortidas de tudo a cada canto; com magazines de luxo, que atordoam a gente com as suas luzes e as suas belezas, oferecendo, aos que tem a bolsa recheada, as coisas mais lindas e ricas que saíram da cabeça dos joalheiros e costureiros da Rue de la Piax e St. Honoré; com os institutos de beleza que se multiplicam dia a dia e vendem, diluída em ampolas, até cara de boneca de porcelana, tirada de embrião de pinto, cabelo líquido em qualquer cor, cútis em pasta e em pó, no tom que a freguesa escolher, toda a sorte de cremes e loções, no centro de um tal paraíso é difícil as mulheres imaginarem a existência de sítios em que a mascate e seu baú são esperados com a ansiedade com que se esperava o Messias⁸¹

Isso porque tais comerciantes levavam espelhos, escovas, ceras para o cabelo e creme para o rosto, ficando, de tempos em tempos, sem aparecer. Nesta explicação, a autora tenta deixar claro para suas leitoras que não eram todas as mulheres que tinham acesso as mesmas coisas que elas. Tais pistas nos fazem entender que tipo de público feminino *O Comício* imaginava para si, sendo ele composto por mulheres de classes mais altas, com um alto poder de consumo e que poderia adquirir todos os produtos listados por Lessa. A autora encerra dizendo: “Cremos, leitoras amigas, estar explicada a razão, a existência e – se Deus quiser e os diretores do O COMÍCIO também – a permanência do “Baú-de-mascate” na nossa despreziosa seção.”⁸² E assim se fez, “Baú-de-mascate” apareceu em todas as edições seguintes que tiveram a coluna “Entre Mulheres”. Aqui entende-se, que os diretores do semanário teriam uma grande influência sobre o conteúdo veiculado por Elsie Lessa, escolhendo quais seções ela poderia ou não manter em sua coluna. E questiona-se, será que os colaboradores masculinos passavam por tal avaliação para publicar n’*O Comício*?

⁸⁰ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 16, 29 de agosto 1952, p. 18.

⁸¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 17, 5 de setembro 1952, p. 18.

⁸² *Idem*

As bibliografias lidas para este trabalho, em sua maioria, não falam sobre a colaboração de Elsie Lessa para *O Comício* e, quando falam, citam superficialmente. Trabalhos como o de Aparecida Maria Nunes consideram a coluna “Entre Mulheres” como escrita exclusivamente por Clarice Lispector⁸³. Já a dissertação de Tânia Sandroni, *A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector*⁸⁴, coloca Elsie Lessa como escritora apenas da última edição da coluna. Porém, de acordo com o artigo publicado por *O Comício* já citado acima, “COMÍCIO perde seu melhor redator, mas reage brilhantemente”⁸⁵ a partir da edição 14 já seria outra pessoa escrevendo a coluna. Descobrimos então, na dissertação de Samantha dos Santos Gaspar, *Rubem Braga e o semanário Comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*, que seria Elsie Lessa a substituta de Clarice Lispector.⁸⁶

Existem diferenças notáveis entre as colunas de ambas as escritoras. Clarice Lispector tem seu jeito próprio de escrever, e seu foco era ensinar as mulheres a serem independentes, a cuidar melhor de si mesma e de seus lares. Seu modo de escrever a aproximava de suas leitoras, fazendo daquilo uma conversa entre amigas, porém ela nunca usa a expressão “leitoras amigas”, expressão que é muito utilizada por Elsie Lessa. Esta, diferente de Clarice, escrevia mais sessões e mantinha mais constância entre elas, porém ela delimitava e estimulava a manutenção das funções de uma mulher na sociedade, mesmo que com consciência de suas origens. Seu modo de dizer explicava e questionava o lugar da mulher na sociedade, porém sua intenção era fazer com que essas mulheres aceitassem seu lugar, e fossem esposas cada vez melhores, já que em suas colunas o “agradar o marido” estava sempre presente. Com isso, ela conversava melhor com os colaboradores masculinos do periódico, pois estes elogiavam o lugar da mulher como esposa e cuidadora do lar, e Elsie Lessa às estimulavam a continuar neste padrão.

3.4. Outras colaboradoras

As colaboradoras citadas acima, eram as que apareciam de forma recorrente e consistente no semanário. Entretanto, há algumas reportagens que foram assinadas por

⁸³ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas. São Paulo: Senac, 2006.

⁸⁴ SANDRONI, Tânia. A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector. Tese de doutorado, USP:FFLCH, Departamento de teoria literária e literatura comparada, 2018.

⁸⁵ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 13, 8 de agosto 1952, p. 18.

⁸⁶ GASPAR, Samantha dos Santos. Rubem Braga e o seminário comício. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012. p. 95

mulheres em algumas edições. Essas, tem grandes chances de serem matérias pagas, pois na edição 9, do dia 11 de julho de 1952, os diretores d'*O Comício* publicam a seguinte matéria “COMÍCIO tem uma palavra de franqueza (ou de fraqueza?) sobre matéria delicada” na qual eles assumem e justificam o uso de matérias pagas, pois seus leitores estavam demonstrando desgosto de o semanário publicar tais matérias sem a indicação de sua origem. E afirmam: “O diabo é que para nós não se trata apenas de aceitar essas publicações; na maior parte das vezes nós mesmo a solicitamos, e com empenho”⁸⁷. As publicações a seguir aparecem de forma unitária dentro do semanário, dentre as escritoras apenas uma aparece mais de uma vez, isto leva a entender que seriam então, essas as matérias pagas que eles se referem. As autoras que assinam as matérias a seguir, começam a aparecer na edição 8, do dia 4 de julho de 1952, e esta justificativa dos diretores aparece na edição seguinte.

A primeira matéria escrita por mulher que encontramos, é a “Mais da metade das crianças morre antes dos cinco anos”, assinada por Ivonne Jean. O foco da reportagem é alertar sobre a alta mortalidade infantil que existe no país, uma vez que 20% dos bebês que nasciam, morriam, e dos que permaneciam vivos, metade não chegavam com vida aos cinco anos. E a autora alega que, a maior causa dessas mortes são a falta de assistência à mulher grávida, seja durante a gravidez com o pré-natal ou na hora do parto. Além disso, outro motivo, de acordo com Ivonne Jean, era a fome.⁸⁸ Esta matéria se faz importante, pois traz à tona um assunto muito importante e pouco discutido, já que seria considerado na época apenas um assunto feminino, a gravidez, a hora do parto e a criação da criança. Existir uma reportagem sobre este tema tão importante, ocupando 3 páginas de um periódico que não fazia parte da dita “imprensa feminina”, com certeza não era algo comum.

Yvonne Jean, como as vezes assinava as reportagens, nasceu na Bélgica e mudou para o Brasil para fugir dos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Chegou ao Rio de Janeiro com 29 anos. Era jornalista e tradutora, especializada em arte, cultura e educação. Começou a atuar na imprensa em 1941, e colaborou com jornais como *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Diário Carioca* e *O Jornal*.⁸⁹ Apesar de um currículo notório, a autora não é citada entre os colaboradores de *O Comício* na bibliografia lida. De acordo com Ana Paula

⁸⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 3.

⁸⁸ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 8-10.

⁸⁹ TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Uma cosmopolita nos trópicos: a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950). Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro, 2018. p. 18.

Tavares Teixeira, durante o período de existência de *O Comício* a autora colaborava com o jornal *Última Hora*⁹⁰. O que poderia justificar as matérias de Jean aparecerem n'*O Comício*, mas com uma frequência menor.

Na edição 10, do dia 17 de julho de 1952, encontramos a matéria “Vocês talvez possam ter filhos”, assinada, também, por Ivonne Jean⁹¹. Nessa reportagem, a jornalista apresentava a “Sociedade Brasileira de Esterilidade” e contava um pouco sobre a questão da esterilidade, e como é um problema que segundo ela era pouco falado, mas que atingia muitas mulheres e que em 50% dos casos tinha tratamento. No artigo, Ivonne Jean criticava também a posição da sociedade de achar que todo o motivo de não se poder ter filhos estava relacionado a um problema com a mulher. A autora afirmava que os homens também podiam ser estéreis.⁹² Novamente, Ivonne Jean apresenta uma matéria sobre um assunto pertinente, porém pouco falado na sociedade da época.

Continuando, na edição 12, do dia 31 de julho de 1952, temos a reportagem “A casa da estudante antes e depois de uma diretora nervosa”, também assinada por Ivonne Jean. Nesta a repórter visita uma casa de estudantes mulheres no Rio de Janeiro para contar como é morar ali. A autora salienta que a ala feminina desta casa foi inaugurada apenas em 1951, e afirma que estas residências são importantes pois muitas meninas querem ir estudar no Rio, porém não o fazem por falta de ter onde morar. Essa unidade que Jean visitou era autogerida pelas meninas, pois tiveram uma experiência ruim com a antiga diretora, a expulsando e deixando as tarefas para elas mesmas resolverem. Com isso, a autora pontua que a casa está muito bem-organizada, porém existe muitos defeitos, só que as meninas não ligam para isso pois estão felizes por ter onde morar.⁹³ A educação das mulheres era um tópico sensível para a sociedade e percebemos que a estrutura das escolas e faculdades não estavam preparadas para receber essas alunas. O tópico sobre a precariedade da educação recebida pelas mulheres também foi levado ao jornal por Clarice Lispector, ao citar a obra de Virgínia Woolf, afirmando que uma mulher não recebia o mesmo tipo de educação que os homens.

Ivonne Jean, de sua maneira, coloca a mulher como protagonista de suas reportagens, o que se faz necessário dentro do semanário já que o único lugar que encontramos mulheres, falando sobre mulheres, era dentro da coluna feminina “Entre Mulheres”. Os assuntos abordados por Jean têm uma relação direta com as vidas femininas, tais como matérias quer

⁹⁰ *Ibidem*. p. 28.

⁹¹ A autora publica 4 matérias n'*O Comício*, porém nenhuma

⁹² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 8.

⁹³ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 24-25.

falam sobre filhos e gravidez, como na reportagem “Mais da metade das crianças morrem antes dos cinco anos” e “Vocês talvez possam ter filhos”. Ambas falam sobre a falta de assistência médica recebidas por mulheres, já que essas ao ter dificuldades para engravidar não tem seus problemas analisados e forma correta as levando a crer que não existe solução, quando na verdade o problema pode estar com seus parceiros e não com elas. Na outra reportagem, a jornalista aborda a falta de atenção médica às mulheres, que levava a alta mortalidade infantil, já que o acompanhamento médico correto durante a gravidez não levaria a morte prematura dessas crianças. Além disso, temos mais uma reportagem de Ivonne Jean nas páginas d’*O Comício*, porém essa não fala sobre mulheres. Aparece na edição 13, do dia 8 de agosto de 1952, com o título “Nossa especialidade: Idade Média”, onde a autora fala sobre o grupo de teatro “Os Teofilianos”, alunos de teatro de Paris, os quais iriam fazer sua estreia no Rio de Janeiro naquela semana.

Para além de Yvonne Jean, temos a matéria “Viajando com o povo”, assinada por Eneida, na qual a jornalista tem como objetivo andar pelo transporte público do Rio de Janeiro e relatar a sua experiência.⁹⁴ Outra matéria que aparece na edição 13, do dia 8 de agosto de 1952, é a “Um vasto hospital – sem enfermeiras”, assinada por Beatriz Bandeira, que tem como intenção falar sobre a profissão de enfermagem e sobre os desafios que o ofício estava enfrentando naquele momento: a falta de profissionais. A razão para tal seria a nova lei que exigia o diploma para o exercício da profissão, algo que não era exigido antes, e nos hospitais a preferência era para as enfermeiras com diploma. Já as que não tinham tal certificação, trabalhavam em escritórios. Mesmo com essa nova lei, a profissão não era bem regulamentada e as enfermeiras com diplomas acabavam ocupando cargos mais altos. Porém, mesmo nesses cargos, a remuneração era baixa, pela falta de regulamentação. A última reportagem encontrada no semanário se intitula “As mulheres tomam pé na política”⁹⁵, assinada por Zoia Laet de Barros, na 19ª edição do semanário, do dia 19 de setembro, analisada anteriormente nesta monografia.

Por fim, as matérias assinadas por mulheres ainda demonstram assuntos femininos, mesmo sem estar presentes nas páginas femininas. As reportagens com assuntos como política, acontecimentos recentes e literatura ainda eram majoritariamente assinadas por homens, mesmo quando o assunto falava sobre mulheres. Porém, se olha positivamente para essas reportagens, ao pensar que, por muitos anos os temas ditos femininos ficavam reservados apenas para as

⁹⁴ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 10, 17 de julho 1952, p. 22.

⁹⁵ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 19, 19 de setembro 1952, p. 22.

páginas femininas, o que *O Comício* faz de colocar esses temas ao longo das páginas do semanário se mostra preocupado em dar um lugar para artigos como esses, mesmo que dedicando apenas essas matérias a jornalistas mulheres. Assim como, o fato de o periódico ter em seu corpo de colaboradores e de repórteres, mesmo que de matérias pagas, um número agradável de mulheres, também se destoa de outros periódicos da época.

Considerações finais

A presença feminina no semanário *O Comício* não apareceu de forma linear, muito menos contínua. Entre publicações e autores, o discurso acerca dos lugares e direitos da mulher na sociedade abarcou opiniões variadas. Ao mesmo tempo que mantinham um discurso no qual se almejava a manutenção tradicional do papel da mulher na sociedade, encontramos discursos sobre a independência da mulher e o seu lugar de direito, como, por exemplo, no artigo “Carta a uma senhora”, em Rubem Braga coloca Alzira Vargas como uma pessoa não qualificada para estar na presidência da Comissão de Bem-Estar Social. E um dos motivos elencados pelo autor era o fato dela ser mulher.⁹⁶ Em contrapartida, temos a matéria “Em São Paulo as mulheres trabalham em todas as profissões”, na qual o autor Radhá Abramo fala sobre a expansão do trabalho feminino para todas as profissões e como elas sofriam preconceitos por atuarem em áreas como mecânicas e taxistas, precisando ouvir de homens e mulheres falas sobre como não deveriam estar ali.⁹⁷

Com isso, ao analisar as publicações figurasse discursos de colaboradores homens, encontramos discursos diversos. Porém, analisando de forma individual as publicações de Millôr Fernandes e Fernando Sabino, entendemos o lugar que cada um atribuía à mulher na sociedade, e que tipo de leitoras almejavam atrair. Começando por Millôr Fernandes, notamos uma presença alta de mulheres em suas ilustrações, porém percebemos que, por meio delas, o autor reafirmava os padrões impostos pela sociedade. Além disso, ao falar sobre mulheres, o autor as objetificava, dando ênfase às suas características físicas, sexualizando-as e as colocando como dependentes de seus maridos. Contudo, não deixa de chamar atenção o fato de que, em sua primeira publicação no semanário, ele se dirige exatamente elas, as mulheres, como leitoras, e promete publicar para esse público. O que se mostraria, contudo, é que elealaria mais sobre as mulheres do que com as mulheres⁹⁸. Já a coluna de Fernando Sabino, “A aventura do Cotidiano”, não apresentava uma frequência alta de personagens mulheres, mas apresentava uma mesma personagem constantemente, Dona Madalena⁹⁹, uma senhora que teria a linha telefônica cruzada com a do autor. Ao descrever as conversas de D. Madalena, Sabino reforçava padrões, como por exemplo, o fato de a mulher gastar todo o dinheiro do marido, ficar em casa

⁹⁶ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 30.

⁹⁷ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 8, 4 de julho 1952, p. 14-15.

⁹⁸ FERNANDES, Millôr. “Senhoras e senhoritas aqui estou eu!” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 16 e 17.

⁹⁹ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 5, 12 de junho 1952, p. 2.

apenas conversando com suas amigas no telefone, não cuidar bem de seus filhos e passar seu tempo organizando festas. Além disso, em sua última coluna, o autor conta um caso de como uma leitora o encontrou em um café, nesta crônica, além de querer afirmar ter um público feminino, Sabino enfatiza que sua leitora era uma “bela senhora”¹⁰⁰.

Por outro lado, temos as publicações feitas por mulheres n’ *O Comício*, que buscavam trazer informações acerca da independência da mulher, seja por meio de conselhos, ou de matérias publicadas. Temos, por exemplo, a autora Yvonne Jean, que falou sobre assuntos pertinentes no universo feminino, como estudos, gravidez e fertilidade, bem como a falta de assistência médica durante a gravidez levava a uma alta mortalidade infantil. Assuntos como esses, em outros periódicos, mal apareciam nas colunas femininas, quem dirá ao longo das outras páginas das edições. Com isso, ao olharmos para a página feminina de *O Comício* percebemos tipos de discursos variados. Enquanto Clarice Lispector escrevia a coluna, encontramos crônicas que falavam sobre assuntos importantes para a autonomia feminina, como na crônica “Enfermeirinhas espertas”¹⁰¹, em que a autora fala sobre a precariedade dos trabalhos de meninas menores de idade como auxiliares de dentista. Já Elsie Lessa, enfatizava mais os padrões impostos pela sociedade, na crônica “Lar, engenharia de mulher”¹⁰² a autora diz que, quem dá a casa é o homem e quem constrói o lar é a mulher, entregando casa e lar ao homem. Nesta crônica, a autora lamentava o fato de o homem receber mais que a mulher nessa troca, porém continuava enfatizando a importância que a mulher tem para o lar.

Dessa forma, podemos concluir que a participação da mulher no semanário *O Comício* não seguiu de maneira única. Já que ao mesmo tempo em que era reforçado os padrões da sociedade, ensinamentos como a independência da mulher também era um assunto bem articulado. Afinal, a mudança de discurso não viria de uma hora para outra. A quantidade de colaboradoras também chama atenção, já que estas aparecem para além da produção das páginas femininas, como por exemplo Hilde Weber. Portanto, a presença de mulheres no semanário vem acompanhada do “mas”, colocamos matérias sobre a emancipação da mulher, mas reforçamos os padrões impostos pela sociedade.

¹⁰⁰ SABINO, Fernando. “A Aventura do cotidiano” *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 22, 10 de outubro 1952, p. 10.

¹⁰¹ *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 12, 31 de julho 1952, p. 18.

¹⁰² *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 14, 15 de agosto 1952, p. 18.

Bibliografia

Fonte

O Comício. Direção de Joel Silveira, Rafael Corrêa de Oliveira e Rubem Braga. Rio de Janeiro (RJ), 1952-1952.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Marta Milene Gomes. Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania do texto literário. Dissertação de mestrado em teoria da literatura, UFPE, 2011.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Editora Ática, 1990.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo, Summus Editorial, 2009.

CHALHOUB, Sidney & NEVES, Margarida de Souza & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em Cousas Miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Introdução. In: *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Editora Nova Fronteira, 1998.

Elsie Lessa. Memória O Globo. Disponível em: <<https://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/elsie-lessa-10926342>> Acessado em: 03 de novembro de 2023.

FERREIRA, Jorge. “Os últimos dias de Eva Perón”. Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952.

FERREIRA, Luiza Gorete Cavalcante. “O mundo fora dos eixos”, de Bernardo Carvalho: Hibridismos e transformações na crônica brasileira contemporânea. Dissertação de mestrado, UNICAP, Programa de Pós-graduação em ciências da linguagem. 2021.

FRANKLIN, Margareth Cordeiro. Clarice Lispector e os intelectuais do estado novo. *RevLet*. V. 02, p. 111 – 130, 2020.

GASPAR, Samantha dos Santos. *Rubem Braga e o seminário comício: cidade, política e imprensa no segundo governo Vargas*. Dissertação de mestrado, USP: FFLCH, Departamento de antropologia, 2012.

GAY, Peter. Além do princípio da realidade. In: *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Editora Companhia das letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. Introdução. In: *O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. Editora Companhia das letras, 2007. KOBES, Verônicas Daniel. Convergência e divergência em contos e crônicas de Clarice Lispector. *Soletas*, São Gonçalo, v.40, p. 233-254, jul-dez. 2020.

- LEITE, Alice Carvalho Diniz. *A necessidade torna o raciocínio elástico: Análise dos textos dramáticos um elefante no caos e Flávia, cabeça, tronco e membros, de Millôr Fernandes*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em estudos literários. Belo Horizonte, 2018.
- LISPECTOR, Clarice. Clarice. Rio de Janeiro: O Pasquim, 1974. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/001893073e3bff08947f8>. Acesso em: 12 de setembro 2023.
- LISPECTOR, Clarice. *Correio para mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2018. MORAES, Layse Barnabé de. A descoberta do mundo de Clarice cronista. *Littera online*. N.21, 2020.
- NOGUEIRA, Natania. A presença feminina na caricatura e na charge política no século XX (1910 – 1960). *Anais do 2º Encontro HQ – Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop*. 28 e 29 de julho de 2012, Centro de Convenções da UFPE. Maceió: Edufal, 2012.
- NOGUEIRA, Nícea. A crônica de Clarice Lispector em diálogo com sua obra literária. In *Revista Verbo de Minas Letras – Clarice Lispector palavra a magia*. Juiz de Fora: CES/JF, 2006, p. 87 – 102.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.
- OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. *A Comissão Nacional de Bem-estar Social: planejamento estatal e política social, 1951-1954*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.26, supl., dez. 2019.
- SABINO, Fernando. *Gente*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.64.
- SANDRONI, Tânia. *A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector*. Tese de doutorado, USP:FFLCH, Departamento de teoria literária e literatura comparada, 2018.
- SIEBERT, Silvânia. *A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014.
- VERGARA, Anelize. *Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938- 1939)*. Dissertação de mestrado. Assis: Unesp, 2014.
- TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *Uma cosmopolita nos trópicos: a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950)*. Dissertação (Mestrado Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro, 2018.
- WOOLF, Virgínia. Capítulo III. In: WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Imagem 25: Coluna "Entre mulheres"

UM RETRATO DE MULHER

Teresa Quadros

"Sarah Bernhardt tem toda a encanto de uma maturidade ainda fresca, com modos autoritários de criança mimada. Uma vez que se lhe dá a atenção que ele exige, o seu sorriso desipa todos os nervos. Seus roupas e jóias, embora não sendo exatamente deslumbrantes, são, no entanto, de muita beleza. Outros em tanta magra, seu corpo adquire certa elegância, e o brilho de sua pele prova que não foram inúteis os seus estudos de arte da pintura moderna. Os efeitos delicados que certos pintores da escola francesa conseguem, dando à carne as cores suaves de marango e creme batido, pintando sombras pálidas ou de um rubro resplandecente, Sarah Bernhardt as obtém no seu próprio rosto. Dá fagulhas do mais vivo rosado às orelhas pequenas, deixando-as aparecer de modo sutil entre as cachos da cabeleira castanha. Cada covinha tem sua sombra rósea. Os dedos de Sarah têm um tom suave que parecem da mesma matéria transparente que as lílabas rosadas das orelhas através das veias delicadas, imagino se ver a luz circular. Até a curva dos cílios lânguidos, as faces são ovaladas como um pérego. Ela é bela, de acordo com o ideal de sua escola — a invariável da ponte de vista humana. Essa irreversibilidade, porém, é logo esquecida por substituição ao modo tão espiritual, tão fino como ele desempenha os seus papéis, e também porque se exhibe com uma vivacidade tão graciosa que não é possível olhá-la sem alegria." — (Bernard Shaw).

Rosto Novo em Alguns Instantes

Embora moça, há dias em que o rosto parece fatigado, escurecido. Se isso lhe acontece com frequência, procure descobrir o que há de errado no seu regime de vida. (Alimentação pouco racional, excesso de preocupações, etc.).

Mas suponhamos que você precise ir a uma festa ou a qualquer outra reunião, onde queira "estar bem". Naturalmente não poderá eliminar às pressas o motivo real de sua aparência cansada. Poderá, no entanto, em alguns instantes, "levantar" o rosto, dar-lhe maior vivacidade — e mesmo emprestar aos olhos aquele brilho que reflete ânimo novo.



As sugestões que se seguem são todas eficientes. Procure entre elas a que mais lhe convier.

1. — Fricção no cabelo, deslizando a mão. Molhe um puno em água bem fria, esprema-o e aplique-o no couro. Renove várias vezes a compressa. Você se sentirá imediatamente mais fresca e disposta. Nunca repita que se lida-lhe de boa, antes um "round" e extra, são substituído a esse rápido tratamento? Antes de entrar em novas lutas, experimente esse método.

2. — Pegar os dedos das orelhas entre os dedos e fricção-os até torná-los vermelhos. O rosto todo receberá novo influxo de sangue e ficará mais "vivo". 3. — Aplique compressas frias nas orelhas, um minuto para cada. 4. — Se o cansaço é do tipo "depressão", tome uma ducha quente seguida de jatos frios e fortes. Não demore sob o chuveiro. Tal ducha

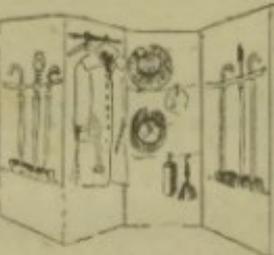
ativa a circulação, acorda o corpo todo, fazendo também com que desapareça do rosto a nuvem de cansaço.

5. — Se, ao contrário, o rosto está fatigado por vasodilatação nervosa, substitua a ducha por um banho de imersão. Não passe muito tempo no banho, senão a cabeça sofrerá. 6. — Deite-se por quinze minutos, sem travesseiro, em quarto escuro. Mas conversei quinze minutos, pois, ao contrário, o rosto terá um ar mais cansado ainda, e vermelha.

ENTRE MULHERES

Ovo de Colombo, dirá você. Realmente, ideia é óbvia depois de descoberte... O bônus, que nunca deveria faltar num apartamento, pode ter duas faces.

Uma, para o altar das lutas, ornamentada a seu gosto. A outra, a face interna, pode servir perfeitamente de vestiário. Observe o desenho há lugar para guarda-chuva, bengala, cabide para impermeáveis e casacos, chapéus, escova de roupa "écharpes", etc. Chomemos esse bônus de "tripulante funcional", uma parte de paratê diviário e de vestiário.



APRENDENDO A VIVER

Você também está transbordando? Então faça exatamente o que você faria com sua criança. Tire-a imediatamente do fogo. Há vários modos de tirar a criança do fogo. Um deles consiste em adiar por uma semana a resolução de seus problemas. Ato como se eles não existissem. Há poucos problemas que não possam esperar uma semana. Quem sabe, você terá a surpres-



sa de ver que eles se resolvi-ram sozinhos. — Aprenda a

mesma semana para deixar de lado pensamentos e sentimentos que "fazem feio", com ambições, sonhos impossíveis, ressentimentos, etc. — E, como um geral que quer atingir o alvo mesmo longe por uma semana se mesmo ter seu próprio problema, que ignorante, até mais distraído. No fim da semana, a água da chuleira sobe um pouco, estado de nível — você terá restabelecido o equilíbrio.

MEIA ESTAÇÃO

Puede preparar este "vestido" de esporte-festa para qualquer ocasião de cultura clara e elegante. É "moderno", útil, confortável, bonito, elegante e bonito. Sugerimos ao confeiteiro um "do Paris". É a "meia estação", o "chapeu" que vem com ela de qualquer parte.



Aguardem a reabertura de
CASABLANCA
a "boite" que a cidade chic espera

Imagem 26: Coluna "Por esse mundo de Deus"

Pot este MUNDO de DEUS

A revista "Settimo Giorno" diz, em sua reportagem, que Juliette Greco, além de ser forçada a tomar um banho, teve que suportar, no Rio, a corte do barão alemão Max von Stuckart. Diz, também, que um milionário sul-americano deu um "Cadillac" à muse do existencialismo. Ambas as notícias parecem inexatas. Pelo menos, o "Cadillac" em que Greco passou para fotografias era da propriedade de Jean Manzon.

O "Daily Graphic" traz uma notícia turística sobre o Brasil: "Uma terra romântica e de contrastes". — "Nada menos de um terço do país é de selvas mas o Rio é uma cidade moderna."

CARTAS DE AMOR E DE AMIGO
QUATORZE cartas de Lienda a seu mais íntimo amigo, Joshua Fry Speed, foram vendidas à biblioteca histórica de Illinois por 35.000 dólares.

CASOS DE POLÍCIA
EDMOND Vastolova matou por piedade a mulher com quem vivia. Ela sofria de uma doença dolorosa e incurável. Ele tentou suicidar-se após a sua gesto. O julgamento causou sensação e despertou simpatia pelo criminoso, em Roma. Declarou a réu: "Não me importam a minha sorte. Tudo que espero é reunir-me à minha mulher, o mais breve possível, em um mundo melhor." O tribunal o condenou a 5 anos, 2 meses e 20 dias de reclusão.

O tribunal de Alexandria condenou um operário a dois meses de prisão por ter beijado a força, na escada, a mulher de um vizinho.

O doutor Wendell L. Higgins (Miami), especialista de doença dos olhos declarou um Congresso médico que a televisão é nociva aos olhos. Os sintomas disso são de tal forma evidentes que se poderia falar de um "olho televisivo" — acrescentou ele. E mais se requirir: concluiu: ninguém deve se colocar a menos de dois metros de um aparelho de televisão; as crianças não devem ver televisão mais de meia hora por dia.

O professor russo Chataleia declarou, através de rádio de Moscou, ter assistido pessoalmente à invenção do rádio. 33 anos atrás, Marconi foi um inventor vulgar. Foi o russo Popov quem inventou a radiotelegrafia.

SEGUNDO dois médicos de Moscou, uma simples dor de pescoço pode ser o sintoma de 43 doenças.

UM cientista russo experimentou um novo elixir de longa vida; repetir no organismo um pouco de epiderme humana de um animal, um pouco de folha caída das árvores durante o outono e um pouco de levedo desidratado.

NA Itália, um "homem ladrão" furrou 100 mil liras de um convento de carmelitas discórdia. Voltando depois no convento, confessando-se com o prior, restituindo o dinheiro e fazendo um óbito pessoal para os monges.

DIVÓRCIO
INTERPRETANDO uma lei de divórcio, a suprema Corte de Los Angeles acusou um operário de bigamia. No entanto, desde 1949, estrelas de Hollywood vivem se engajando no mesmo caso judicial. Entre eles, Frank Sinatra e Ava Gardner, Bette Davis e Gary Merrill, Mickey Rooney e Martha Vickers.

MAX KORNHARR, 70 anos de idade, de São Francisco repeteu divórcio, depois de quatro meses de casado, alegando que a mulher, 70 anos, não lhe conta toda a verdade: disse-lhe que costava apenas 50 anos. O juiz negou o pedido; diz-se casado "pelo que a mulher apresenta e não pelo que era".

CIÊNCIA
UM médico argentino sugere novo tratamento da asma: "plantar bananeiras" — o sangue irriga a parte superior dos pulmões.

ESPORTE
VAI ser apresentado ao parlamento belga uma lei considerando a "doz" um esporte de semana.

UM jogo entre Newcastle e Blackburn Rovers, na Inglaterra, estava 1 x 1. No fim do jogo, há um-penalti contra Blackburn Rovers. Newcastle precisava do "gol" para classificar-se. Quem bate? Nenhum dos jogadores queria tomar a responsabilidade. "Eu não! Pelo amor de Deus!" — era a voz geral. Foi preciso que a imprensa intervisse com sua autoridade.

CINEMA
UMA lei americana da cidade americana que passa no estratopéio de sessete meses em decóito, está livre do imposto de renda) é a causa da permanência decorada de vários atores e atrizes de Hollywood no Europe e de filmes rodados fora da América.

O produtor das Ilhas de Terran se queixa da alta de preços: os músicos custavam 2 dólares por dia (constant 13 atores); os cientistas custavam 1.200 por semana (constant 3.000); e os lobos saíam pela hora da noite, a 50 dólares por dia.

EM Montreal, um rapaz de 23 anos de idade confessa e publica ter sido o autor de vinte e quatro homicídios. Motivo não justificado; não tinha conseguido entrar para o Corpo de Bombeiros.

RIO, 15-5-1952 ☆ COMÍCIO ☆ — PAG. 13 —

Fonte: "Por esse mundo de Deus" O Comício, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 13.

A Semana da Cidade

Cinema

"Tico-Tico no Fubá", com merecido prestígio, valorizado por uma segunda semana de cartaz. Do Zéquinha de Abreu, muito pouca coisa. Almas Zéquinha era uma "basseti" da música popular. Sua obra era infinitamente menor que o seu sucesso.

De qualquer maneira, o filme em sua homenagem é bom, foi feito com vontade de atuar, com o que de melhor tem o Brasil em matéria de artistas.

Durante a filmagem acidentaram vários notáveis, nos estúdios da Vera Cruz. Tônia Carrero passou cinco meses estudando equitação e alta escola, para fazer seu número de circo. Como havia pressa, e Tônia ainda não estava muito bem "equestrada", foi contratado um sargento de cavalaria que por sinal tem o sorte de se parecer muito com ela (de longe). O sargento foi filmado, mas afinal Tônia mesma mês e número, tendo de suportar, com sua roupa sumária de moça de circo, 2 graus abaixo de zero, em São Bernardo, e sorridos.

Mais triste foi o que aconteceu com o sargento. Ficou, lá entre os colegas, com o apelido de "Branca" ou "Branquinha". Depois de algumas semanas, conseguiu transferir-se de companhia.

Uma cena que teve de ser filmada várias vezes foi aquela em que os tico-ticos aparecem comendo fubá. Em primeiro lugar foi preciso cascar tico-ticos. Foi difícil. Mais difícil foi fazer com que eles comessem fubá. Da primeira vez, voaram, porque estavam muito bem alimentados. Da segunda vez foram obrigados a passar um dia de fome, e a galinha coberta com um pano preto, para eles não se acostumarem. Quando o pano foi retirado, na hora da filmagem — os bichinhos estavam mortos, de fome e de frio... Parece que o "truc" final foi amarrar as patas dos passarinhos com pequenos fios de elástico invisíveis.

Carlos Tibiri (que é marido de Tônia Carrero) conta que a família de Zéquinha, que assistiu à filmagem e viu trechos do filme, ficou muito amiga de Maria Prado, que faz o papel de es-

póca de compositor. Mas se negava a cumprimentar Tônia — e lhe deixava olhares furibundos, dizendo:

— Ela é Branca, amante do falecido.

Mas a semana que passou trouxe um filme verdadeiramente grande: "Um lugar ao sol", tirado do grande romance de Theodore Dreiser "Uma tragédia americana".

O cronista Dêcio Vieira Citrini é que revela a melhor história sobre a filmagem de Elio de Dreiser.

"A primeira vez que se tentou (aqui a palavra pode ser tomada na sua legítima acepção) levar a história para o cinema, foi em 1920. A mesma Paramount, que nos deu as duas versões subsequentes, encarregou Sergei Eisenstein de escrever o "cenário", que seria por ele mesmo realizado. Pel ao espírito da obra de Dreiser, o genial criador do "Potemkin" enviou aos produtores executivos da Paramount os manuscritos e não creio que haja qualquer argumento que demonstre melhor a autenticidade da obra de Dreiser (e a fidelidade da adaptação de Eisenstein) de que este diálogo, transcrito pelo crítico francês Jacques Doniol-Valerise:

— Clyde (no filme atual), Clyde se chama George Eastman) é ou não culpado na sua adaptação? — pergunta Bud Schulberg, então produtor-chefe da Paramount, a Eisenstein.

— Inocente — responde Eisenstein.

— Então sua adaptação resulta num monstrosidade ataque à sociedade americana... Mas preferimos a simples história de um crime... ou uma história de amor, entre um jovem e uma moça.

O que se seguiu a este diálogo é fácil de prever: Eisenstein não consentiu em transformar o personagem central das novecentas páginas de Dreiser em um bonco apertado, e o manuscrito, encerrando uma das mais belas adaptações da história do cinema, foi definitivamente arquivada na biblioteca do Museu de Arte Moderna de New York, com a data de 9 de outubro de 1926.

Teatro

A semana passou sem nada de importante nos teatros. Aliás, há muito tempo que não acontece nada nos teatros, salvo com os dois ultimamente construídos. Ambos estão na Galeria Alaska, novo túnel particular de Copacabana, onde já existe uma boite — Perroquet — inaugurada um dia desses, e tendo uma decoração que pode não ser brilhante no sentido

de qualidade, mas que o é no sentido de brilho propriamente dito.

Os dois novos teatros, um com 400 lugares e outro com 600, foram comprados por: a) Renata Fronzi-Cesar Ladeira e b) Colé Santana-Celeste Aida. Todos os quatro apareceram muito nos jornais, assinando contratos, firmando promissórias, rubricando compromissos. Ao

fundo via-se o sr. Henrique Dodsworth, patrono do Barão da Prefeitura, que hipotecou tudo e todos.

Vasto e aplaudível é, portanto, o progresso do teatro brasileiro. Não só os boncos já se arriscam a financiarlo, como também seus novos donos e empresários não precisam mais assinar em cruz.

Disco

Como a semana passada era a primeira do mês, muitos discos foram lançados no mercado. Logo nos primeiros dias de seus contatos com o público, porém, alguns deles tornaram-se mais populares, dando margem a que se pudesse prever quais as músicas que serão mais ouvidas no mês de maio.

"Domino", por Jorge Goulart, "Coimbra", por Esther de Abreu, "Flor da Lapa", por Brnani Filho, e o disco voador, do repórter João Martins e do fotógrafo Ed Kefel, foram os discos mais procurados no Rio de Janeiro. O primeiro é exclusivo da Con-

tinental, os dois seguintes da Sinter e o último dos "Diários Associados".

De todos, sem dúvida, o disco voador foi preferido, embora não tivesse a repercussão que esperavam os seus autores. E é justamente nesta questão que tem razão os nossos compositores populares, quando se queixam que os discos estrangeiros são mais difundidos que os nacionais. Sim, porque o disco voador é estrangeiro. Mais que isso até: é estrangeiríssimo, é mitológico, é interplanetário. E se alguém duvida, basta atender para o fato dele ter sido visto na Barra da Tijuca, local que, de ordinário, é frequentado apenas por turistas.

Exposição

Exposições houve muitas. De automóveis, de vestidos, de fotografias, de pintura. A melhor de todas ocorreu (e está ocorrendo ainda) no Museu de Arte Moderna, onde pintores e gravadores nacionais exibiram seus melhores trabalhos.

Nessa mesma mostra, Ylén Korp foi premiada. Sua obra foi considerada excelente, e por isso o artista irá à Europa, para passear com Sr. Germain des Prés, motivo pelo qual já vem cultivando o "indispetível" cavambaqu e existencialista.

No setor das fotografias a exposição foi inaugurada sábado passado, na Associação Brasileira de Arte Fotográfi-

ca — ou ABAP, se preferem. Dessa vez a mostra reúne artistas austríacos e a cerimônia de abertura contou com a presença do representante diplomático da Austría no nosso país e do ministro João Neves da Fontoura.

Expôs, também, o senhor Hugo Gouthier. Só que o fez de forma diferente. Isto é, expôs-se a si mesmo nas páginas de uma revista elegante. O referido cavalheiro, que é diplomata nacional junto ao governo norte-americano, foi homenageado de forma singular. Tal como o senhor Ataulfo de Paiva, que

é, ainda em vida, uma avenida do Leblon, o senhor Gouthier tornou-se uma estrada no Estado de Virginia. É verdade que no caso do senhor Paiva a coisa é aplicável, pois o homem é imortal, sob diversos aspectos, o que desbriga a municipalidade de maiores esperanças. Para a homenagem ao Gouthier, entretanto, não temos explicação, embora estejamos certos de que, com a sua "exposição" na revista ará-fica, o nosso diplomata candidatou-se facilmente ao Prêmio Nobel de Modestia.

SERGIO PORTO

Imagem 28: Coluna "Os dias do presidido"

Os dias do PRESIDIDO

DOMINGO, 4 — As assembleias legislativas do Espírito Santo e do Ceará resolveram felicitar o general Dutra pela sua atitude "serena e patriótica" na questão do petróleo. A homenagem, no caso, é perfeitamente justa. O que não impediu alguém de fazer o seguinte comentário sobre a onda de simpatia que vai crescendo para o lado do general Dutra:

— "O governo do Getúlio está tão bom que todo mundo começa a simpatizar com Dutra".

Entretimentos, Barnabé espera aumento.

SEGUNDA, 5 — Um larrador, na Alta Sorocabana, ficou muito contente ouvindo pela Rádio Nacional os discursos do Presidente Vargas e da Governadora Vargas sobre a proteção à lavoura. Depois pegou a algodão que colheira e foi vender na cidade. Quando soube que Anderson Clayton e Matarazzo não pagaram a mais de 76 a arrôba (e olhe lá) voltou para o sítio e incendiou a plantação.

Entretimentos, Barnabé espera aumento.

TERÇA, 6 — O cronista F. M. C. saiu da redação do "Diário Carioca", Avenida Rio Branco, 25. Ficou exatamente 55 minutos (de relógio de pulso) na fila esperando qualquer condução: ônibus, lancha ou taxi. Ao fim desse tempo, murmurou baixinho várias palavras feias dirigidas às autoridades que desorganizam o país e resolveu entrar num bar para beber e esquecer. Nota: "Havia um retrato da velha na parede".

Entretimentos, Barnabé espera aumento.

QUARTA, 7 — Na estação de Sampaio havia um peru que estava sendo assado no forno de uma padaria. Era o peru para ser comido em um casamento, e a família da noiva não tinha forno que desse para assar peru. Chegaram a padaria uns fiscais e apreenderam o peru. (Há uma lei importantíssima que proíbe peru de ser assado em padaria). Depois apareceu a noiva querendo saber o que havia com seu peru. Os fiscais recusaram e foram condescidos para o casamento.

Entretimentos, Barnabé espera aumento.

QUINTA, 8 — Uma notícia mal cheirosa no "Diário Carioca": "No Parque Proletário número 2, na Avenida Brasil, os fiscais se elevaram a 10 centímetros. O proletariado, alito, pede para que se não faça marola. O sr. Lafer diz que o povo é responsável pela alta do custo da vida. O senador Alencastro diz que "a grande maioria nem pensa mais em viver, mas em sobreviver".

Entretimentos, Barnabé espera aumento.

SEXTA, 9 — Uma negra chamada Conceição mora no morro da Cantagalo, sustenta a filha de 1 ano e o filho de 2. Apesar de estar nas últimas semanas de gravidez ainda desce o morro com a lata para apanhar água. Entrou no quintal de uma casa em Ipanema: o porteiro costumava deixar que ela apanhasse água ali. Mas o porteiro não estava, e o dono da casa prendeu a mulher, dizendo: "é você que anda roubando meu quilo de carne!" Pa-lícia, ingrata. Mas até os "tirax" se condescerem (eles também são gente, e alguns são barnabés) e uma advogada conseguiu libertar a mulher. O jornal diz que Conceição estava inocente, tanto assim que não levava o quilo de carne. E se levasse o quilo de carne, Conceição também não estaria inocente?

Entretimentos, Barnabé espera aumento.

SABADO, 10 — Governador continua uma ilha. É verdade que fizeram uma ponte. Mas Governador está separada do continente pelo preço do ônibus gratiosamente aumentado: Cr\$ 4,50. Quilze mil pessoas atravessam a ponte a pé diariamente, inclusive as mulheres grávidas que vêm ser examinadas e as mães com filhinho na colo que frequentam o Hospital Paulino Werneck.

Os Telegrafos fazem 100 anos mandando telegramas por arado para Belo Horizonte e por trem para S. Paulo. O senador Vitorino sugere a 20% de pombas-carreio.

Barnabé espera aumento.

☆ COMÍCIO ☆ RIO, 15-5-1952 — PAG. 12 —

Imagem 29: Coluna "A semana em São Paulo"

BANQUETE

A história já é meio velha, mas vale a pena ser contada. Há coisa de um mês, o sr. Ademar de Barros e sua illustre senhora festejaram suas bodas de prata. Na Assembleia Legislativa, o líder da Coligação Intepartidária, sr. Paulo Teixeira de Camargo, e mais 51 parlamentares, enviaram à mesa uma moeda de júbilo pelo acontecimento. A Câmara Municipal, mais frenética, aprovou "um voto de intenso júbilo" pelo mesmo motivo. Mas alguns vereadores da oposição justificavam seus votos em sentido contrário, tendo o sr. João Sampaio, da F.R., alegado que se trata "de um episódio vulgar da vida doméstica, que não tem nenhum interesse público".

Comemorando as bodas de prata, houve um grande banquete na Facacemba. Vieram, especialmente para dele participar, o sr. Café Filho, vice-presidente da República, e o sr. Horácio Lacer, ministro da Fazenda.

No dia do banquete, um amigo nosso, que é alto funcionário, tomava o seu uísque no "Mappin", fazendo horas para ir ao Facacemba. Pessoas da rede instaram com ele para que desistisse da ideia.

— Lamento muito, mas não posso — respondeu. — Tenho que ir. Vocês sabem como são essas coisas: quando a gente comparece, passa despercebido; mas se deixa de ir, todo mundo nota...

Parece que foi muita gente ao Facacemba. Para que ninguém se esqueça...

A SEMANA EM SÃO PAULO



CONGRESSO DE ESCRITORES

A Sociedade Paulista de Escritores (nome atual da antiga Associação Brasileira de Escritores de São Paulo) está promovendo o III Congresso Paulista de Escritores, a se realizar na primeira quinzena de julho. Para isso formou-se uma Comissão Organizadora constituída dos seguintes membros: Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Paulo Mendes de Almeida, sr. Maria José Dupré, Arnaldo Pedross d'Hirta, Cesar Arruda Castanho, Paulo Zingari, Luis Martins, Alcântara Silveira, Antonio D'Elia, João Araújo Nabuco, Océlio Aranha de Arruda Campos, David Antunes, (sr. Francisco) João de Souza Ferraz (pse Linreira) Heitor Pinto Ferreira (pse São José dos Campos) Ney Guimarães (pse Santos) Joaquim José de Oliveira Neto (pse São José) da Boa Vista.

3.º ANIVERSÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA

O Museu de Arte Moderna prepara uma exposição sobre a pintura de 1922, que está sendo organizada pela srta. Eva Ferreira e s. C. Circunstantemente será realizada uma exposição bibliográfica de 1922 na Biblioteca Municipal.

Essa exposição da Biblioteca vem como que dar à Semana, que iniciou revolucionariamente e mantendo modernista do Brasil, uma consagração oficial. Os homens de 1922 ocupam hoje posições destacadas na literatura e na arte, e até mesmo na Academia Brasileira de Letras (Miguel Baudela, Ribeiro Couto). E os jovens já pensam em realizar uma semana ciente 1922.

Sucursal de **Comício**

EM SÃO PAULO:

Direção de **LUIS MARTINS**

E. S. I. — RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 233 (SALA 307)

Fonte: "A semana em São Paulo" *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 1, 15 de maio 1952, p. 19.

Imagem 30: Capa *O Comício*

Comício

SEMANÁRIO INDEPENDENTE — Direção de JOEL SILVEIRA, RAFAEL CORREIA DE OLIVEIRA e RUBEM BRAGA — CR\$ 3,00

HISTÓRIA DOS PARTIDOS

P.S.D.

SILENCIOSO, OBEDIENTE, CABISBAIXO

* REPORTAGEM NOTEXTO



JOÃO ALBERTO

O SOLDADO CONHECIDO

(REPORTAGEM DE JOEL SILVEIRA)

DE EISENHOWER PARA OS "GUERREIROS" DA AMÉRICA LATINA

ARTIGO DE RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA



ANO I * Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1952 * N.º 9

Fonte: *O Comício*, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 1



E apenas um pai sentimental, que vê o sono do filho mais velho

para ficar uns meses nos Campos Eliseos. Getúlio concordou ("tinha mesmo que concordar, porque o meu prestígio junto a tropa era imenso"), e durante quase meio ano João Alberto, entricheirado no palácio, sofreu o rancor dos paulistas indignados e humilhados que queriam um interventor "civil e paulista". Aquela tenção grande, de falta mordax e perneiras lustrosas, sentado no trono de Estado, era visível que todos os dias deixava os paulistas de coração sangrando e João Alberto desolado. Mas quando João Alberto deixou a interventoria, meses depois, uma banda de música foi levá-lo à estação, e algumas damas da sociedade chegaram a lhe entregar, no trem, um ramallete de rosas.

COMO PERSONAGEM DE ANEDOTAS VENCEU O PAPAGAIO

Quando rebentou a revolução paulista de 32, João Alberto foi feito chefe de Polícia do Distrito Federal. Abafou energicamente ("mas sem sangue", alguns fofos caricatos simpáticos aos constitucionais de São Paulo, e, nas horas vagas, se distraía passando "brutes" nos amigos acordava-os noite alta e os intimava a comparecer incontinenti à Polícia Central. Como era tempo de grossa merida política, todo mundo se julgava vítima de denúncia e intriga — mas quando os amigos somolentos e nervosos chegavam à polícia, João Alberto formava com os filhos uma mesa de pôquer que ia até o raiar da aurora.

Entre 1930 e os dias de hoje, João Alberto ganhou vários empregos importantes e fartos, mas é de dizer que o melhor de todos foi o de chefe de Polícia. E se a gente perguntar por quê, ele responderá: "Pela soma de autoridade que me dava". Em 1933, João Alberto é deputado à Assembleia Constituinte, depois foi nomeado Inspetor de Legações e Consulados, ótima segurança que lhe permitiu viajar o mundo inteiro ("eu me sentia um Marco Polo com pagaparte diplomático") durante dois anos inteiros. Em 1934 foi feito Ministro Plenipotenciário de 1.ª classe e, em 37, encarregado de Negócios em Buenos Aires. Ainda em 1937,

seguiu para a Europa na qualidade de representante do Brasil junto ao Comitê Econômico e Financeiro da Liga das Nações, e só voltou ao Brasil em 1939, quando nomeou a guerra, para dirigir o Conselho Federal de Comércio Exterior e presidir a Comissão de Defesa da Economia Nacional. Mas via-ja novamente em 1940 ("Getúlio me disse certa vez que gostei de me mandar em comissão ao Exterior porque o dinheiro que eu gasto acaba voltando") quando é nomeado primeiro ministro do Brasil no Canadá. Foi, em seguida, Coordenador da Mobilização Econômica, em 1941, e presidente da Fundação Brasil-Central.

"De todos os cargos que ocupei, a Mobilização foi o pior", diz ele. "As anedotas da rua me pintavam como um rapace e um incompetente, e eram tantas que, em matéria de piada, pude competir com vantagem com o papagaio". João Alberto diz mais que o governo, criando a Mobilização Econômica, incumbiu-a de uma tarefa impossível — a de estabelecer os preços em plena guerra". Disse-se que João Alberto estava enriquecendo com as especulações e negócios fáceis, e que o seu pé de meia andava pela casa dos milhões. Lendas que ele deve ter recordado com profunda amargura quando, em 1951, teve que consagrar dois bancos reforma de toda uma fornada de promissórias cujo vencimento o encontrou quase sem tostão.

Disseram dele, por exemplo, que havia comprado o edifício de "A Noite", que monopolizava o comércio de charque, que se dava sal aos pecuaristas em troca de pezuñas gordas, que não assenava saturação de compra ou venda sem receber o seu "por fora", etc. Ainda já em 1930, logo depois da revolução, já haviam dito dele que controlava o comércio minuto dos abrigos de bombeiros recém-inaugurados — e que quis a má língua carioca apelidou, em homenagem a João Alberto, de "tamulão de soldado conhecido".

O TERCEIRO 29 DE OUTUBRO

Em outubro de 1945, quando Agamenon Maga-

lhas lhe propôs trocar a Chefia de Polícia pela Prefeitura, João Alberto compreendeu que Getúlio pretendia fazer qualquer coisa, no sentido da própria sobrevivência política, para o que precisava de um novo chefe de Polícia. O escolhido foi o major Henrique Vargas, a quem João Alberto passou a Chefia às 3 horas da tarde do dia 29, que foi o terceiro 29 de outubro importante e decisivo de sua vida. Mas já às cinco da tarde os tanques do general Alcide Souza demitiram sumariamente não só o novo chefe de Polícia, mas o governo todo, a começar pelo próprio Getúlio.

Diz João Alberto que a princípio se mostrara favorável ao movimento "pro-Constituinte", mas achava que o mesmo só poderia ser vingado no campo do ano de 45, e não em setembro, quando o governo o endossou. E por várias vezes advertiu os homens do Café de que o Exército não consentia de forma nenhuma, no espírito de um movimento já dominado pelos comunistas. Como chefe de Polícia, ele sabia o que estava dizendo. E os episódios posteriores lhe deram razão.

PREOCCUPADO COM SCHUMANN E COM A BARRIGA

O governo Dutra não quis muita coisa com ele, mas de qualquer maneira João Alberto passou uns tempos na presidência do Conselho Nacional de Imigração, até que foi eleito vereador. Tenções, então, entrar de rigo na política do Distrito Federal, mas acabou, conforme declara de estômago embulhado". Renunciou à verança, e participou com o crédito pessoal e o capital dos outros dos mais diferentes negócios: foi dono de um conglomerado de sociedades com Benjamin Caboto, dirigiu uma empresa de transportes e comprou com os amigos, por nove milhões de cruzeiros, uma empresa de aviação, a Transcontinental. Era um mau negócio, e ele diz que "tudo só se compra mau negócio". Mas a desvalorização da moeda acabou transformando o mau negócio num negócio ótimo — e três anos depois João Alberto pode vender a Transcontinental por dezesseis milhões, com os quais pagou todos os acionistas e saldou algumas dívidas mais imediatas. Deve hoje pouco, mas ainda deve e continua a manter bravamente uma situação deficitária que lhe tem sido a constante de toda a vida.

Atualmente João Alberto está novamente em grandes funções: é Diretor do Departamento Econômico e Financeiro do Itamarati, e a serviço do novo "job" acaba de percorrer toda a Europa, chefiando uma delegação de industriais e comerciantes brasileiros: uma semana na Suíça, duas semanas na Alemanha, uma semana na Suécia, uma na França e duas na Itália. "A coisa melhor da Europa continua sendo a Itália; mas como eu não me impressionei com a reconstrução industrial da Alemanha".

João Alberto de Lima e Barros é hoje um resistente cidadão de 55 anos de idade que mora num dos apartamentos do anexo refrigerado da Copacabana-Palace e vive preocupado — a) com o livro de reminiscências que está escrevendo; b) com o mundo da pintura. (Conclui na página 11)

DE EISENHOWER PARA OS "GUERREIROS" DA AMÉRICA LATINA

A situação política internacional não é tão simples e fácil como pensam os famosos guerreiros da nova grande imprensa. O conflito generalizado que colocava as forças do Ocidente e do Oriente na esquadra de uma decisão militar, poderia ter consequências catastróficas, ainda mesmo que a Rússia fosse vencida e o governo soviético destruído. E que as contradições do mundo ocidental não encontrariam naquela derrota e na derrota do Eixo as injúrias sociais que separaram as nações do Ocidente.

Os homens que vivem em termos da era viciosa, pensam, talvez, que a derrota da Rússia seria o processo de colonização do Oriente e que o centro político do mundo, firmemente estabelecido em Washington, garantiria, por seus senhores viciados, os privilégios de classe, raça e sexo, que consolidam os aspirantes negativos da massa civilizada.

A verdade é que as consequências da guerra são imprevisíveis. Nem a guerra é tão fácil como pensam os "guerreiros" da nossa imprensa. Neste momento as forças aliadas julgam imprescindível o esvaziamento da Alemanha por uma massa militar soviética. Mas a França e a Inglaterra fazem resistir a esse detalhe táctico porque não cediam na soberania das alemãs. E o governo de Bonn, muito logicamente impõe condições de independência e soberania para entrar-se na máquina de guerra ocidental. Na estância as condições do governo de Bonn são impostas também nos Estados Unidos pelo grupo financeiro que se apoia de quase toda a indústria alemã. Se é concedida a soberania que o sr. Adenauer reclama, evidentemente as organizações industriais alemãs voltarão a reclamar seus direitos à vida em prejuízo dos interesses da capitalização americana.

Seria interessante a mobilização de um exército mercenário na Alemanha, sob o comando de oficiais americanos. Mas isso não é possível. Há muito tempo que Carlos V deixou de ser imperador do Santo Império Romano.

Como resolver, pois, o problema de defesa militar da Europa? O sr. Taff azela que se a arma ataca pode castigar a Rússia. O sr. Chester Bawick, colômbio que e precisa em quietar a confiança do Oriente, através da Índia, onde "uma cruzada vale mais do que um canhão". Os magnatas de Wall Street, julgam que é imprescindível a presença de um exército americano na Europa por razão dos investimentos que o governo de Washington tem feito na velha continente.

Se fossemos articular aqui a série de diferenças, interesses contraditórios e problemas de sobrevivência nacional que desafiam a boa vontade dos soldadinhos acabariam-se notando que tais discussões não são menores do que as razões de conflito com o Oriente.

A presença da União Soviética, portanto, com a ameaça de seu expansionismo revolucionário, constitui agora a maior força de coação e unidade política do Ocidente. A guerra só poderia sempre esse equilíbrio, fosse qual fosse o seu desenlace.

Os ingleses vêem isso claramente. Os ingleses que estão sendo espremidos em camara lenta pelo desenvolvimento irreversível da economia norte-americana, sabem que a guerra não traria a Europa nenhum benefício. E sabem ainda que a semi-independência dos países europeus após a guerra, ficaria reduzida a puro colonialismo. Por isso os ingleses reagiram contra o bombardeio das usinas de Mandchúria e continuam a manter contatos com o governo de Pequim.

Não é possível examinar o panorama político da nossa nação sem a referência às galinhas encarceradas da América Latina, caindo vez após vez e sobras de sementes com que eschoem o papo. E' necessário ler, ao menos, a cartagem de não ignorar o que se fala e se faz nos centros políticos que pretendem dispor das destino humanas.

Parceira-nos, assim, que o general Eisenhower, candidato possível à presidência dos Estados Unidos, deve ser ouvido e ouvido. Pois é na carta desse grande soldado ao sr. John Foster Dulles, sobre a política internacional norte-americana, que encontramos admiravelmente sintetizada a causa do grande conflito de interesses que nos pode conduzir a terceira guerra mundial, eis o general Eisenhower: "Preocupamos desdois que nenhuma potência estrangeira poderá afetar, nos nos regimes que no mundo são necessários à saúde, força e desenvolvimento de nossa economia".

Esta sim é a causa fundamental da crise. Quanto à civilização ocidental, ou a liberdade democrática, ou as generosos impulsos humanos deixemos que sobre tais bondades encarejem as galinhas guerreiras da América Latina.

Porque se a guerra vier e os brasileiros tiverem de lutar, não tenham dúvidas mais sobre as objetivos da façanha. — morreremos gloriosamente pela "saúde, força e desenvolvimento" da economia norte-americana, nos termos claros, firmes, diretos da carta do general Eisenhower ao sr. John Foster Dulles, publicada no "Times" de Londres, edição de 25 de maio passado, página 4, site da sétima coluna.

RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA

Imagem 32: As colunas "A semana do senado" e "O leitor escreve"

Semana do Senado

Uma Agressão a Cuspo Que, Depois de Passar Pelos Canais Competentes, Ameaça um Modesto Postalista

QUANDO o coronel Rui de Almeida cuspiu num jornalista, na Câmara dos Deputados, o Comitê de Imprensa do Senado, como era natural, enviou àquela salivoso deputado um telegrama de protesto, por sua atitude amplamente criticada em todo o país.

O coronel recebeu o telegrama, leu-o e disse lá com os seus botões: "Isso não fica assim, não".

Que fez então o homem?

Usando as prerrogativas do cargo que ocupa, de 1.º Secretário da Câmara, enviou ao Senado um ofício "solicitando providências a respeito do telegrama que lhe foi enviado pelo Comitê de Imprensa, contendo termos injuriosos".

O circunspeto ofício do coronel foi parar na Comissão Diretora do Monroze, que, pacientemente, designou um relator para opinar sobre o assunto. O relator, senador Valdemar Pedrosa, na 11.ª reunião da Comissão Diretora, "opinou no sentido de ser remetido processo ao sr. Diretor Geral, a fim de que mande tomar por termo as declarações do funcionário da Agência Postal Telegráfica que fez a expedição do referido telegrama".

ÉIS aí de como se demonstra que a corda arrebenha pelo lado mais fraco.

O coronel cometeu um gesto inqualificável, cuspiu na cara do jornalista e agredindo-o a socos e pontas-pés, à sombra da Polícia do Palácio Tiradentes.

Não pomos em dúvida a bravura do impetuoso deputado petebista. O que pomos em dúvida é o direito de proceder como procedeu.

Mais duvidosa ainda é a sua atitude de considerar injurioso um telegrama de protesto que lhe mandaram os jornalistas do Senado, colegas do cuspiu e agredido, os quais tinham o dever da solidariedade, senão por motivos mais nobres, pelo menos em defesa de sua própria integridade. Protestando, como protestaram, os repórteres do Monroze punham de molho a própria barba, ou melhor: a própria cara, antes que se torne perfeitamente parlamentar, pela ausência de protesto, o cuspo do deputado Almeida.

Realmente, o telegrama enviado pelo Comitê não foi, ao que me lembra, dos mais amenos e gentis. Mas será possível que o coronel 1.º Secretário, depois de escarrar e patetar, esperasse dos jornalistas uma delicada cartinha de amor?

INFELIZMENTE, o que há a lamentar — como tantos lamentaram, na ocasião oportuna, e entre eles o vereador Gladston Chaves de Melo, num artigo vasado no mais legítimo estilo indignado — é que a Câmara, reunida para apreciar-lhe a surpreendente conduta, não tivesse tomado uma atitude de franca censura ao gesto incivil do deputado Almeida.

A Câmara preferia, antes, lavar as mãos, endossando, assim, as futuras agressões a cuspo que acaso chovam sobre nós todos, brasileiros sem inimizades, e a quem um existencialista francês que passou pelo Rio chamou "saliveuse population".

Coberto, assim, pela injustificada indulgência de seus pares, o coronel se julgou perfeitamente à vontade para empertigar-se no

protocolo e na autoridade do cargo que não soube honrar para estranhar, em ofício, que do Senado tivesse partido o telegrama dos jornalistas "em termos injuriosos".

O SENADO, recebendo o ofício, não o mandou arquivar, como seria mais sensato, mas encaminhou-o pelos chamados trâmites regulamentares.

E eis agora a Comissão Diretora se reunindo para tomar conhecimento da estranheza do coronel, e nomeando relator para propor sugestões, e determinando ao Diretor Geral que tome por termo as declarações do funcionário que recebeu o texto do Comitê de Imprensa.

Não sei em que cloaca máxima irão terminar essas graves canalizações. Com a pequena experiência da vida que tenho adquirido, ao longo destes trinta anos, receio, porém, que, ao fim de tudo, o Senado decida, solenemente, punir o modesto funcionário postal sobre quem se voltam, agora, as fúrias do coronel que cuspe. Leia-se a frase do sr. Baleeiro, na página ao lado (A Semana do Câncer).

Ora, a questão está mal colocada. Se o 1.º Secretário se julgou injuriado, aí está o Código Penal e aí estão os canais competentes da Justiça. Não lhe restava senão meter-se por suas visgas e beletags, disputando o sagrado direito de condenar os jornalistas que o injuriaram.

O que não me parece de todo razoável é que o Cel. ofício ao Senado e fete, para não queimar as mãos nas brasas, acabe investindo contra um modesto postalista cujo dever profissional é receber os telegramas que lhe apresentam, pouco importa se amorosos e dedicados, ou se malcriados e injuriosos.

VEJO agora que espichei um pouco demais a minha crônica, que não tem outro intuito senão denunciar o golpe que talvez se prepare, em surdina, contra o funcionário da Agência Postal Telegráfica do Monroze.

Estou certo que a Comissão Diretora não há-de concordar com qualquer punição que o parecer Valdemar Pedrosa esteja talvez sugerindo. De lá fazem parte homens que compreendem bem o absurdo que seria essa solução. A simples diligência para tomar a termo as declarações do postalista já me parece descabida. Em todo caso, está em tempo de a Comissão Diretora entrar por outro caminho, o único justo, e deixar em paz o funcionário da Agência Postal.

Seria muito triste que, depois de toda a tempestade em torno da agressão do coronel a um jornalista, sobrasse apenas a decisão de punir um pequeno e humilde "barnabé", que não tinha entrado na história, como aquele J. Pinto Fernandes, do poema de Carlos Drummond de Andrade.

Para evitar esse decepcionante desfêcho para a novela da cusparada é que aqui estou a escrever esta crônica, que devia ser toda dedicada aos transcendentes assuntos abordados, na semana passada, pelos nobres pais-da-Pátria.

Mais vale, porém, evitar uma injustiça, por mais pequenina e anônima que seja, do que teor algumas gracinhas sobre a visita do sr. Deas Acheson ao Senado da República.

ESCREVE O LEITOR

Sr. Redator:

Confesso-me leitor e admirador da seu notável semanário desde o primeiro número. Bem estavam precisando de um jornal com seu programa, para zuzir de perto esta colônia de calhordas que desde 930 vem ditando e envenenando este pobre Brasil, digno de melhor sorte.

Foi é que a seu "Comício" seja apenas semanário e sua forma de revista. Se fosse um periódico vespertino, seria mais procurado e seus efeitos mais contundentes.

Acontece porém que a página 10 do de ontem (Comício n.º 6) está estarcido um artigo sem assinatura sobre o l. A. P. E. T. C.

Será matéria paga? Só pode ser. Mas um jornal como o seu, que a gente já está acostumado de verdade, não pode aceitar uma coisa dessas! (.)

JOSE JARDIM LINHARES — RIO

R. — Tenha a bondade de ler a nossa editorial, na pag. 7.

Sr. Redator:

Parabéns pela sua reportagem sobre os Presidários de Anchieta. Realmente, a mim me parece que não há muita diferença entre os que estão de fora ou de dentro daquela prisão. Não houvesse crueldades cometidas pelos carcerários não haveria maiores atrocidades cometidas pelos presidários. Sua nota final toca ainda num outro ponto crucial do grande drama social brasileiro: os presidários não tinham a quem recobrar porque a casa de Pavao e imediações é tão pobre que os habitantes de casebres e malocas próximos vivem realmente na mais completa miséria.

TULIO SILVA DE ALMEIDA — RIO

Sr. Redator:

Precisamos concertar o sistema penitenciário brasileiro, é evidente (...). Mas, como consequência disso se a miséria e as condições (graves) em que vivem milhões de brasileiros equivalem a algo mais terrível do que um penitenciário mesmo e acaba por levá-los lá? A ilusão dos presidários evitados de Anchieta era de que aqui fora a coisa andava melhor. Não anda. Gerson Santa Rosa (lembre quem "Comício" publicou magnífica reportagem) que a diga.

MARIO FALBARES — RIO

FIGURÕES & FIGURINHAS

Sr. Redator:

Inda que a crônica de Otto Lara Resende, (A Ante-Sala da Figurão) esteja admiravelmente bem escrita e eu possa compreender perfeitamente o martírio das pessoas que possuem (tem vão) na ante-sala de um figurão, pergunto: a crônica já pensou, no drama do Figurão, éle próprio? Pois se o sr. Otto Lara Resende se colocasse no outro lado da questão seria que afinal de contas a sala do Figurão não passa, por sua vez, de ante-sala das Figurinhas. Que podem ser mais desajustadas mas são em muito maior quantidade. E mais cedo ou mais tarde o Figurão tem mesmo que abrotar-las, ou-las, prometer que resolve seus problemas, etc. O cronista poderia dizer que isso são os percalços de ser Figurão. Mas então eu responderia que esperar horas e horas da maneira como éle desceveva sua percalço de ser Figurinha. Em absoluto não quero defender o Figurão, não. Mas é que o cotidiano também tem lá seus sofrimentos. Eu sei. Eu sou um.

NARTO ASSUNÇÃO, (Pseudônimo) — RIO

R. — Falamos ao Otto. Ele diz que em todo caso preferia sofrer da luta de lá.

Sr. Redator:

Decepcionados reportagem como nasce uma lei protestamos tendenciosas referências ao venciado e insuperável deputado Campos Vargas paradigma equilíbrio honestidade e labor Parlamento Nacional pt autossim verberamos inqualificável absurdo distinção religiosa em matéria política de publicação que se diz democrática zuzir se "Comício" estiver a soldo LEC despitando com inclusão padre Medeiros Neto profanas tal projetores intitulados a parlamentares que dignificam mandado através real labor causa publica PT Aquardamos pronunciamiento editorial próximo numero a fim melhor situarmos PT (...). Orlando Corrêa, Fina Leite Corrêa, Assil Archon, Jesus Vicente, Elsa Rodrigues Salles, Joaquim Rodrigues Salles, Nair Araci Silva Leite, Adriana Lopes Garrido, (e outros).

R. — A esse e outros telegramas referentes ao mesmo assunto, os quais não podemos transcrever por falta de espaço "Comício" responde que mantém sua linha estimuladamente sem partidarismos. Quando criticamos um espírito não estamos atacando o espiritismo, assim como quando atacamos um católico não estamos criticando o catolicismo. Pedimos aos leitores supra assinados que não generalizem nossas opiniões. Não mesmo o faremos sempre que tivermos vontade de fazer críticas globais a entidades, religiões, crenças filosóficas ou partidos políticos. É preciso compreender isso, irmãos.



RIO, 11-7-1952 ☆ COMICIO ☆ PÁGINA 7

OTTO LARA RESENDE

Fonte: O Comício, Rio de Janeiro, edição 9, 11 de julho 1952, p. 7.